

Vera Lúcia Miranda Faillace

Catálogo dos
livros de horas
da Biblioteca Nacional do Brasil





Este catálogo reúne e identifica a coleção dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil. Embora a coleção abranja nove livros manuscritos iluminados, aqui são identificados apenas os oito livros produzidos no século XV. Quatro desses oito livros são provenientes da Real Biblioteca – Casa do Infantado, que veio para o Brasil em 1808, com a Família Real portuguesa, tornando-se o núcleo inicial da Biblioteca Nacional brasileira. A primeira parte, de cunho teórico e histórico, situa o período em que os livros de horas se inscrevem, destacando sua importância tanto no plano social quanto no desenvolvimento do sentimento de piedade no homem da cristandade medieval; e faz ainda um breve histórico da Biblioteca Nacional, depositária da coleção dos livros de horas, além de informar sobre a construção do catálogo. A segunda parte é o catálogo propriamente dito, que descreve os livros segundo as normas internacionais vigentes, de modo a propiciar o acesso, a divulgação e o intercâmbio de informações, e assim promover a valorização e a preservação desses bens culturais, tesouros de nosso patrimônio.



Catálogo dos
livros de horas
da Biblioteca Nacional do Brasil

Coleção Rodolfo Garcia
VOLUME 41

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Temer

MINISTRO DA CULTURA
Roberto Freire

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

PRESIDENTE
Helena Severo

DIRETOR EXECUTIVO
Luiz Fernando Zugliani

CENTRO DE PESQUISA E EDITORAÇÃO
Marcus Venicio Ribeiro

COORDENADORIA DE EDITORAÇÃO
Raquel Fabio

CENTRO DE COLEÇÕES E SERVIÇOS AOS LEITORES
Maria José Fernandes

COORDENADORIA DE ACERVO ESPECIAL
Mônica Carneiro Alves

DIVISÃO DE MANUSCRITOS
Luciane Simões Medeiros



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Catálogo dos
livros de horas
da Biblioteca Nacional do Brasil

Vera Lúcia Miranda Faillace (Org.)

Rio de Janeiro



2016

COORDENADORIA DE EDITORAÇÃO

Av. Rio Branco, 219, 5º andar – 20040-008 – Rio de Janeiro, RJ
editoracao@bn.gov.br | www.bn.br

EDITOR

Marcus Venicio Ribeiro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Raquel Fabio
Valéria Pinto

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS

Francisco Madureira
Valéria Pinto

REVISÃO

Rosanne Pousada
Valéria Pinto

ASSISTENTES EDITORIAIS

Janilda Souza
Taiyo Jean Omura

REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA

Otávio Oliveira

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS

Conceito Comunicação Integrada

FBN/DIVISÃO DE MANUSCRITOS

Ana Lúcia Merege Correia, Daniele Cavaliere Brando, Eliane Perez, Frederico de Oliveira Ragazzi, Igor Calaça Martins, Lúcia Helena Vieira Carvalho, Luciane Simões Medeiros, Maria de Fátima da Silva Morado, Monique Matias Ramos de Oliveira, Priscila Helena Pereira Duarte. Assistente operacional: Livia Peixoto Rocha

AGRADECIMENTOS

Célia Portella

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C355

Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil / Vera Lúcia Miranda Faillace (org.). - Rio de Janeiro : FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

200 p. : il. col. ; 18 x 26 cm. – (Coleção Rodolfo Garcia ; v.41)

Inclui bibliografia.

ISBN-978-85-333-0765-0

1. Biblioteca Nacional (Brasil). Divisão de Manuscritos - Catálogos 2. Livros de horas - Bibliografia - Catálogos. I. Biblioteca Nacional. Coordenadoria de Editoração. II. Faillace, Vera Lúcia Miranda, 1956- . III. Série

CDD- 242

Agradecimentos

Dada a dificuldade em listar todos aqueles que, de uma forma ou de outra, me acrescentaram conhecimentos essenciais para a elaboração deste catálogo, deixo aqui registrados meus agradecimentos a monsieur François Avril, que me transmitiu preciosas informações para as descrições dos livros de horas; à professora Maria Beatriz de Mello e Souza, por partilhar seus conhecimentos ao preparar uma esclarecedora apresentação das iluminuras; à amiga e bibliotecária Marta Ramos, pela leitura, correções e formatação do texto; aos colegas Carlos Mangefeste, encadernador do Laboratório de Restauração da Biblioteca Nacional que me ajudou na identificação dos cadernos, e Marcel Rodrigues Carreira, pela digitalização das imagens; e também às professoras Ângela Maria de Castro Gomes e Vânia Leite Fróes, minhas orientadoras no curso de Mestrado do Cpdoc/FGV, por me ajudarem a construir minha dissertação, a quem carinhosamente homenageio.

“Livros, mercadoria espiritual, têm como grande virtude desafiar os séculos, trazendo-nos não apenas o seu conteúdo, mas a sua concretude de livro [...] DOCUMENTO DE UMA CIVILIZAÇÃO”.

(Pina Martins)

Sumário

Manuscritos da fé	11
<i>Marcus Venicio Ribeiro</i>	
O acervo de livros de horas iluminados da Biblioteca Nacional do Brasil	13
Le fonds des livres d'heures enluminés de la Biblioteca Nacional do Brasil	17
<i>François Avril</i>	
Iluminuras de <i>horae</i> : uma introdução à iconografia dos livros de horas da Biblioteca Nacional.....	21
<i>Maria Beatriz de Mello e Souza</i>	
Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil	59
Introdução	60
Catálogo	88
Glossário	182
Lista de ilustrações	186
Bibliografia	189

Manuscritos da fé

*Marcus Venicio Ribeiro**

Idade Média nos remete a feudalismo, servidão, nobiliarquias e ainda ao forte poder da Igreja Católica, às Cruzadas, à profunda espiritualidade religiosa. Por isso, é também conhecida como “Idade da Fé”, e a Europa de então como Cristandade, quando praticamente todo o continente, em especial na passagem da Alta para a Baixa Idade Média, esteve razoavelmente unido em torno de valores cristãos.

Os livros de horas, com seus calendários organizadores do tempo, e com sua multiplicidade de orações, eram, se a alusão à contemporaneidade for legítima, o dispositivo portátil, a joia intensamente cobiçada, que, naquela sociedade triplamente fracionada em *ordens*, proporcionava a comunicação entre cristãos terrenamente angustiados e Deus, o Pai que lhes concederia vida eterna – e sempre sob a inflexível intermediação da Igreja Católica Apostólica Romana, fora da qual, na sentença do papa Bonifácio VIII (bula *Unam sanctam*, 1302), “não há salvação nem perdão dos pecados”.

Os livros de horas hoje são encontrados mais costumeiramente nas bibliotecas nacionais, pois a maioria deles proveio de acervos de famílias reais e aristocráticas, que, devido ao seu elevado custo e à esmerada confecção artesanal, os consideravam como objetos de arte. Possuí-los, nos séculos que antecederam à invenção da imprensa na Europa, era, segundo os especialistas no assunto, “um privilégio dos reis e daqueles de elevado nível social”.

A Biblioteca Nacional, em parte por suceder a Real Biblioteca portuguesa, em parte por ter comprado ou recebido como doação, possui nove livros de horas, oito dos quais confeccionados na Idade Média. Em 2009, em parceria com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp), a Biblioteca Nacional publicou edição fac-similar de uma dessas preciosidades, o belíssimo *Livro de horas de d. Fernando*, e em 2011, no volume 129 dos seus *Anais*, o artigo “O livro de horas dito de d. Fernando: maravilhas para ver e rezar”, da medievalista Vânia Leite Fróes, professora de História da Universidade Federal Fluminense. Anos antes, em 1973, o frei beneditino Damião Berge, pesquisando na Divisão de Manuscritos, havia feito um estudo sobre a mesma obra, “Livro de horas: manuscritos iluminados da biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”. O estudo, no entanto, não chegou a ser publicado e mais tarde seu manuscrito foi doado à Biblioteca Nacional.

* Coordenador-geral do Centro de Pesquisa e Editoração da Fundação Biblioteca Nacional..

Apenas agora, 206 anos depois da transferência para o Brasil das livrarias dos reis e dos infantes lusitanos, este catálogo, ele também uma preciosidade, no caso uma preciosidade técnica, fruto do trabalho altamente especializado da bibliotecária Vera Faillace, líquida plenamente uma dívida desta Casa, ao identificar e descrever, com imprescindíveis minúcias, os textos e a iconografia dos oito exemplares.

Funcionária da Biblioteca Nacional desde 1984, a autora dedicou cerca de seis anos, simultaneamente ao exercício de outras atividades, entre as quais a chefia, de 2003 a 2015, da Divisão de Manuscritos, à preparação deste catálogo ilustrado. Inicialmente, o catálogo foi objeto de sua dissertação de mestrado, entre 2007 e 2009, no curso Bens Culturais e Projetos Sociais, na Fundação Getúlio Vargas (RJ), e depois motivo de uma bolsa de trabalho oferecida pelo Ministério da Cultura da França, na Biblioteca Nacional daquele país, onde por três meses, na Divisão de Manuscritos, teve como tutora a conservadora Marie-Françoise Damongeot. Lá aprendeu a identificar os livros de horas em moldes internacionais e aprofundou seus conhecimentos, de modo a aperfeiçoar seu trabalho e o utilíssimo glossário oferecido ao final.

Enriquecem sobremaneira esta publicação dois textos preliminares: a apresentação do bibliotecário e historiador François Avril, um dos mais qualificados estudiosos de manuscritos medievais, em especial de suas iluminuras, e o esclarecedor estudo “Iluminuras de *horae*: uma introdução à iconografia dos livros de horas da Biblioteca Nacional”, de Maria Beatriz de Mello e Souza, ela também especialista em iluminuras medievais e dedicada à investigação das iluminuras dos livros de horas desta instituição. François Avril é doutor *honoris causa* da Universidade de Berlim e autor de vários estudos sobre o assunto, tendo feito toda sua carreira no Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França; Maria Beatriz é doutora em História da Arte pela Université de Paris Panthéon-Sorbonne (Paris I) e professora do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tesouros do patrimônio bibliográfico nacional, os livros de horas são testemunhos expressivos de uma cultura milenar, de uma intensa prática religiosa e espiritual, profundamente marcante na formação da Europa moderna e contemporânea; e que, pela via do colonialismo, foi crucial também na história brasileira. Preservá-los e divulgá-los: missão cumprida com iluminada devoção.



O acervo de livros de horas iluminados da Biblioteca Nacional do Brasil*

François Avril

Best-seller da Idade Média, como às vezes foi chamado, o livro de horas pertence a uma categoria de livros muito difundida durante os dois últimos séculos da Idade Média na Europa ocidental católica, principalmente na França e nos Países Baixos, a de livros piedosos. Ele é às vezes definido, por simplificação, como uma espécie de breviário para o uso dos leigos. No seio da sociedade profundamente cristã desse período, cada pessoa tinha necessidade de um livro de horas. Este era mesmo, frequentemente, o único livro existente nas famílias. Como ocorria no passado com o saltério, ele servia para ensinar a leitura às crianças. Muitas vezes, anotados em folhas soltas no início ou no final do volume, nele constavam os principais eventos familiares, casamentos, nascimentos, mortes. Sua produção foi enorme e fez fortuna para as livrarias da época, em Paris e em inúmeros centros regionais, servindo de ganha-pão a uma multidão de iluminadores e escrivães encarregados de assegurar a cópia e a decoração pintada desses livros. De qualidade e importância desiguais, de acordo com a posição social e os recursos de seus comanditários, a ilustração muito codificada dos livros de horas é hoje em dia alvo de apaixonada interrogação pelos historiadores da arte que se debruçam sobre a reconstituição das atividades e do funcionamento dos ateliês de iluminadores do fim da Idade Média. Longe de declinar, a fabricação de livros de horas conheceu um salto prodigioso com o advento da imprensa. Hoje, apesar das perdas consideráveis, esta é sem dúvida uma das categorias de texto melhor representadas nas bibliotecas que dispõem de um acervo de manuscritos antigos.

Há muito tempo são conhecidos os significativos recursos das bibliotecas europeias e norte-americanas nessa área. O que pouco se sabe é que há também um conjunto de grande interesse de livros de horas iluminados, discretamente conservados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O conjunto permanece até hoje praticamente ignorado pelos especialistas, apesar de uma edição, de difusão verdadeiramente confidencial, publicada em 1973, em que foram descritos, por ocasião de sua exposição temporária,

* *Le fonds des livres d'heures enluminés de la Biblioteca Nacional do Brasil*. Tradução de Maria Izabel Escano Duarte de Souza e Maria Beatriz de Mello e Souza.

** Historiador, paleógrafo e bibliotecário no Centre de Recherche sur les Manuscrits Enluminés da Biblioteca Nacional da França. Curador-geral honorário da BnF.

os manuscritos antigos, europeus e brasileiros, da Biblioteca. Entre esses manuscritos figuram nove livros de horas (MANUSCRITOS..., 1973, nº 3-6 e 8-12). Infelizmente, as mínimas indicações dadas pelo catálogo e a ausência de qualquer reprodução (exceto por uma modesta reprodução, no frontispício do catálogo, da obra mais preciosa do conjunto, um livro de horas de Bruges falsamente atribuído a Spinello Aretino) mal poderiam dar ideia nem do interesse nem da diversidade desses manuscritos. As coisas mudaram desde então e os livros de horas do Rio foram recentemente objeto de um catálogo muito mais aprofundado, graças a Vera Faillace. Uma operação de digitalização integral desses manuscritos, colocada on-line no portal da instituição, também permite – milagre da internet – acessar o conjunto de livros de horas da grande biblioteca brasileira e folheá-los de modo cômodo e integral. É a partir da observação dessas imagens que sou capaz de fornecer algumas indicações provisórias sobre o interesse artístico dos livros de horas manuscritos da Biblioteca Nacional do Brasil, manuscritos estes que os especialistas terão doravante a possibilidade de estudar em detalhe, tanto do ponto de vista de seu conteúdo textual e litúrgico, quanto de sua decoração pintada.

Parece-me que podemos distinguir na série de livros de horas do Rio de Janeiro dois grupos principais que ilustram bem duas correntes dominantes da produção de livros de horas do fim da Idade Média. O primeiro grupo, constituído de dois manuscritos, representa a arte dos livros de horas nos ateliês dos Países Baixos meridionais: é indubitavelmente de Bruges, com efeito, que provêm os dois livros de horas, de valor desigual, ms. 50,1,001 e ms. 50,1,028. O primeiro, joia da coleção, é o livro de horas já citado acima, que se passou muito tempo por italiano e que foi datado de 1378, segundo uma inscrição adicionada posteriormente que atribuía sua execução ao pintor florentino e seguidor de Giotto, Spinello Aretino. Datação e atribuição completamente insustentáveis, dado o estilo característico das miniaturas. Datáveis de meados de 1460, elas são obra de um iluminador flamengo contemporâneo do célebre Guillaume Vrelant, mas que se distingue deste último por um acabamento mais fino e minucioso, onde se manifesta uma vontade de se reconectar com a visão analítica e realista inaugurada nos anos 1420-1430 pelos pintores Van Eyck. James H. Marrow mostrou as afinidades estreitas desse livro de horas, segundo o uso de Sarum (Salisbury), com dois outros livros de horas de mesmo uso, o saltério-livro de horas Pembroke, ms. Acc. nº 45-65-2, do Museu de Artes da Filadélfia e, sobretudo, o ms. 53 do Museu Fitzwilliam, de Cambridge.¹ A similaridade entre os livros de horas do Rio e de Cambridge, tanto na sucessão de textos litúrgicos quanto em seu ciclo de ilustrações, é particularmente impressionante e podemos reconhecer em suas miniaturas e

¹ Cf. Marrow (2002, v. 2, p. 861-902, especialmente p. 879, 882-883, 889), bem como comunicação do mesmo autor centrada no livro de horas ms. 53 do Museu Fitzwilliam publicada em Binski e Panayotova (2005, p. 212-213, comunicação 94). Sobre o ms. 53 de Fitzwilliam, ver também Morgan e Panayotova (2009, v. 2, comunicação 202).

em sua decoração marginal a intervenção da mesma equipe de artistas. Não obstante seu calendário e seu uso litúrgico inglês, o manuscrito do Rio parece haver pertencido bem cedo a um membro da família real portuguesa, levando-se em conta o escudo de armas de Portugal, encimado por uma coroa, inserido na primeira miniatura do manuscrito, em que figura o martírio de São Sebastião. Sem dúvida, esse manuscrito, do qual existe um excelente fac-símile, encontrará em um dia próximo o lugar de destaque que lhe cabe na história da iluminura flamenga do século XV.

O outro livro de horas flamengo representa um aspecto mais comercial da produção de Bruges (ms. 50,1,028). De qualidade mais modesta, ele não conservou de seu ciclo de miniaturas originais mais que uma única ilustração em medíocre estado, em que figura a Ressurreição de Lázaro.

Se excetuarmos um saltério-livro de horas de confecção holandesa (ms. 50,3,019), em que a decoração se limita a uma inicial historiada na qual figura o profeta Davi implorando pela clemência divina, todos os outros livros de horas conservados no Rio de Janeiro são de origem francesa e ilustram muito bem a diversidade dos ateliês em atividade durante o último século da Idade Média em território francês.

Rouen, porto muito ativo e metrópole eclesiástica, capital do antigo ducado da Normandia, é representada por três manuscritos de épocas e estilos muito diferentes. O mais antigo, datado dos anos 1430, é um representante tardio da estética do estilo gótico internacional. O iluminador que o ilustrou não havia sido identificado até o momento dentro da grande produção de manuscritos provenientes dos ateliês da cidade normanda, e é possível que, apesar de seu uso litúrgico rouenense, esse volume tenha sido feito em um centro vizinho, situado mais ao norte, em Artois ou Picardia (ms. 50,1,019). Dois outros livros de horas inserem-se, ao contrário, perfeitamente na produção rouenense de finais do século XV: um é obra de um iluminador intimamente aparentado com o Mestre de Echevinage de Rouen (ms. 50,1,022), artista assim denominado em razão do número importante de manuscritos que iluminou entre os anos de 1460 e 1470 para as autoridades municipais da cidade, sendo o outro atribuível ao iluminador Robert Boyvin, artista prolífico dos anos 1490-1500, que participou especialmente, com outros iluminadores, da decoração de manuscritos do grande mecenas que foi o cardeal Georges d'Ambroise. O livro de horas que atribuo a ele no Rio pertence à sua produção comercial, de qualidade honesta, mas sem grande originalidade e muito repetitivo nas escolhas de composição (ms. 50,1,010).

Paris, centro que domina a produção francesa desse período, é representada na coleção do Rio por um único livro de horas, de muito boa qualidade, datado de aproximadamente 1460 (ms. 50,1,016). Pelo estilo, suas doze miniaturas aparentam-se intimamente às obras de um dos principais artistas do livro, ativos em Paris nesta época, o Mestre de Coëtivy (provavelmente Colin d'Amiens). Porém, certo número de

características específicas nos obrigam a olhar a obra como sendo de outro iluminador, de quem reconhecemos a mão em outros livros de horas parisienses da época, o ms. 2685 da Bibliothèque Sainte-Geneviève, em Paris, e o ms. Stowe 25 da British Library em Londres.² Um estudo mais aprofundado desse artista permitiria sem dúvida precisar suas ligações com o ateliê do Mestre de Coëtivy.

Notemos ainda um livro de horas dos anos 1480-1490 que apresenta o uso litúrgico pouco comum de Auxerre (ms. 50,1,023). Contudo, com exceção do Pentecostes do f. 1 e de uma miniatura de execução bárbara, a do combate entre Davi e Golias, no início dos salmos penitenciais (f. 53), suas ilustrações certamente não foram executadas nesta vila borgonhesa, mas sim em um centro situado mais ao norte, o de Troyes, em Champagne, pois seu estilo muito característico é de um dos ateliês mais florescentes em atividade nessa época na cidade champanhesa, o do mestre de Michault Le Peley.³ A impressionante cena do morto saindo de sua tumba, no meio de um cemitério (f. 63), inspira-se evidentemente na composição análoga pintada por Jean Colombe em um livro de horas destinado a um rico comanditário de Troyes, as Horas de Guyot Le Peley, ms. 3901 da Médiathèque de Troyes (ver TRÈS..., 2007, p. 52, fig. 43).

De todos os livros de horas de origem francesa levados ao Rio, o mais sedutor, a meu gosto, do ponto de vista artístico, é o manuscrito 50,1,020. Encadernado fora de ordem e incompleto, o ciclo de miniaturas desse manuscrito não está em bom estado. É, contudo, obra de uma personalidade poderosamente original, sem dúvida um pintor habituado aos grandes formatos, a julgar pelo estilo expressivo e sentido monumental das composições que ele executou no manuscrito. Seu belo colorido luminoso e sua execução ampla e ousada contrastam com a produção rotineira da época e são características de iluminação praticada na Provença por volta dos anos 1460, em um momento em que a pintura provençal era fortemente tributária da arte do grande pintor e iluminador Enguerrand Quarton.⁴

Ainda que ofereçam um panorama parcial da iluminação do fim da Idade Média ocidental, os livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil constituem, como se vê, uma preciosa amostra da arte do livro manuscrito. Não deixarão, pois, de suscitar os mais aprofundados estudos.

² Ver as imagens do manuscrito de Sainte-Geneviève disponíveis no site BVMM do Institut de Recherche e d'Histoire des Textes (PARIS..., acesso em: jan. 2016). Para o ms. de Londres, ver o Catálogo de Manuscritos Iluminados da British Library (acesso em: jan. 2016).

³ Sobre a produção tardia do mestre Michault Le Peley, ao qual se relacionam as miniaturas do livro de horas de Auxerre no Rio, ver o catálogo da exposição *Très Riches Heures de Champagne* (2007, p. 51 e 160-162, comunicações 34 e 35).

⁴ Sobre a iluminura provençal deste período, ver Avril e Reynaud (1993, p. 223-224 e comunicação 123). Sobre Enguerrand Quarton e sua influência no meio dos iluminadores provençais, ver o mesmo trabalho (p. 238 e comunicações 129-132), bem como monografia de Sterling (1983), completada por observações de Dominique Thiébaud (2004, p. 116-119).

Le fonds des livres d'heures enluminés de la Biblioteca Nacional do Brasil

François Avril

Best-seller du Moyen Âge, comme on l'a parfois appelé, le livre d'heures appartient à une catégorie de livres fort répandus au cours des deux derniers siècles du Moyen Âge dans l'Europe occidentale catholique, principalement en France et aux Pays-Bas, celle des livres de piété. On l'a parfois défini, en simplifiant, comme une sorte de bréviaire à l'usage des laïcs. Au sein de la société profondément chrétienne de cette période, chacun avait besoin d'un livre d'heures. C'était même souvent le seul livre existant dans les familles. Comme autrefois le psautier, il servait à enseigner la lecture aux enfants. On y consignait souvent, sur des feuillets libres au début ou à la fin du volume, les principaux événements familiaux, mariage, naissances, décès. Sa production fut énorme et fit la fortune des libraires de l'époque, à Paris et dans nombre de centres régionaux, servant de gagne-pain à une multitude de scribes et d'enlumineurs chargés d'en assurer la copie et la décoration peinte. De qualité et d'importance inégales, suivant le rang social et les ressources de leurs commanditaires, l'illustration très codifiée des livres d'heures est aujourd'hui interrogée passionnément par les historiens de l'art qui s'attachent à reconstituer l'activité et le fonctionnement des ateliers d'enlumineurs de la fin du Moyen Âge. Loin de se tarir, la fabrication des livres d'heures connut un rebond prodigieux à l'avènement de l'imprimerie. Aujourd'hui, malgré des pertes certainement considérables, c'est sans conteste l'une des catégories de texte les mieux représentées dans les bibliothèques disposant d'un fonds de manuscrits anciens.

On connaît depuis longtemps les ressources importantes, dans ce domaine, des bibliothèques européennes et nord-américaines. Ce que l'on savait moins, c'est qu'il existe aussi un ensemble tout à fait intéressant de livres d'heures enluminés, discrètement conservé à la Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro. Ensemble resté jusqu'ici pratiquement ignoré des spécialistes, en dépit d'une publication, de diffusion il est vraie confidentielle, parue en 1973, où furent décrits, à l'occasion de leur exposition temporaire, les manuscrits anciens, européens et brésiliens de la bibliothèque. Parmi ces manuscrits figuraient neuf livres d'heures (MANUSCRITOS..., 1973, n° 3-6 et 8-12). Malheureusement les indications minimales

* Historien, archiviste-paléographe et bibliothécaire au Centre de Recherche sur les Manuscrits Enluminés de la Bibliothèque nationale de France. Conservateur général honoraire à la BnF.

données dans les notices du catalogue et l'absence de toute reproduction (à l'exception d'une médiocre reproduction, en frontispice du catalogue, de la pièce la plus précieuse de l'ensemble, un livre d'heures brugeois faussement attribué à Spinello Aretino) ne pouvaient guères donner une idée, ni de l'intérêt ni de la diversité de ces manuscrits. Les choses ont changé depuis lors et les livres d'heures de Rio ont fait récemment l'objet d'un catalogue beaucoup plus poussé, dû à Madame Vera Faillace. Une opération de numérisation intégrale de ces manuscrits, mise en ligne sur le site de la bibliothèque, permet en outre - miracle de l'internet - d'accéder à l'ensemble des livres d'heures de la grande bibliothèque brésilienne, et de les feuilleter commodément et intégralement. C'est à partir de l'observation de ces images que je suis en mesure de donner ici quelques indications provisoires sur l'intérêt artistique des livres d'heures manuscrits de la Bibliothèque nationale du Brésil, manuscrits que les spécialistes vont avoir désormais la possibilité d'étudier en détail, tant du point de vue de leur contenu textuel et liturgique, que du point de leur décoration peinte.

Il me semble qu'on peut distinguer dans la série des livres d'heures de Rio de Janeiro deux groupes principaux qui illustrent bien deux courants dominants de la production des livres d'heures à la fin du Moyen Âge. Un premier groupe, constitué de deux manuscrits, représente l'art du livre d'heures dans les ateliers des Pays-Bas méridionaux: c'est indubitablement de Bruges, en effet, que proviennent les deux livres d'heures, de valeur très inégale, ms. 50,1,001 e ms. 50,1,028. Le premier, gemme de la collection, est le livre d'heures évoqué plus haut, qui passa longtemps pour italien et qu'on datait de 1378, sur la foi d'une inscription ajoutée postérieurement qui en attribuait l'exécution au peintre florentin et suiveur de Giotto, Spinello Aretino. Datation et attribution tout à fait insoutenables au vu du style très caractérisé des miniatures. Datable des alentours de 1460, celles-ci sont l'oeuvre d'un enlumineur brugeois contemporain du célèbre Guillaume Vrelant, mais qui se distingue de ce dernier par une facture plus fine et minutieuse où se manifeste une volonté de renouer avec la vision analytique et réaliste inaugurée dans les années 1420-1430 par les peintres Van Eyck. James H. Marrow a montré les étroites affinités de ce livre d'heures à l'usage de Sarum (Salisbury) avec deux autres livres d'heures se conformant au même usage, le psautier-livre d'heures Pembroke, ms. Acc. no. 45-65-2 du Museum of Art de Philadelphie et surtout le ms. 53 du Fitzwilliam Museum de Cambridge.¹ La ressemblance des livres d'heures de Rio et de Cambridge, tant dans la succession des textes liturgiques que dans leur cycle d'illustrations, est particulièrement frappante et l'on reconnaît dans leurs miniatures et leur décor marginal l'intervention de la même équipe d'artistes. Nonobstant son

¹ Cf Marrow (2002, v. 2, p. 861-902, spécialement p. 879, 882-883, 889), ainsi que la notice du même auteur consacrée au livre d'heures ms. 53 du Fitzwilliam Museum en Binski et Panayotova (2005, p. 212-213, notice 94). Sur le ms. 53 du Fitzwilliam, voir aussi Morgan et Panayotova (2009, v. 2, notice 202).

calendrier et son usage liturgique anglais, le manuscrit de Rio semble avoir appartenu très tôt à un membre de la famille royale portugaise, si l'on en juge d'après l'écu armorié de Portugal, surmonté d'une couronne, inséré dans la première miniature du manuscrit, figurant le martyr de saint Sébastien. Nul doute que ce manuscrit, dont il existe maintenant un excellent facsimilé, retrouvera un jour prochain la place éminente qui lui revient dans l'histoire de l'enluminure flamande du XVe siècle.

L'autre livre d'heures flamand représente un aspect plus commercial de la production brugeoise (ms. 50,1,028) de qualité beaucoup plus modeste, il n'a gardé de son cycle de miniatures d'origine qu'une seule illustration en médiocre état, figurant la Résurrection de Lazare.

Si l'on excepte un psautier-livre d'heures de facture hollandaise (ms. 50,3,019), dont le décor peint se limite à une initiale historiée figurant le prophète David implorant la clémence divine, tous les autres livres d'heures conservés à Rio de Janeiro sont d'origine française et illustrent assez bien la diversité des ateliers en activité au cours du dernier siècle du Moyen Âge sur le territoire français.

À Rouen tout d'abord, port très actif, et métropole ecclésiastique, cette capitale de l'ancien duché de Normandie étant représentée à elle seule par trois manuscrits d'époques et de styles très différents. Le plus ancien, datable des années 1430, est un représentant attardé de l'esthétique du Style gothique international. L'enlumineur qui l'a illustré n'avait pas été repéré jusqu'ici dans l'abondante production de manuscrits issus des ateliers de la cité normande et il n'est donc pas exclu que, malgré son usage liturgique rouennais, ce volume ait vu le jour dans un centre voisin, situé plus au nord, en Artois ou en Picardie (ms. 50,1,019). Deux autres livres d'heures s'insèrent au contraire parfaitement dans la production rouennaise du XVe siècle finissant: l'un est l'œuvre d'un enlumineur étroitement apparenté au Maître de l'Echevinage de Rouen (ms. 50,1,022), artiste ainsi dénommé en raison du nombre important de manuscrits qu'il enlumina, dans les années 1460-1470, pour les autorités municipales de la cité, l'autre étant attribuable à l'enlumineur Robert Boyvin, artiste prolifique des années 1490-1500, et qui participa notamment, avec d'autres enlumineurs, à la décoration des manuscrits du grand mécène qu'était le cardinal Georges d'Amboise. Le livre d'heures que je lui attribue à Rio appartient nettement à sa production commerciale, de qualité honnête mais sans grande originalité et très répétitive dans le choix des compositions (ms. 50,1,010).

Paris, centre qui domine la production française de cette période, n'est représenté dans la collection de Rio que par un seul livre d'heures, mais de fort belle qualité, datable vers 1460 (ms. 50,1,016). Par le style, ses douze miniatures s'apparentent de près aux œuvres d'un des principaux artistes du livre en activité à Paris à cette époque, le Maître de Coëtivy (probablement Colin d'Amiens). Mais un certain nombre de traits spécifiques obligent

à y voir l'œuvre d'un enlumineur distinct, dont on reconnaît la main dans d'autres livres d'heures parisiens de l'époque, tels le ms. 2685 de la Bibliothèque Sainte-Geneviève, à Paris et le ms. Stowe 25 de la British Library, à Londres.² Une étude plus poussée de cet artiste permettrait sans doute de préciser ses liens avec l'atelier du Maître de Coëtivy.

Signalons encore un livre d'heures des années 1480-1490 et qui présente l'usage liturgique peu commun d'Auxerre (ms. 50,1,023). Pourtant, à l'exception de la Pentecôte du f. 1 et d'une miniature d'exécution barbare, celle du combat de David et de Goliath, au début des psaumes de la pénitence (f. 53), ses illustrations n'ont certainement pas été exécutées dans cette ville bourguignonne, mais dans un centre situé plus au nord, celui de Troyes, en Champagne, car leur style très caractéristique est celui d'un des ateliers les plus florissants en activité à cette époque dans la cité champenoise, celui du Maître du Michault Le Peley.³ L'impressionnante scène du mort sortant de son tombeau, au milieu d'un cimetière (f. 63), s'inspire de toute évidence de la composition analogue peinte par Jean Colombe dans un livre d'heures destiné à un riche commanditaire troyen, les Heures de Guyot Le Peley, ms. 3901 de la Médiathèque de Troyes (voir TRÈS..., 2007, p. 52, fig. 43).

De tous les livres d'heures d'origine française ayant abouti à Rio, le plus séduisant, à mon goût, du point de vue artistique, est le ms. 50,1,020. Relié dans le désordre et incomplet, le cycle de miniatures de ce manuscrit n'est pas en très bon état. C'est pourtant l'œuvre d'une personnalité puissamment originale, sans doute un peintre habitué aux grands formats, à en juger d'après le style expressif et le sens monumental des compositions qu'il a exécutées dans le manuscrit. Leur beau coloris lumineux et leur exécution large et hardie tranchent avec la production routinière de l'époque et sont caractéristiques de l'enluminure pratiquée en Provence autour des années 1460, à un moment où la peinture provençale était fortement tributaire de l'art du grand peintre et enlumineur Enguerrand Quarton.⁴

S'ils n'offrent qu'un panorama partiel de l'enluminure de la fin du Moyen Âge occidental, les livres d'heures de la Biblioteca Nacional du Brésil n'en constituent pas moins, on le voit, un précieux échantillon de l'art du livre manuscrit. A ce titre, ils ne manqueront pas de susciter des études plus approfondies.

² Voir les images du ms. de Sainte-Geneviève disponibles sur le site BVMIM de l'Institut de Recherche et d'Histoire des Textes (PARIS..., page consultée le janv. 2016). Pour le ms. de Londres, voir le *Catalogue of illuminated manuscripts of the British Library* (page consultée le janv. 2016).

³ Sur la production tardive du Maître du Michault Le Peley, à laquelle se rattachent les miniatures du livre d'heures auxerrois de Rio, voir le catalogue d'exposition *Très Riches Heures de Champagne* (2007, p. 51 et 160-162, notices 34 et 35).

⁴ Sur l'enluminure en Provence de cette période, voir Avril et Reynaud (1993, p. 223-224 et notice 123). Sur Enguerrand Quarton et son influence sur le milieu des enlumineurs provençaux, voir le même ouvrage (p. 238 et notices 129-132), ainsi que la monographie de Charles Sterling (1983), à compléter par les observations de Dominique Thiébaud (2004, p. 116-119).

Iluminuras de *horae*: uma introdução à iconografia dos livros de horas da Biblioteca Nacional

Maria Beatriz de Mello e Souza*

O que são iluminuras das *horas*?

As *iluminuras* são a parte mais fascinante de um livro de horas. Dante Alighieri (1265-1321) relata que assim eram chamadas em Paris as pinturas feitas em livros manuscritos com suporte em pergaminho. O termo origina-se do latim *illuminatio* (e ainda, *illuminare*, *illuminator*) utilizado desde o século XI (cf. LANOË, 1997, v. 1, p. 529). É o conceito mais eloquente para ilustrações de textos cristãos que remetem à apresentação evangélica de Cristo como a *luz* do mundo. As pinturas em manuscritos deveriam tornar claros e luminosos os textos do cristianismo. O pintor que iluminasse esses textos realizava uma tarefa que ia muito além do âmbito artístico: seria como dar à luz um conteúdo sagrado, para além das palavras, com ouro e cores aplicados sobre desenhos sofisticados.

A luminosidade de Cristo tornou-se um preceito teológico que deveria ser sensível como uma experiência ao mesmo tempo religiosa e estética. Assim, o Ocidente medieval incorporou progressivamente a luminosidade em suas práticas artísticas, arquitetônicas e litúrgicas, como atesta o exemplo precursor da reforma da Abadia Real de Saint-Denis (região parisiense, ca. 1130-1140) pelo abade Suger. Os locais de culto tornaram-se mais iluminados e coloridos com numerosos vitrais. Objetos belos eram aqueles que refletissem luminosidade.

Na Idade Média e também hoje, iluminuras são consideradas belas, não apenas por causa de um elaborado *design* que emoldura sua apresentação e delinea toda a delicadeza das figuras humanas representadas. São belas também por causa do efeito causado pelo uso de materiais nobres em sua fatura: pigmentos coloridos e folhas de ouro que, efetivamente, *iluminam*.

A iluminura é uma das quatro invenções artísticas da Idade Média, assim como o vitral, o retábulo e a xilogravura (ver BOESPFLUG, 2002, p. 703-704). Diferentemente do afresco

* Doutora em História da Arte, membro do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ou do mosaico, por exemplo, não foi uma prática artística herdada de uma Antiguidade pagã para adaptação aos locais de culto cristão. Vitrais e retábulos tiveram funções importantes dentro de igrejas, e a xilogravura merece destaque como a primeira arte de reprodução no Ocidente. A iluminura, por sua vez, é criação artística singular, que atingiu ápices de excelência pictórica e se adaptou perfeitamente aos propósitos de diversos gêneros de livros cristãos.

As iluminuras de livros de horas, em particular, tiveram um papel essencial na transformação do manuscrito destinado à oração de leigos em um objeto que poderia ser ricamente ilustrado. Elas são praticamente indispensáveis aos livros de horas, de modo que são raríssimos aqueles sem ilustrações (cf. WIECK, 2001, p. 28). O livro iluminado tornou-se instrumento de devoção portátil que podia ser manuseado por homens e mulheres na igreja e no lar: um livro de orações que incluía práticas litúrgicas. E a oração, por sua vez, era uma prática essencial ao cotidiano medieval (ver REINBURG, 2001, p. 39). Compreender o papel de pinturas nesses livros manuscritos é um desafio que pode elucidar não apenas esse segmento da história da arte, mas também todos os domínios da história social que eram influenciados pelos valores e crenças do Cristianismo, desde as apreensões do tempo – diário, mensal, anual – até as práticas fúnebres.

O nome desse livro – *horae* (plural de horas em latim) – remete às horas canônicas observadas oito vezes ao dia por monges e monjas no livro que utilizavam no mosteiro: o breviário. Este trazia a repetição diária das horas. Vale dizer: repetição constante, laboriosa, complexa. As repetidas orações visavam a preparar o fiel para ser digno da salvação no juízo de Cristo no fim do tempo, julgamento este professado no Credo, formulado desde 325 em Nicéia. O Credo, assim como o Pai Nosso e, desde o século XII, a Ave Maria eram orações em latim que o fiel deveria saber de cor.¹

Leigos queriam ter acesso e mesmo imitar práticas clericais centradas no breviário. Para compreender essa aspiração, é importante lembrarmos que os *oratores* não eram apenas uma das três *ordines* identificadas no século XI (além dos guerreiros e trabalhadores que compunham as duas demais ordens, ambas seculares). *Oratores* eram os homens que oravam: padres e monges, mais numerosos que monjas. Eram os mais importantes de toda a hierarquia social, tendo acesso singular ao sagrado e à sua interpretação, “decodificando” uma exegese bíblica que permeava todos os domínios da existência cristã com um monopólio quase absoluto da cultura letrada. A cisão entre o clero e os leigos foi um dos aspectos fundamentais das sociedades ocidentais do primeiro milênio da Cristandade. Os leigos constituíam 95% da população (cf. LOBRICHON, 1994, p. 7, 193). A partir do século XIII, eles começam a participar mais da religiosidade

¹ “La prière de l’Ave Maria sous sa forme initiale de prière de louange fait partie, dès le XII^e siècle, des prières officielles en latin que les fidèles sont tenus de savoir par coeur au même titre que le Pater ou le Credo.” (cf. BARNAY, 1997, v. 2, p. 960).

clerical e um fato histórico crucial nesse processo foi a criação de livros que espelhassem o breviário. Eram livros feitos por leigos e para leigos com o intuito de viabilizar mais práticas de oração ao longo do dia e, assim, buscar uma existência mais santificada, quer dizer, com maior esperança de salvação.

Nesses livros de horas, diferentemente dos breviários, *a iluminura desempenhou um papel crucial e singular*. Há milhares de livros desprovidos de pinturas feitos para o clero. A raridade de livros de horas não ilustrados revela que a oração de leigos deveria ser acompanhada de uma visualização pictórica. Para tanto, muitas gerações de iluminadores desenvolveram a correspondência entre a hora da oração e o tema pintado.

As iluminuras de livros de horas compõem o conjunto mais fascinante da história da iluminura, justamente por causa da riqueza e variedade dos textos desses manuscritos que, incluindo intervenções laicas, fogem à padronização de outros gêneros de livros cristãos (bíblias, evangeliários, saltérios, missais e outros). A iluminura não é apenas uma pintura realizada com minuciosa sofisticação e materiais preciosos. Não é meramente uma “representação” de figuras de devoção e cenas bíblicas ou hagiográficas. Ela constitui uma modalidade de cultura visual cuidadosamente elaborada para ser apresentada dentro de um livro. É concebida no seio de um livro e não pode ser plenamente compreendida fora desse contexto. Cada uma das partes do fólio que recebe a iluminura – caligrafia com inicial decorada, margens ornamentadas, miniatura – é pensada em função do vínculo entre texto e imagem. O *corpus* de fólios também era planejado para formar um conjunto com um sentido próprio.

Este sentido, penso, pode ser vislumbrado com uma atenção peculiar sobre *a vivência do tempo* na Baixa Idade Média. O tempo era vivenciado de acordo com as práticas cristãs.² Dois gêneros de livros cristãos santificam o tempo: o breviário, que ainda é instrumento diário de monges católicos até hoje, e o livro de horas. Este, em particular, transforma o tempo secular em *time sanctified* (R. Wieck). A iluminura encarregou-se de *visualizar* esta transformação.

Nenhuma apreciação iconográfica das iluminuras que figuram neste catálogo pode ser iniciada sem a compreensão da imagem dentro de seu contexto material e histórico. Para estas iluminuras, esse contexto é primeiramente o próprio códice para o qual foram realizadas, com configuração específica para cada uma das *horae* em questão. Compreender o livro manuscrito ilustrado é um desafio que requer mais erudição e prudência do que o estudo de outras formas de pintura, como a de cavalete. É tarefa interdisciplinar.

² Poucos possuíam relógios na Idade Média (ou tinham acesso a um relógio público como, por exemplo, o que ainda funciona na praça da catedral em Praga). Os sinos clericais marcavam a passagem do tempo ao longo da Idade Média, e as estações do ano alteravam bastante a duração de cada dia (ver THE IMAGE..., 2000, em particular, p. 146).

A Biblioteca Nacional, detentora de uma coleção expressiva, ainda que pequena, de livros de horas, não conta ainda, no entanto, com estudos monográficos aprofundados a respeito do assunto. As condições de produção desses livros começam a ser esclarecidas pela erudição do texto excelente de François Avril: os centros de tradição pictórica e as épocas de criação são indicados como ponto de partida fundamental para estudos comparativos, como sugere James Marrow. Esses historiadores da arte têm o mérito, inclusive, de conectar a coleção no Rio de Janeiro com outros tipos de códices, atentando para o panorama do estado atual do conhecimento histórico sobre iluminuras.

A análise minuciosa da composição de cada códice arrolado neste catálogo organizado por Vera Faillace, a partir de pesquisas em Paris e no Rio de Janeiro, torna-o indispensável a quaisquer estudos posteriores sobre o assunto. Sua análise da codicologia torna-se, a partir de agora, indispensável à compreensão dos indícios da história de circulação, transmissão e deslocamento de manuscritos na Europa e no Brasil, desde o período medieval até o contemporâneo. É análise rara em nosso país, que poderia mesmo inspirar pesquisas em ciências documentais e museológicas. Para o historiador, em particular, a codicologia também apresenta indícios de manuseio, uso e preservação de cada manuscrito, temas mais recentes de pesquisas no exterior. A descrição de cada livro, todos eles compostos de partes manuscritas e visuais,³ passa a ser, sem dúvida, precioso instrumento para o seu estudo.

A coleção inclui uma obra-prima ricamente ilustrada (ms. 50,1,001) e manuscritos mais simples. Se é consenso historiográfico que o livro de horas foi o best-seller da Idade Média – o livro de maior produção durante quase três séculos –, convém atentarmos para estes exemplares que, mesmo contendo menor número de iluminuras, ainda ostentam riqueza ornamental incomparável com muitos outros gêneros de livros. Manuscritos que tenham pertencido a mercadores ou outros leigos de condição não nobre têm tanta importância *histórica* quanto livros de rainhas, embora estes pudessem ser mais valorizados *artisticamente*.

As tradições medievais evidenciam que o valor do livro cristão transcende o âmbito eclesiástico. Basta lembrar que, naquelas sociedades em que os gestos compunham a maior parte dos “contratos” e acordos sociais, os juramentos eram realizados com a mão sobre a Bíblia, como atesta uma cena na Tapeçaria de Bayeux, na Normandia (posterior a 1066). Sabe-se também que as mulheres guardavam seus livros de horas junto com os objetos mais preciosos, como as melhores joias, o que sugere que os livros de horas eram tratados como *objets d’art* (cf. PENKETH, 1996, p. 269; REINBURG, 2001, p. 40). Confeccionados em pergaminho e recebendo tratamento artístico de copistas e pintores,

³ A identificação da iluminura é fundamental porque define e orienta toda a interpretação iconográfica subsequente. Infelizmente, em estudos anteriores, havia identificações equivocadas acompanhando as fotos dos livros de horas da instituição, inclusive iluminuras de uma cena onipresente como a Anunciação.

eram livros caros, que exigiam muitos recursos. Ainda assim, cabe registrar, os livros de horas com iluminuras vieram a se tornar os livros mais comuns da Idade Média.

O best-seller da Idade Média: um aparente paradoxo

Um olhar panorâmico sobre outras coleções confirma a intensa produção de livros de horas, fato da maior relevância. Só em bibliotecas da Europa e dos Estados Unidos eles são estimados em trezentos exemplares em cada acervo (cf. DE HAMEL, 2006, p. 168). Do fim do século XIII ao início do século XVI, *nenhum outro tipo de livro fora mais produzido* como manuscrito e como impresso do que o livro de horas. Nem mesmo a Bíblia (cf. WIECK, 2001, p. 27). O livro de horas foi o livro mais “popular” da Idade Média (cf. DE HAMEL, 2006, p. 76). Se um lar possuísse apenas um manuscrito, seria um livro de horas.

Nos primeiros 150 anos de sua trajetória, eles eram objetos de luxo, em geral encomendados por aristocratas com notável poder aquisitivo e confeccionados de acordo com suas preferências artísticas e religiosas. A quantidade e a qualidade de iluminuras em um livro de horas era um indício importante do poder aquisitivo de seu comitente. Livros ricamente ilustrados e dourados, com muitas iluminuras de página inteira, exigiam produção custosa, laboriosa. A historiografia já oferece estudos monográficos sobre essas verdadeiras obras-primas, caso, por exemplo, dos livros de horas feitos para rainhas e para Jean, o duque de Berry.

Ao longo do século XV, contudo, ateliês de cidades como Paris e Bruges ofereceram uma produção em massa de manuscritos, o que permitiu a aquisição de livros de horas a pessoas sem nobreza, como mercadores, comerciantes e pequenos proprietários rurais (cf. REINBURG, 2001, p. 3). Diferentemente de livros feitos especificamente para monges, imperadores, estudantes, padres e outros grupos sociais com diferentes necessidades, o livro de horas não tinha restrições eclesiásticas. Era concebido para a oração de leigos letrados e sem maiores distinções de classes sociais, à exceção dos camponeses e demais trabalhadores pobres e iletrados que não tinham acesso a eles.

Os textos desses livros são complexos para um historiador contemporâneo. *Horae* espelham erudição teológica imbricada com práticas mais populares, saber eclesiástico entremeadado com tradições leigas, ritos coletivos e gestos individuais. Além de conhecer a Bíblia, a hagiografia e práticas litúrgicas variadas, compreender um livro de horas implica explorar as aspirações religiosas múltiplas das sociedades medievais.

Iluminuras de livros de horas manuscritos são, para a historiografia da arte atual, mais do que belas imagens. Constituem um capítulo especial da história da pintura ocidental, em termos qualitativos e seriais, e também sobre a especificidade da técnica, dos materiais e da iconografia do gênero. Além das pinturas inspiradas em textos bíblicos e hagiográficos, há muitas cenas que refletem aspectos sociais e culturais

familiares aos usuários da Baixa Idade Média. Em inúmeros códices, a iconografia do livro de horas engloba imensa gama de atividades humanas, desde o labor cotidiano, que frequentemente era representado nos meses do calendário, até os ritos mortuários retratados no ofício final.

Um exemplo da complexidade textual e iconográfica desses livros é o calendário, que constitui a primeira parte do livro de horas. À primeira vista, ele pode ser compreendido apenas como uma lista das festas litúrgicas indicadas ao longo de cada mês. Se estiver em língua vernácula – os calendários que figuram na maioria dos livros de horas da Biblioteca Nacional estão em francês medieval⁴ – pode parecer, à primeira impressão, que seria mais compreensível para leigos do que as partes em latim.

Contudo, cada calendário pode ser um repertório de variadas informações apresentadas de forma abreviada, ou mesmo implícita. As cores com as quais as festas são inscritas podem revelar a importância maior daquela liturgia. Algumas festas podiam se estender por uma oitava, enquanto outras eram celebradas apenas em apenas um dia. Os calendários também costumavam oferecer informações astronômicas, dentro da tradição desta arte liberal estudada em escolas monásticas e episcopais e em universidades. O calendário lunar é essencial para determinar a data de festas móveis como a Páscoa cristã (baseada na tradição lunar da Páscoa judaica), a Quaresma e toda a liturgia pascal. Além disso, traziam formas de contagem dos dias que remontavam à Antiguidade romana e permaneceram por um milênio e meio, até 1582.⁵

A parte mais compreensível de um calendário seria, provavelmente, sua iconografia, que em geral destaca o trabalho característico de cada mês em doze fólhos. Assim, para sociedades essencialmente rurais, a tarefa agropecuária típica daquela época do ano associaria os ciclos da natureza com os ciclos litúrgicos. Junho, por exemplo, é ao mesmo tempo a época de celebrar a festa de S. João Batista e de cortar o feno (fig. 1). Há livros de horas que representam não apenas a ocupação dos camponeses, mas também o lazer dos nobres que, por exemplo, podem caçar em maio (fig. 2).

Os meses tornam-se emblemáticos na medida em que, por exemplo, maio também poderia ser associado, no zodíaco, ao signo de Touro. Esses signos, bem como os trabalhos dos meses, eram também representados nos vitrais das catedrais, formando um conjunto. Tais programas iconográficos, mais do que uma equivalência visual entre a igreja católica e o livro de horas guardado em casa, eram indícios de um tempo cíclico compreendido de forma bem mais apreensível do que os nomes, vocábulos, códigos numéricos de um calendário copiado no pergaminho.

⁴ São os manuscritos 50,1,010; 50,1,016; 50,1,019; 50,1,022 e 50,1,023.

⁵ É o caso das indicações sistemáticas sobre *calendas*, *idas* e *nonas*. Cf. Burgoing (2001, p. 42-45). Ver, sobretudo, *The image...* (2000, p. 89-91).

A constatação feita para a primeira parte do livro também vale para as demais: se o calendário é complexo, *sua iconografia é a parte mais compreensível*, tanto na época como hoje em dia. Se o texto referente aos ofícios seguintes é complexo e variado, com leituras, antifonas, responsórios, salmos, orações e outras intervenções do indivíduo nas práticas coletivas, a iconografia dos ofícios, contudo, é inteligível, além de ser apresentada em belas iluminuras. Devemos, então, procurar compreender a apresentação dessa iconografia entremeadada com as horas canônicas e suas respectivas orações. É justamente esta inteligibilidade, que pode ser apreendida na imagem de maneira mais simples ou erudita, a razão do fascínio e da popularidade durante séculos do livro de horas, um livro de orações.

Iluminuras e texto: as pinturas em sequência

A organização do livro de horas seguia um padrão. Em geral, dividiam-se em oito principais partes, cuja sequência mais comum era: (1) o calendário, (2) as lições dos quatro Evangelhos, (3) o Ofício da Virgem, (4) o Ofício da Cruz e o Ofício do Espírito Santo, (5) as duas orações à Virgem Maria: *Obsecro te* e *O intemerata*, (6) os salmos penitenciais e as litânias, (7) o Ofício dos Mortos e (8) sufrágios. Essas oito partes aparecem com suas respectivas iluminuras no ms. 50,1,001. Nos livros de horas mais simples desta coleção, apenas as partes 2-4 contêm iluminuras, além do Ofício dos Mortos. Os principais ofícios podem ser abordados de acordo com as oito horas canônicas e, nos livros mais ricamente ilustrados, cada hora canônica poderia ter um equivalente iconográfico.⁶

O conjunto das oito partes também faz sentido como uma santificação do tempo em diversos módulos. Um livro de horas inicia-se com o calendário de 12 meses que apresenta um panorama das festas ao longo do ano litúrgico, como vimos (fig. 3). As festas incluem figuras de devoção da própria Idade Média (S. Francisco de Assis, celebrado dia 4 de outubro, por exemplo) bem como figuras bíblicas, entre as quais se destaca a Virgem Maria.

Uma breve apresentação de alguns versículos dos evangelhos pode vir acompanhada de pequenas iluminuras retratando os quatro evangelistas (fig. 4).⁷ Esta apresentação parecia remeter o usuário do livro de horas a um tempo bíblico, aquele da Encarnação do Verbo, como anuncia S. João, narrado por S. Lucas (1:26-38), ao contar que o anjo Gabriel fora enviado a Nazaré. Com efeito, os episódios centrais das vidas da Virgem Maria e de Jesus Cristo – narrados nos evangelhos e em outros textos – são os temas dos ofícios seguintes, que relembram o tempo bíblico, visualizado na iconografia.

⁶ As cenas iconográficas concebidas para cada hora canônica de cada ofício estão indicadas em Wieck (2001) e Harthan (1988, p. 11-39).

⁷ Ver, por exemplo, ms. 50,1,022, f. 13. Infelizmente as feições faciais dos evangelistas não estão mais visíveis neste fólio.

O Ofício da Cruz e o Ofício do Espírito Santo remetem aos temas da Paixão e da Trindade. São temas presentes na recitação do Credo de Nicéia que integrava a missa, ressaltando o elo entre as pessoas da Trindade. A cruz é a relíquia central do sacrifício messiânico e era reconhecida como o *signum* por excelência da religião cristã ao longo da Idade Média. Quando uma única iluminura é apresentada no Ofício da Cruz, em geral é a cena da Crucificação (fig. 6).⁸ Às vezes, a cena bíblica recebe como complemento a representação dos instrumentos da Paixão, a *Arma Christi*. Em um dos livros de horas, anjos sustentam esses objetos de veneração (fig. 5). Cristo promete aos seus discípulos que após sua ascensão virá um Espírito Santo e a cena que representa esta vinda é Pentecostes. A pomba, alegoria do Espírito Santo, está destacada no alto de um cenáculo onde a Virgem Maria e os apóstolos estão orando. Por vezes uma única iluminura representa a terceira pessoa da Trindade (fig. 7).⁹

As orações marianas *Obsecro te* e *O intemerata*¹⁰ poderiam vir acompanhadas de miniaturas. A primeira oração traz uma representação da Pietà (fig. 8) e a segunda, uma cena da Virgem com o Menino, além de um anjo com uma harpa (fig. 9).

As práticas monásticas incluem a recitação diária dos salmos, e os livros de horas destacam vários ao longo dos ofícios. Sete salmos foram selecionados como práticas para pedir a penitência, súplica que marca o início da missa e de muitas orações, como as litânicas, em latim ou em grego (*Kyrie Eleison...*). No livro de horas, as litânicas sucedem este momento para fazer penitência, recitando estes salmos em particular. A figura do penitente é o próprio autor dos salmos, o rei Davi, que pode vir coroado e acompanhado de sua harpa, o instrumento para cantar os salmos. Quando há uma única iluminura retratando Davi, em geral ele é representado em oração penitencial, e Deus Pai o ouve dos céus (fig. 10).¹¹ Davi também pode vir acompanhado de Golias (fig. 11).¹²

O último dos ofícios, o dos Mortos, lembrava a expectativa final de cada cristão. Os sacramentos e a liturgia permeiam a vivência da morte, e por isso a presença do clero na iconografia do Ofício dos Mortos é uma constante. A iconografia varia em torno do tema das práticas fúnebres. Na Idade Média, os tempos e os espaços dos mortos integravam-se aos dos vivos: a elite eclesiástica e aristocrática podia ser enterrada dentro da igreja e mesmo os cemitérios ficavam próximos aos locais de culto. Ademais, os vivos deveriam orar constantemente pelos mortos que, por sua vez, poderiam interceder por eles (ver SCHMITT, 1994). São raros os livros de horas com mais de uma iluminura

⁸ Ver também ms. 50,1,016, f.13: Crucificação.

⁹ Ver também ms. 50,1,016, f.16v: Pentecostes.

¹⁰ Ver a transcrição do texto integral das duas orações após este texto.

¹¹ Ver ms. 50,1,016, f. 88: Rei Davi.

¹² Ver ms. 50,1,023, f. 53: Davi com Golias.

no Ofício dos Mortos. Quando não trazia a visualização de uma prática fúnebre, essa iluminura podia representar a ressurreição de Lázaro (fig. 12 e 13).¹³ Se este milagre trazia esperança ao usuário que esperava a segunda vinda de Cristo, outra iluminura do Ofício dos Mortos teria provavelmente o efeito inverso: a visualização da própria morte, com a figura de um cadáver em pé em um túmulo (fig. 14).¹⁴

O início e o fim do livro se conectam implicitamente pelo tema da morte. Os santos eram celebrados no dia de sua morte, que significa o início de uma vida eterna. Assim, para os santos que são mencionados uma única vez, é o dia da morte que é indicado como festa litúrgica no calendário inicial (uma exceção é São João Batista, pois, além de seu martírio, no dia 29 de agosto, celebra-se também o seu nascimento em 24 de junho).

As orações aos santos são parte essencial da vivência cristã que permeia o livro de horas. Para os cristãos, a preocupação com a salvação eterna é tema crucial. Para tanto, recorria-se aos santos e suas relíquias como intercessores, protetores e também como modelos de imitação. O tema da intercessão conecta as sucessivas partes de um livro de horas, que pode terminar com sufrágios aos santos, às vezes ilustrados com miniaturas.¹⁵ Esta parte permite alongar as orações pela intercessão de santos específicos, já que as litanias apenas invocam os santos pelo nome, sem orações.

Nenhum intercessor era mais importante que a Virgem Maria ao longo de toda a Idade Média. A oração mais conhecida na Cristandade, a Ave Maria, condensa esta intercessão lembrando seu papel como Mãe de Deus e como aquela que rogará pelos fiéis na hora da morte de cada um. É através das orações e do Ofício Mariano que poderemos melhor compreender a essência de um livro de horas.

O coração do livro de horas

De todas as explicações que visam a dar sentido a um livro de horas, nenhuma supera a análise do seu corpo central, que é também a sua origem histórica: possibilitar aos leigos orações mais belas à principal intercessora: a Virgem Maria. Se a expectativa principal da encomenda e da produção dos livros de horas era que primassem por quantidade e qualidade de iluminuras, a finalidade é evidente: iluminar visualmente a oração imprimindo-lhe apuro estético jamais visto antes do século XIII.

É o tempo da Mãe de Deus que forma o livro de horas, inclusive como seu fio condutor: suas festas litúrgicas permeiam o calendário de diversos meses; sua maternidade (a Encarnação de Cristo) é destacada nas lições dos evangelhos e é ela, ainda, que ganha destaque nas

¹³ Ver ms. 50,1,028, f. 101v e ms. 50,1,001, f. 135v: a ressurreição de Lázaro.

¹⁴ Ver ms. 50,1,023, f. 63: a figura da Morte.

¹⁵ O ms. 50,1,001 apresenta nove iluminuras de página plena referentes às figuras de devoção invocadas nos sufrágios.

litanias. As duas orações principais lembradas ao longo do livro são orações marianas. Com efeito, nenhuma figura de devoção era mais invocada nas orações que Maria.

É o tempo da Mãe de Deus que forma o livro de horas, sobretudo pela recorrência diária à parte indispensável do livro de horas: o seu ofício. Episódios fundamentais da vida da Virgem teriam ocorrido na mesma hora do dia em que o fiel deveria recitar o Ofício mariano correspondente no livro de horas (cf. DE HAMEL, 2006, p. 192). *Lembrar visualmente e oralmente episódios da vida da Virgem Maria ao longo do Ofício tornou-se mais popular do que a lembrança de qualquer outra figura, inclusive o próprio Cristo*. Em termos práticos, *grosso modo*, o Ofício da Virgem recebeu mais iluminuras do que os ofícios cristológicos. A preeminência deste Ofício mariano é uma evidência histórica e explicá-la através do destaque da Virgem no cotidiano é um consenso historiográfico. Sem tais evidências compromete-se a própria compreensão da popularidade do livro de horas.

Dois fatores explicam a preeminência do livro de horas como o gênero de livro mais importante e de maior produção ao longo de dois séculos e meio. Como vimos, o primeiro seria o desejo de leigos participarem de práticas reservadas aos monges e monjas, quer dizer, de terem seus próprios livros de orações assim como cada membro do clero regular tinha o seu breviário. A segunda causa, que pode ser lida como uma especificação da primeira, seria o desejo de homens e mulheres leigos poderem dirigir suas orações à Virgem Maria, figura de devoção primordial no cotidiano na devoção clerical e leiga no período.

Os fólios dos livros de horas trazem esta possibilidade de um diálogo do fiel com a Virgem, tanto através de belas iluminuras, quanto através de orações manuscritas, ambas apresentadas em conjunto. O que os olhos contemplavam concordava na página e na duração da prática com aquilo que era recitado pelos lábios ou na leitura silenciosa de uma subjetividade individual. Tanto a apreciação visual quanto a oração podiam ser experiências individuais, já que a maioria dos livros de horas tem um formato previsto para o uso de um indivíduo de cada vez, diferentemente das imagens em locais de culto que poderiam ser simultaneamente apreciadas por muitos.

O Ofício da Virgem Maria seria como o altar-mor da catedral, *o coração do livro* (cf. WIECK, 2001, p. 60). É eloquente a analogia que compara um livro de horas a uma catedral, inclusive porque centenas de catedrais foram dedicadas a *Notre Dame* durante a vigência da produção de livros de horas, empregando semelhante esforço para produzir objetos caros e dispendiosos e preservá-los para as gerações seguintes como patrimônio artístico e religioso.

É o tempo da Mãe de Deus que forma o livro de horas, inclusive historicamente. A própria origem desse gênero de manuscrito atesta o papel primordial das Horas da Virgem no conjunto de ofícios de um livro de horas. O próprio termo *Horae* designava as Horas da Virgem – a partir de um acréscimo feito ao Breviário no século X – antes de designar todo

o livro de horas (cf. WIECK, 2001, p. 27-28). Manuscritos contendo as Horas da Virgem sobrevivem desde o século XI. No fim do século XIII as Horas da Virgem são acrescidas de um calendário, os salmos penitenciais, uma litania e o Ofício dos Mortos – todos, elementos litúrgicos presentes em breviários – e passam a ser conhecidos como *livros de horas*.

Esta preeminência das Horas da Virgem reflete o culto mariano que se intensificou desde o século XII, primeiro entre monges e outros eclesiásticos e posteriormente entre leigos. S. Bernardo, abade de Claraval (1090/91-1153), legou-nos uma centena de sermões sobre a Virgem Maria, bem antes da prática da pregação ser tão valorizada no século XIII.

A devoção mariana não passava apenas pela audição da homilia, mas também pela visualização. S. Bernardo adota o hábito branco para os monges de sua ordem, os cistercienses. O branco é eleito como a cor da pureza virginal de Maria e contrasta com o hábito negro dos monges tradicionais que seguiam a regra de São Bento de Nursia. Percebemos que as cores com sua polissemia não são restritas ao mundo artístico. Importa incorporar o branco de forma emblemática. Importa aos pintores da Itália no século XV que recebem instruções específicas em contratos reservar ao manto da Virgem Maria a cor mais valorizada, obtida a partir do lápis-lazúli.¹⁶ Importa aos iluminadores perpetuar este azul nos mantos da maior figura de devoção dos livros de horas, como pode ser observado em inúmeras iluminuras. Azul e dourado, então, tornaram-se as cores valorizadas nos livros de horas, como revelam inclusive versos de um poeta de corte francês, Eustache Deschamps (1346-1406) (cf. PENKETH, 1996, p. 269).

Além da teologia mariana, que se intensificou no século XII, as cores e as palavras recorrentes permitiriam aos fiéis sem estudo formal, os leigos, participar de um culto mariano simplificado. É neste sentido que o livro de horas é um instrumento que obteve sucesso em seu propósito: oferecer aos leigos uma religiosidade que espelhasse a clerical, mediante uma assimilação mais simples.

Cada Hora da Virgem seguia aproximadamente as horas canônicas dos monges e era composta de salmos, hinos, cânticos bíblicos e muitos responsórios e outras récitas e orações. O ideal seria que as oito horas fossem recitadas sete vezes ao dia (cf. WIECK, 2001, p. 28), a saber: Matinas e Laudes ao raiar do dia, Prima às seis horas da manhã, Tercia às nove horas, Sexta ao meio-dia, Nona às quinze horas, Vésperas ao pôr-do-sol e Completas no fim do dia. Tertuliano (c. 160-c. 225) já havia indicado cinco horas diárias para exortar os cristãos à prática da oração: manhã e tarde, Tercia, Sexta e Nona.¹⁷ O ideal

¹⁶ Cf. Pastoureau (2006). Ver em particular “Le rôle de la Vierge”, p. 44-47.

¹⁷ Cf. Bragança ([s.d.], p. 174-175). Tercia, Sexta e Nona eram as únicas horas diárias conhecidas na Antiguidade. A oração noturna posteriormente foi chamada Matinas. A oração de Vésperas é a mais antiga e bem documentada, pois já existia no Judaísmo e no mundo helênico como prática do crepúsculo. Em contraposição a esta hora, cristãos enfatizaram a ressurreição de Jesus em Laudes, praticada na aurora de maneira a associar a luz de Cristo com o raiar do dia.

medieval não seria necessariamente seguido por leigos, que provavelmente utilizavam seus livros de horas de manhã em casa e durante a missa, na igreja. Há indícios de que alguns seguiam o conselho de recitar Matinas e Prima logo ao acordar, antes de deixar o quarto de dormir (cf. REINBURG, 2001, p. 41).

Um manuscrito que apresenta o Ofício da Virgem Maria traz em si a valorização da Mãe de Deus na liturgia cotidiana, bem como nas festas celebradas por toda a Igreja como, por exemplo, a Assunção (15 de agosto). Contudo, esta valorização ultrapassa a liturgia coletiva e ganha forma também em variadas práticas individuais, como atestam as orações *Obsecro te* e *O intemerata*. As primeiras palavras dessas orações eram inscritas abaixo de inúmeras iluminuras que representavam episódios da vida da Virgem Maria, fazendo convergirem práticas orais e visuais. Ao recitar a oração e simultaneamente contemplar a iluminura, o fiel era chamado a rememorar episódios da vida da Virgem, exaltada em ambas como mãe, rainha, consoladora, advogada e ainda outros papéis.

Ao associar visualidade e oralidade, essas iluminuras podem ser também consideradas *painted prayers* (título de outro livro de R. Wieck sobre livros de horas). A repetição da sequência das horas canônicas seria, nos livros com mais iluminuras, muito importante para associar as oito horas com oito respectivos episódios da vida da Virgem Maria.

Nos livros mais simples, a ênfase recai sobre o episódio mais importante da vida da Virgem Maria, ilustrando matinas: a Anunciação pelo anjo Gabriel de que ela conceberá do Espírito Santo. Se um livro de horas não apresenta outras cenas da vida de Maria, traz a principal, extremamente difundida no Ocidente nos séculos XIV-XV: o momento em que Maria se torna *Theotokos*, Mãe de Deus. Reiterando o Credo de Niceia, esta seria a iconografia do “Verbo que se fez carne”, como nas palavras emblemáticas da abertura do Evangelho de João.

Um usuário menos instruído pode entender a cena como ilustração da narrativa do Evangelho de Lucas, que frequentemente era copiada nos livros de horas: o anjo Gabriel foi enviado a Nazaré... Poderia entender que aquela concepção de Jesus é o objeto da festa de 25 de março, possibilitando mesmo a lógica da celebração nove meses depois: a Natividade, dia 25 de dezembro. A festa da Anunciação era celebrada em Roma antes do século VII e em Constantinopla desde o século V; a data chegou a ser considerada como o início do ano novo.¹⁸ A prática do Ângelus passou a lembrar a toda a Cristandade, no início e no fim do dia, a visita de Gabriel a Maria.¹⁹

¹⁸ Cf. *The image...* (2000, p. 179). Embora o início do ano fosse dia 1º de janeiro, documentos eram datados de acordo com outros ciclos. Até 1445, cada papa utilizava o ciclo de sua região de origem. O de Florença era 25 de março, e outras possibilidades eram 25 de dezembro e Páscoa. Ver também p. 86.

¹⁹ Cf. Rapp (1994, p. 150). O autor não identifica a causa do início desta prática intensiva desde 1456.

O leitor mais erudito poderia considerar toda a dimensão teológica de Maria, que se torna a Nova Eva, para que seja cumprida a promessa feita por Deus Pai (*Gen.* 3,15) de um Salvador, dentro do plano messiânico de redenção. O leitor instruído em latim pode mesmo compreender que o filactério que o anjo Gabriel traz na mão direita reproduz sua fala: “Ave Maria cheia de graça”. Sua mão esquerda aponta para o A de “Ave” e sobre sua asa direita vê-se, entre raios dourados que passam pela abertura na parede, a pomba, que representa o Espírito Santo, de quem Maria concebeu (fig. 15).²⁰ Fala esta que cada fiel repete ao recitar a oração Ave Maria, a mais difundida no Ocidente, como vimos.

A Anunciação não era a única cena iconográfica que permitiria interpretações mais ou menos eruditas. Michael Camille demonstrou de maneira brilhante que informações visuais aparentemente sutis poderiam ser reveladoras. Esclareceu, por exemplo, a importância da pintura das margens que antes eram consideradas mero ornamento (cf. 1992). Ademais, a pesquisa de Camille proporcionou interpretações que valorizam a iluminura mesmo a partir de detalhes antes negligenciados. Embora a fuga para o Egito possa ser identificada como episódio doloroso da vida da Virgem, ao proteger seu Filho de Herodes, a cena também poderia trazer a tradução visual de um discurso clerical. Uma prática preconizada pelo clero foi a de não confundir “imagens” cristãs com “ídolos” pagãos (cf. CAMILLE, 1994. p. xxix, 1-24). Ora, uma narrativa apócrifa da fuga para o Egito inclui a menção de ídolos que caíam quando Jesus passava perto deles, ao longo da trajetória para o Egito, terra pagã. É isso que se vê em inúmeras iluminuras como, por exemplo, em um dos livros de horas que integram este catálogo (fig. 16). Além da narrativa que compõe uma das horas do Ofício da Virgem, a iluminura reflete a vivência medieval. Assim, apreciações iconográficas revelam que a sofisticação artística não se limita aos materiais e às técnicas pictóricas, mas abrange também os significados visuais.

É complexa a análise do que o clero preconizava como discurso e como prática em relação a imagens. Vale atentar, contudo, para os registros históricos indicando que o clero aconselhava os leigos a recitar, dentre todos os ofícios, o da Virgem, por ser o coração do livro de horas. Mesmo quando sozinhos, os fiéis provavelmente liam este ofício (assim como ocorria com os Salmos, por exemplo) em voz alta (cf. REINBURG, 2001, p. 41). Ler era um processo lento e meditativo na Idade Média, ativo e também reflexivo. Contemplar um fólio de um livro de horas era um processo sensorial em muitos sentidos, envolvendo mãos, olhos, lábios e ouvidos (e olfativo se houvesse incenso...) de maneira a absorver lentamente, assim como o canto gregoriano pronuncia cuidadosamente as diversas partes da liturgia.

²⁰ Ver ms. 50,1,016, f. 32 “*Ave Maria, gratia plena*”.

Por fim, duas iluminuras do mesmo livro de horas nos indicam como leigas poderiam ser retratadas “dentro” da cena bíblica em que Maria teve um papel preponderante como Mãe de Cristo (ms. 50,1,022). Na cena da Natividade de Cristo há uma mulher ajoelhada atrás do burro. Tem as mãos postas em oração, adorando o Menino (fig. 17). Ela é desenhada em escala menor do que as figuras bíblicas; o desenho exibe um rosto singelo e uma postura elegante. A iconografia mantém a importância do boi e burro, como apresentados pelo profeta Isaías (1:3), como os que reconhecem Jesus como o Cristo; reflete, ainda, a visão de Brígida da Suécia sobre a Natividade.

Este nascimento configura uma das maiores alegrias de Nossa Senhora. Seu contraste é o Cristo após sua crucificação, sobretudo a cena em que Maria, sentada à frente da cruz, segura seu filho morto ao colo: a *Pietà* (fig. 18). O braço direito de Cristo está caído verticalmente, como que enfatizando sua morte. A cruz traz a coroa de espinhos e a inscrição “INRI”.²¹ Nesta iluminura também há uma devota ajoelhada: a única das cinco figuras sem auréola na cabeça. Suas mãos postas estão próximas da mão esquerda de Cristo, segurada por sua mãe. Os pés de Cristo tocam o vestido desta dama. Felizmente os rostos das mulheres não foram danificados. Há uma bela troca de olhares entre a Virgem e a devota ajoelhada. A compreensão desta cena é elucidada pela explicação que Hans Belting fornece-nos sobre a *imago pietatis* (ver 1990). A Mãe de Piedade – “*doulce dame*” – apresenta Seu Filho para adoração como “*Doulz dieu*”. Piedade, com efeito, é um termo que se repete nas orações desses fólhos: “*Beau sire dieu regardes moy em pitié [...]*” (133v em diante). Na iluminura, Maria olha a devota com piedade, de acordo com o tom de súplica nesta oração dirigida ao “Belo Senhor Deus”.

O sol à esquerda e a lua à direita da cruz estão apenas esboçados em amarelo sobre o céu azul desta iluminura. Os astros estão presentes de maneira discreta, mas esta presença é fundamental para que o fiel associe tempo bíblico e vivência cotidiana, para que lembre da Crucificação todos os dias, visando a uma aproximação a Cristo por intermédio de sua mãe. Nessas iluminuras, a aproximação é física e espiritual.

* * *

As iluminuras das *horae* permitiram aos fiéis um ápice da santificação do tempo cristão. Simples, claro e *iluminado*.

Recordemos. No século IV, quando a religião cristã deixou de ser perseguida e foi mesmo favorecida ao extremo, o dia do planeta sol (*Sunday, Sontag...*) foi associado com o dia de Cristo, vale dizer, o dia de culto dos cristãos. Também na época do imperador

²¹ Abreviação de *Jesus Nazareno Rei dos Judeus*, em latim.

Constantino, o solstício de inverno passou a ser a data para a celebração da Natividade: a presença de Cristo no mundo aumentaria a luminosidade de cada dia a partir de 25 de dezembro.

Vislumbremos. No milênio seguinte, se *Matinas* fosse recitada, como previsto, ao raiar do dia, seria de fato o cenário ideal para um fiel começar o seu tempo diário santificado. Graças ao livro de horas, a trajetória do sol inicia o dia dos leigos, juntamente com o *Evangelho*, palavra que em grego significa a “boa nova” centrada na figura do Messias. Jesus, Luz do Mundo nos evangelhos, irradia implicitamente na iluminura de *Matinas*: a Anunciação tornou-se a tradução visual do “Verbo feito carne que habitou entre nós”. A boa nova é recorrente em toda aurora para lembrar aos fiéis a esperança maior de salvação na crença cristã.

O livro de horas *santifica, amplia* e, ainda, *simplifica* o entendimento dos astros, mesmo para aqueles que não estudavam astronomia: não apenas aos domingos, mas continuamente a aurora trará a Luz de Cristo para quem pratica as horas canônicas e suas orações. Mesmo com um céu sombrio de inverno, toda aurora, acompanhada de uma iluminura, guardará o encanto das cores mais santificadas: o azul e o dourado.



As orações *Obsecro te* e *O intemerata*

*Obsecro te**

Eu vos suplico, Maria,
Santa Senhora,
Mãe de Deus,
repleta de piedade,
Filha do maior rei,
a mais gloriosa Mãe,
Mãe dos órfãos,
consolação dos affitos
caminho para os que se perdem,
salvação para os que esperam em vós, Virgem antes de dar à luz,
Virgem enquanto dá à luz,
Virgem depois de dar à luz,
fonte de misericórdia,
fonte de salvação e graça,
fonte de piedade e alegria,
fonte de consolação e bondade,
através daquela santa e impronunciável alegria com a qual vosso espírito jubilou naquela
hora em que o Filho de Deus vos foi anunciado pelo arcanjo Gabriel e assim concebido,
e através daquele mistério divino que foi então gerado pelo Espírito Santo;
e através daquela santa e inexprimível piedade, graça, misericórdia, amor, e humildade
pelas quais seu Filho desceu para aceitar a carne humana,
em vossas mui veneráveis entranhas,
e o que Ele viu em vós quando vos recomendou para São João,
o Apóstolo e Evangelista,
e quando Ele vos exaltou para além dos anjos e arcanjos;
e através daquela santa e inestimável humildade com a qual respondeste ao arcanjo
Gabriel,
“Eis aqui a serva do Senhor,
faça-se em mim segundo a Tua palavra”;
e através daquelas quinze santíssimas alegrias que tiveste em vosso Filho,
Nosso Senhor Jesus Cristo;

* O conteúdo dessa oração é apresentado de acordo com um exemplar específico de livro de horas: o manuscrito 224 da coleção Walters Art Museum (Baltimore, EUA), número 58 do catálogo desse acervo (cf. WIECK, 2001, p. 163-164). Esse manuscrito foi escolhido pelo autor porque o original em latim é quase idêntico à versão já publicada por Leroquais (1927, v. 2, p. 346-347). Tradução do inglês para o português por Camille L. Rosés e Maria Beatriz de Mello e Souza.

e através daquela santa e imensa compaixão e daquela mais amarga tristeza em vosso coração que sentiste quando viu vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, nu e erguido na cruz, pendurado, crucificado, ferido, sedento, porém só lhe fora servido fel e vinagre, e ouviste-O clamar “Eli”, e viste-O morrendo; e através das cinco feridas de vosso Filho e do colapso de Sua carne pela enorme dor causada por Seus ferimentos; e através do sofrimento que vós tivestes quando O vistes ferido; e através das fontes de Seu sangue e através de todo o Seu sofrimento; e através de toda a tristeza de vosso coração e das fontes de vossas lágrimas; junto com todos os santos e eleitos de Deus.

Vinde e apressai meu auxílio e conselho, em todas as minhas orações e pedidos, em todas as minhas dificuldades e necessidades, e em todas as coisas que eu irei fazer, que eu irei dizer, que eu irei pensar, todo dia, toda noite, hora e momento da minha vida. E concedei a mim, vosso servo, a plenitude de toda a misericórdia e consolação, da parte de vosso estimado Filho, todo o conselho e auxílio, toda a ajuda, santificação e bênçãos, toda a salvação, paz e prosperidade, toda a alegria e júbilo, e uma abundância de todas as coisas boas para o espírito e o corpo, e a graça do Espírito Santo para que Ele possa me conferir tudo em boa ordem, guarde a minha alma, proteja e reine sobre meu corpo, eleve minha mente, direcione meu curso, preserve meus sentidos, controle meus caminhos, aprove minhas ações, realize meus desejos e minhas vontades, introduza pensamentos santos, perdoe as maldades que fiz no passado, corrija as do tempo presente, e tempere as do futuro,

me conceda uma vida honesta e honrosa,
e me permita ser vitorioso em todas as adversidades desse mundo,
e traga a verdadeira paz
para o meu espírito e corpo,
boa esperança, caridade, e fé,
castidade, humildade, e paciência,
reine e proteja meus cinco sentidos,
faça-me cumprir as sete obras da misericórdia,
faça-me acreditar firmemente e respeitar
os doze artigos da fé e
os Dez Mandamentos da lei,
e me mantenha livre dos sete pecados e me defenda até o meu fim.

E no fim da minha vida
mostrai-me vosso rosto
revelai-me o dia e a hora de minha morte.

Ouvi e recebi por obséquio esta humilde oração e concedei-me a vida eterna.

Ouvi e escutai-me, Maria,
mais doce Virgem,
Mãe de Deus e da misericórdia.

Amém.

*O intemerata**

Oh imaculada Virgem,
abençoada pela eternidade,
única e sem igual,
Virgem Mãe de Deus,
Maria, templo de Deus,
cheia de graça,
a porta para o reino dos céus,
santuário do Espírito Santo,
Vós, através de quem,
depois do próprio Deus,
o mundo inteiro vive,
Volvei os ouvidos de vossa piedade na direção de as minhas orações indignas
e sede gentil comigo, um pecador,
e sede uma Auxiliadora em todas as coisas.
Abençoado João,
amado amigo de Cristo,
que foi escolhido por Nosso Senhor Jesus Cristo para permanecer virgem, e,
entre todos os outros,
foi o mais estimado e impregnado,
antes de todos os outros,
com os mistérios celestiais,
apóstolo de Cristo e o mui glorioso Evangelista,
eu te imploro,
com a mãe de nosso Salvador,
que considere, com ela,
que eu seja digno de tua ajuda.

Oh joias dos céus, Maria e João,
duas divinas luzes brilhando diante de Deus,
afastem o pesar das minhas culpas com os vossos brilhos.

Sejam os dois a quem Deus Pai,
através de seu único Filho,
especialmente construiu a sua própria casa,
e sejam os dois em quem o Filho do Deus Pai,
como a recompensa da sua mais sincera virgindade,

* O conteúdo dessa oração é apresentado de acordo com um exemplar específico de livro de horas: o manuscrito 213 da coleção Walters Art Museum (Baltimore, EUA), número 56 do catálogo desse acervo (cf. WIECK, 2001, p. 164). Esse manuscrito foi escolhido pelo autor porque o original em latim é quase idêntico à versão já publicada por Wilmart (1932, p. 488-490). Tradução do inglês para o português por Maria Beatriz de Mello e Souza e Vinicius de Freitas Morais.

confirmada como Seu especial privilégio,
assim vos dizendo como se Ele estivesse pendurado na cruz,
“Mulher eis o teu filho”, e então o outro,
“Eis a tua mãe.”

Pela doçura deste mais sagrado amor
possai serem unidos pelas palavras de Nosso Senhor assim como a mãe e o filho,
vós dois a quem eu, o pecador,
ofereço meu corpo e minha alma hoje e todos os dias,
para que possais ser,
a cada hora e a cada momento da minha vida,
dentro e fora de mim,
meus guardiões constantes e meus piedosos intercessores diante de Deus.

Eu, de fato, acredito firmemente e aceito sem dúvida alguma
que aquele que quer ser vosso, pertence a Deus,
e aquele que não quer ser vosso, não pertence a Deus,
pois vós podeis obter o que pedirdes de Deus sem retardo.

Pela virtude de vosso mais poderoso valor,
implorei, por mim,
para a salvação do meu corpo e da minha alma.

Eu vos suplico que ofereças
vossas gloriosas orações
para que então meu coração se torne digno
de ser capturado, permeado e habitado pelo Espírito Santo,
que me purificará de todos os vícios sórdidos
e me embelezará com as virtudes sagradas,
as quais me ajudarão a manter-me em pé, quase perfeitamente,
a merecer o favor de Deus e me fará perseverar, e,
quando o curso de minha vida chegar ao fim,
guiai-me para a alegria de Seus eleitos,
o mais benevolente Paraclito,
o maior doador de graça, que,
consustancial ao Pai e ao Filho e co-eterno com eles,
vive e reina como Deus para sempre.

Amém.

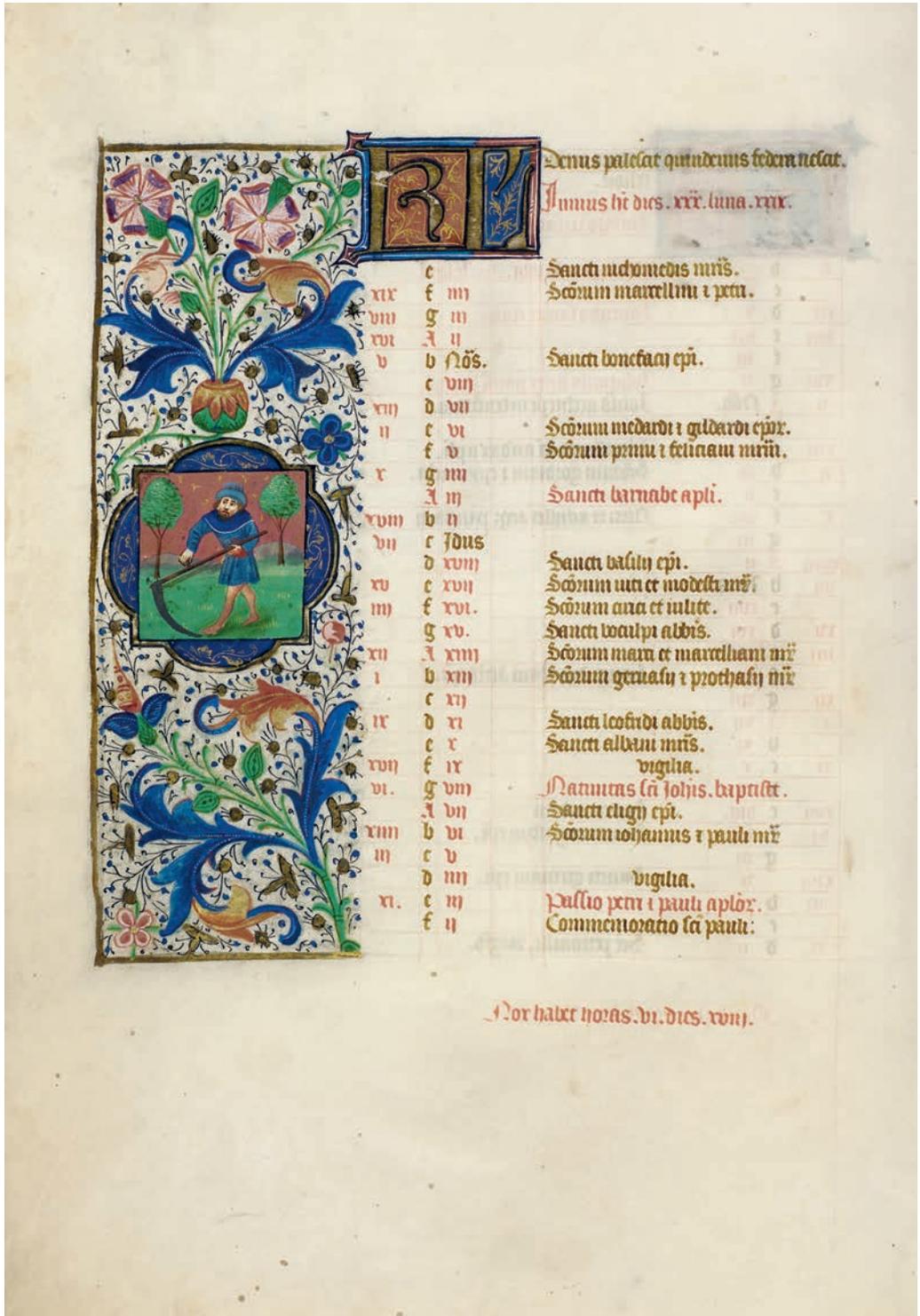


Fig. 1. Ms. 50,1,001, f. 4v – O Calendário, mês de junho

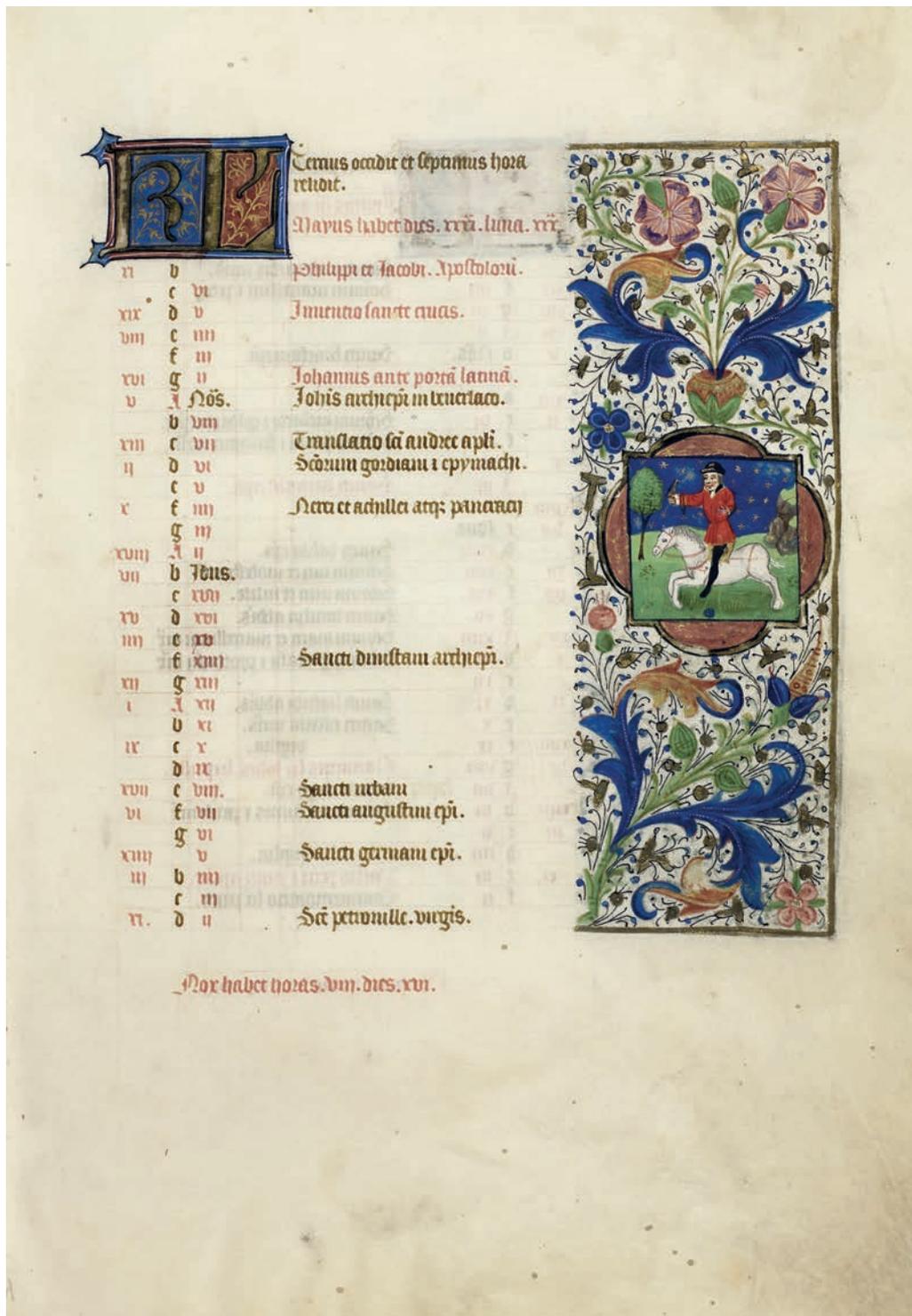


Fig. 2. Ms. 50,1,001, f. 4 – O Calendário, mês de maio



Fig. 4. Ms. 50,1,022, f. 13 – Os Evangelistas



Fig. 5. Ms. 50,1,022, f. 71 – *Arma Christi*

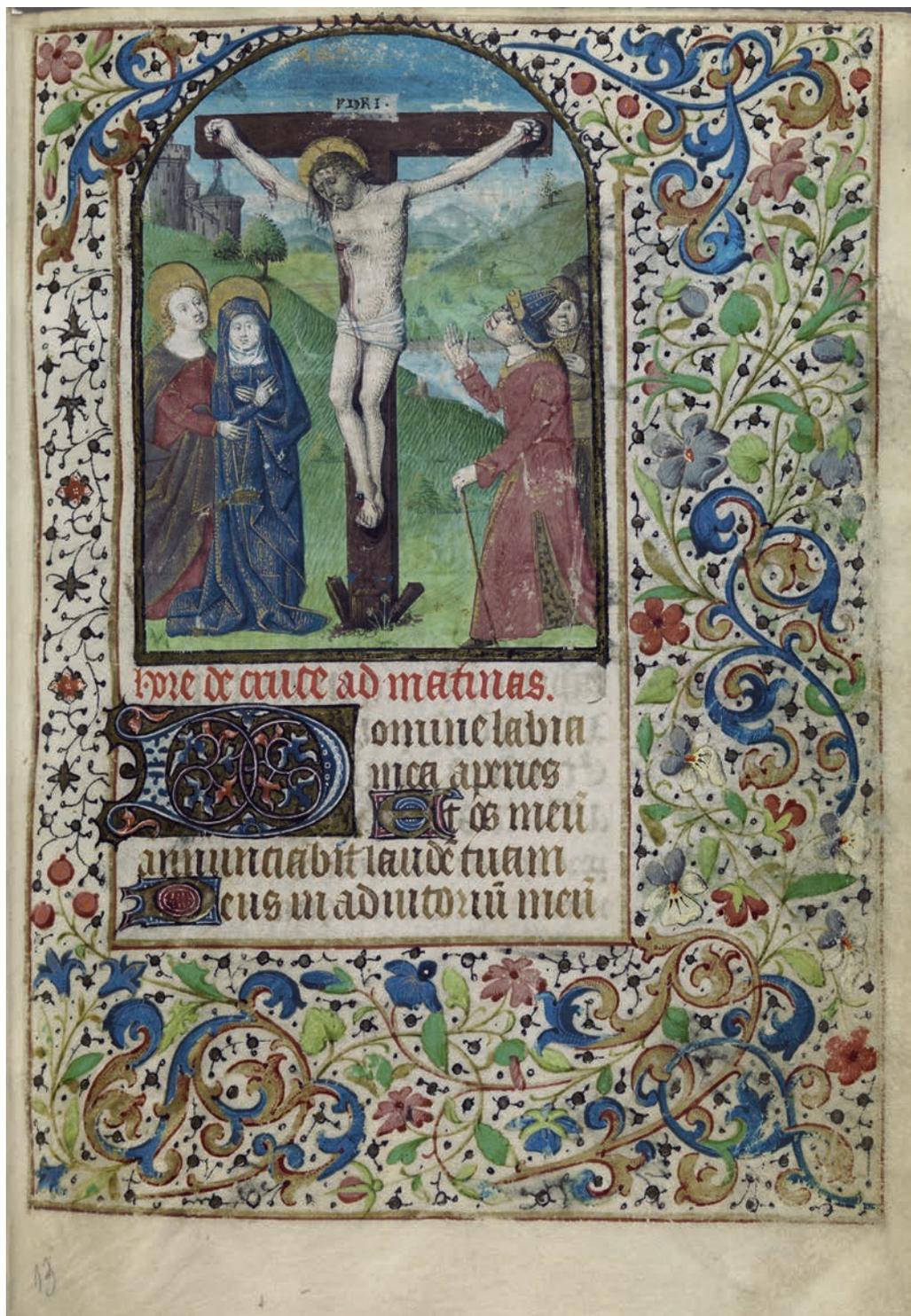


Fig. 6. Ms. 50,1,016, f. 13 – *A Crucificação*



Fig. 7. Ms. 50,1,016, f. 16v – Pentecostes



Fig. 8. Ms. 50,1,016, f. 25 – A Pietà

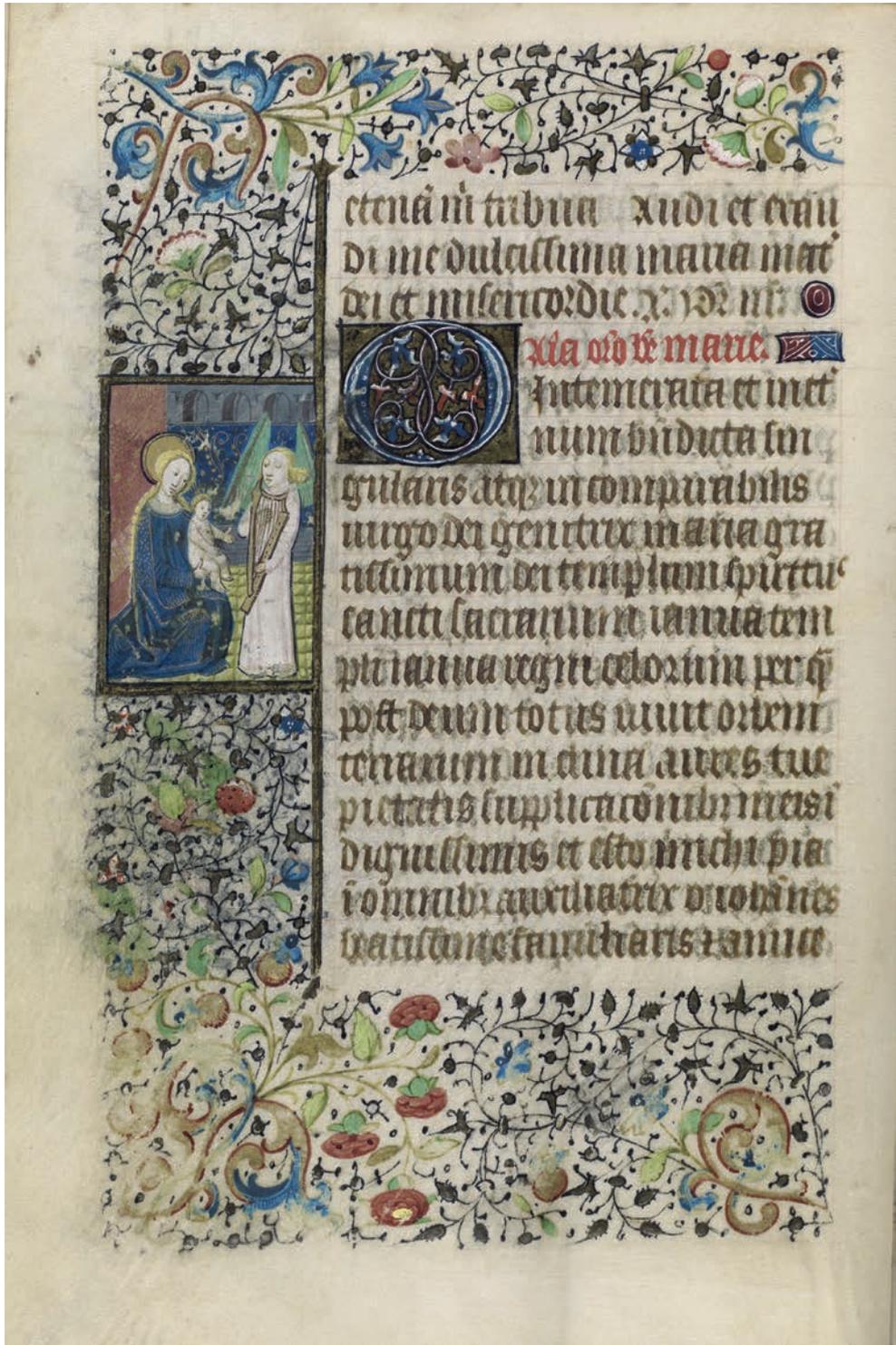


Fig. 9. Ms. 50,1,016, f. 28v – *Cena da Virgem com o Menino*



Fig. 10. Ms. 50,1,016, f. 88 – *O Rei Davi*



Fig. 11. Ms. 50,1,023, f. 53 – *Davi com Golias*



Fig. 12. Ms. 50,1,028, f. 101v – *Lázaro*



Fig. 13. Ms. 50,1,001, f. 135v – *Lázaro*



Fig. 14. Ms. 50,1,023, f. 63 – *A Figura da Morte*



Fig. 15. Ms. 50,1,016, f. 32 – *A Anunciação*



Fig. 16. Ms. 50.1.016, f. 82 – *A Fuga para o Egito*



Fig. 17. Ms. 50,1,022, f. 51 – *A Natividade*



Fig. 18. Ms. 50,1,022, f. 124 – *A Pietà*



Catálogo dos
livros de horas
da Biblioteca Nacional do Brasil

Introdução

Os belos livros de horas armazenados nos cofres da Divisão de Manuscritos sempre foram um atrativo e, ao mesmo tempo, motivo de profunda inquietação de seus funcionários, pois tardaram muito a ser plenamente identificados e, em consequência, disponibilizados aos pesquisadores e ao público em geral. Com a publicação deste catálogo pretendemos dar visibilidade, tanto no Brasil quanto no exterior, ao conjunto, assegurando assim sua autenticidade, historicidade e a valorização de um tesouro patrimonial. Apesar das limitações técnicas para sua elaboração, acreditamos que ele irá despertar o interesse dos especialistas incentivando a realização de estudos multidisciplinares que joguem novas luzes sobre a natureza e compreensão desse precioso acervo.*

A vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, em 1808, deu ao Brasil – logo elevado à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves e, em seguida, à de Estado independente – um novo status em praticamente todos os planos da vida social. Em poucos anos, inúmeras instituições foram fundadas, como a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica (uma de nossas primeiras escolas de ensino superior), a Academia Real Militar, o Real Horto, o Museu Real, a Real Academia de Belas Artes, o Banco do Brasil, a Imprensa Régia, além, é claro, da Real Biblioteca, hoje Biblioteca Nacional. O comentário feito pelo ilustre viajante alemão João Maurício Rugendas na obra *Viagem pitoresca através do Brasil*, de 1835, descreve bem a importância do momento:

É em 1808 que começa realmente a história do Brasil e do Rio de Janeiro; e se desde então não houve grandes acontecimentos, vitórias ou derrocadas sangrentas, suscetíveis de atrair para o país a atenção de observadores superficiais, as modificações que ocorreram no estado intelectual e material da antiga colônia, e principalmente da capital, são da mais relevante importância.

Em novembro de 1807, quando o príncipe regente d. João, a rainha d. Maria I e toda a família real, diante da iminente invasão de Portugal pelas tropas francesas napoleônicas, deixaram Lisboa com destino ao Brasil, trouxeram a Real Biblioteca, com cerca de 60 mil peças, entre livros, manuscritos, estampas, mapas, moedas e medalhas. Veio também

* A ideia de realizar este *Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil*, alimentada pela organizadora durante o exercício de suas atividades na Divisão de Manuscritos da Biblioteca, resultou na formulação de seu projeto de dissertação para o Curso de Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

a Livraria chamada do Infantado. Criada em 1654 por d. João IV,¹ a Casa do Infantado era uma organização patrimonial dos segundos filhos dos monarcas portugueses, ou seja, do príncipe que não seria o herdeiro da Coroa. Este infante possuía o título de senhor da Casa do Infantado, instituição que existiu por 180 anos e foi extinta pelo decreto de 18 de março de 1834, de d. Pedro IV,² sendo seus manuscritos e impressos incorporados à Real Biblioteca. Apenas para se dimensionar a riqueza desse acervo, vale observar que nele estava, provavelmente, o mais antigo livro de horas português de que se tem notícia, *O livro de horas de d. Fernando*, rei de Portugal,³ que, segundo se supõe, o teria encomendado ao artista italiano Spinello Spinelli, em 1378. Além desse há outros preciosos livros de horas, os quais constituem o objeto do presente catálogo.

O termo *livro de horas* é utilizado para designar um livro na forma de um códice manuscrito, que tem o pergaminho como um dos suportes mais utilizados. Segundo Houaiss (1983) “é uma outra determinação do livro com finalidade temática”. Os livros de horas da Biblioteca Nacional, ainda pouco estudados, integram a coleção⁴ dos manuscritos iluminados da Divisão de Manuscritos. Como observa Herkenhoff (1996, p. 23), “a coleção de manuscritos europeus iluminados da Biblioteca Nacional é peculiar na América Latina. São algumas dezenas de códices e folhas de pergaminho esparsas da Idade Média e do Renascimento, além de alguns posteriores”.

O acervo abrange nove livros de horas, mas devido às características e estrutura, identificamos nesse trabalho apenas aqueles produzidos no século XV. Quatro são provenientes da Casa do Infantado-Real Biblioteca e os outros cinco foram adquiridos pela Biblioteca Nacional por meio de compras e doações. Eles figuram, parcialmente identificados, no catálogo da exposição *Manuscritos, Séc. XII-XVIII: Pergaminhos Iluminados e Documentos Preciosos*, organizada por Darcy Damasceno em 1973, na Biblioteca Nacional. Antes, porém, encontramos alguns deles arrolados no catálogo *Exposição permanente dos Cimélios da Bibliotheca Nacional*, de 1885 (ver também *Anais da Bibliotheca Nacional*, v. 11, 1883/4), descritos pelo antigo chefe da Divisão de Manuscritos, Alfredo do Vale Cabral. Contudo, nenhum dos trabalhos mencionados se compara ao estudo feito por frei Damião Berge,⁵ na década de 1940. Trata-se de estudo minucioso

¹ D. João IV, conhecido como o Restaurador, foi rei de Portugal no período de 1640 a 1656.

² Foi o 27º rei de Portugal (1831-1834) e Pedro I, no Brasil (1822-1831).

³ Nono rei de Portugal, D. Fernando I, o Formoso, nasceu em 1315, subiu ao trono em 1367 e faleceu em 1383.

⁴ Segundo Pomian (1984, p. 53), “uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público”.

⁵ Frei Damião Berge nasceu no Rio de Janeiro em 31 de agosto de 1895. Pertenceu à Ordem Franciscana e foi professor titular da Universidade do Brasil (hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ). Faleceu no Convento de Santo Antônio (Rio de Janeiro) no dia 29 de agosto de 1976. O trabalho mencionado provavelmente foi escrito no ano de 1973, e uma cópia datilografada foi doada à Biblioteca Nacional em 1976.

dos nove livros de horas e outros breviários e missais, em que o franciscano tomou por base a obra clássica de Victor Leroquais.⁶ Não temos notícia de sua publicação, mas uma cópia datilografada está disponível, para consulta, na Divisão de Manuscritos. Essas fontes serviram de base para a construção deste catálogo.

Este trabalho está estruturado em duas partes. A primeira destina-se à apresentação do catálogo dos livros de horas. Nela, três temas são abordados com o objetivo de situar o livro de horas no tempo (“Os livros de horas na Idade Média”), na coleção (“O acervo da Biblioteca Nacional”) e no universo dos instrumentos de pesquisa (“A construção do catálogo dos livros de horas”). Tomamos como exemplo os catálogos elaborados pelas bibliotecas de Portugal por oferecerem melhores soluções ao nosso propósito.

Não poderíamos tratar do tema sem falar da Idade Média, pois o livro de horas é um produto desse período. Por isso, abordamos, ainda que de forma superficial, questões como a espiritualidade, o surgimento dos livros de horas, sua tipologia, estrutura, uso, produção e encomenda. Não temos aqui a pretensão de nos investir de historiadores para falar do medievo cristão dos últimos séculos, pois todo o estudo realizado foi feito com o único propósito de ser aplicado no âmbito deste trabalho.

IncurSIONAR pela história da instituição em que trabalhamos é, além de uma tarefa prazerosa, uma obrigação. Saber e dar a conhecer o fato de que alguns desses livros de horas são provenientes desse tesouro bibliográfico que é a Real Biblioteca nos enche de orgulho e nos faz sentir, cada vez mais, comprometidos e responsáveis pela preservação dessa parte importante da memória cultural.

A segunda parte do trabalho é o catálogo propriamente dito, no qual se encontram as descrições codicológicas – pela primeira vez em termos internacionais – de cada manuscrito individualmente, a saber: conteúdo do texto (estrutura); descrição material; escritura e decoração; histórico; encadernação e proveniência. Essa organização em tópicos foi previamente determinada por ocasião dos estudos realizados no Departamento de Manuscritos Ocidentais da Biblioteca Nacional da França, sob a supervisão da conservadora-geral Marie-Françoise Damongeot, em 2011.

Contar com um texto, nesta publicação, de *monsieur* François Avril, maior especialista no campo dos manuscritos iluminados da Idade Média e da Renascença, foi para nós um grande privilégio. Ele fez uma análise dos manuscritos da coleção e, amavelmente, nos forneceu importantíssimas informações sobre a datação e localização dos mesmos na sua preciosa apresentação.

⁶ *Les livres d'heures manuscrits de la Bibliothèque nationale* [de France], de 1927, em 3 volumes, obra de fundamental importância para o estudo dos livros de horas.

Para ilustrar os textos e a descrição, foram reproduzidas algumas imagens dos livros. Por fim, para facilitar o entendimento de termos especiais e técnicos empregados – alguns deles definidos no próprio texto –, foi elaborado um pequeno glossário.

Mesmo tendo como objetivo primordial a guarda de acervos de memória, a produção de instrumentos de pesquisa é também uma das funções de uma Biblioteca Nacional. Os curadores de acervos não só devem se preocupar com a preservação de suas coleções, mas também em promover, de maneira rápida e eficaz, seu tratamento técnico, incentivando com isso a elaboração de inventários, repertórios e catálogos, impressos ou em formato eletrônico, que atendam às necessidades institucionais e à crescente exigência dos pesquisadores, pois esses instrumentos são ferramentas importantes para conhecer o acervo da instituição.

Os livros de horas na Idade Média

Estabelecer marcos cronológicos é das tarefas mais difíceis para o historiador. Embora se entenda a necessidade de periodizar e definir limites para o estudo de diferentes épocas históricas, convém deixar clara a relatividade desta ação. A cronologia é um instrumento de trabalho importante para o historiador pois ela demarca os necessários limites temporais de toda pesquisa histórica. Ressaltamos, porém, que é preciso não confundir os modelos oferecidos pela cronologia com o vivido na história. O modelo é um artifício para a abordagem de formações históricas, mas que não se confunde com o empírico.

O conceito de Idade Média, denominação extremamente genérica e ambígua, tem sido alvo de grandes polêmicas e de pesquisas inovadoras pelo grupo da chamada “nova história”, que foi liderado por Jacques Le Goff. Este notável medievalista, além de ter discutido em várias de suas obras a própria questão teórica da periodização,⁷ tratou dos problemas dos cortes de início e fim da Idade Média, criticando a noção genérica de Idade Média. Por isso, propôs uma designação mais ampla, “Idades Médias”, que seriam manifestações históricas diversas no longo milênio chamado tradicionalmente de medieval. Jean-Claude Schmitt e, mais recentemente, Jérôme Baschet retomaram nessa última década essa discussão a partir de ideias de Le Goff. A influência dessa historiografia francesa na Idade Média é muito grande, mas não é consensual. A solidez dos argumentos apresentados por esses historiadores e sua legitimação por grande parte dos historiadores brasileiros sem dúvida influenciaram nossa escolha.

⁷ *Uma longa Idade Média* (2008), *As raízes medievais da Europa* (2007), *Em busca da Idade Média* (2006) são algumas dessas obras.

Os limites da Idade Média são amplos e estendem-se, na perspectiva acima referenciada, por uma longa Idade Média. Para Le Goff (2008, p. 14), que abraçou essa noção, porque não vê sua ruptura no Renascimento, ela só termina no século XVIII com a Revolução Francesa – nos domínios político, social e mental – e com a Revolução Industrial na Inglaterra, no domínio econômico. No caso específico dos livros de horas, convém considerar de forma relativa essa extensão cronológica, pois, embora continuassem sendo manuscritos, o impacto da imprensa sobre essa produção merece ser rigorosamente avaliado, um estudo que, como não poderia deixar de ser, não nos propomos a fazer no âmbito desse catálogo.

Do ponto de vista da periodização interna da Idade Média, o “Groupe d’anthropologie historique de l’Occident Médiéval - Gahom” propõe uma divisão tripartida (BASCHET, 2006, p. 34-35): “Alta Idade Média (século V ao X), seguida da Idade Média Central, época de apogeu e de dinamismo máximo (séculos XI ao XIII), enquanto os séculos XIV e XV, mais sombrios, marcados pela peste negra, pelas crises e dúvidas, podem ser qualificados de Baixa Idade Média”, que se opõe à velha divisão bipartida da Idade Média.⁸

Esse trabalho inscreve-se no que se considera, de acordo com esta divisão tripartida, Baixa Idade Média.

No início da Alta Idade Média a cultura letrada estava sob o domínio da Igreja Católica. Grande parte da vida intelectual se concentrava nas abadias, onde escrever era um exercício espiritual. Na maioria das vezes os *scriptoria* eram monásticos, onde se faziam as cópias dos manuscritos e se produziam os livros. Segundo Maria José Santos (2003, p. 75) “a escrita era um meio de fixar a palavra de Deus, de guardar a lembrança dos mortos, de invocar Deus e os santos. [...] Se a escrita estava a serviço do divino ela era sagrada.” Era na biblioteca dessas abadias que se guardava a produção desses *scriptoria* e também grande parte de toda a herança livresca da Antiguidade. A produção, conservação e circulação do conhecimento estavam ali concentradas. Por isso, a criação das universidades – a Universidade de Paris foi fundada em 1170, século XII, a partir da Escola da Catedral de Notre Dame – foi um dos fatores que mais contribuíram para a quebra desse monopólio e com elas, conseqüentemente, o avanço da cultura laica.

Como observa Fischer (2006, p. 206), “na Idade Média, possuir e ler um livro era privilégio dos ricos e daqueles de elevado *status* social”. Os livros de horas – aqui nos referimos aos livros de horas manuscritos, pois com o advento da tipografia, na segunda metade do século XV, surgem também os livros de horas impressos – começaram a aparecer a partir do século XII, para ter o seu apogeu no período que vai de 1350 a 1480

⁸ Alta Idade Média (séculos V ao X) e Baixa Idade Média (séculos XI ao XV).

(séculos XIV e XV). Esses livros, de certa forma, tornaram-se o protótipo do livro em sua função simbólica: tinham grande utilidade para o ensino e grande valor comercial, pois também eram uma refinada obra de arte. Por tudo isso, o livro de horas manteve destacada popularidade até o século XVI. A partir de então, porém, rarearam-se os livros manuscritos.

Livros de horas: liturgia e espiritualidade

A sociedade medieval – do século X até o final do Antigo Regime –, ainda segundo Le Goff (2007, p. 277), estava representada em três grandes grupos sociais: os que oravam (*oratores*), os que guerreavam (*bellatores*) e os que trabalhavam (*laboratores*). A função de orar ficava por conta dos clérigos e monges, e as de guerrear (os guerreiros) e trabalhar (os camponeses) por conta dos leigos. Como observa Schmitt, “no seio da sociedade cristã, as funções dos clérigos e dos leigos são complementares [espiritual e material], mas o papel mais ativo é de direito atribuído aos clérigos, que são os ‘pastores’. Os outros são somente as ‘ovelhas’ que recebem de suas mãos os sacramentos e de sua boca a palavra de Deus” (LE GOFF; SCHMITT, 2006, v. 1, p. 243).

Como instituição detentora do poder espiritual e também material, a Igreja Católica era reguladora de toda Cristandade. Cabia a ela o zelo e a assistência aos leigos, o que se dava através da liturgia administrada pelo clero. Seguir o Evangelho era a única regra, e o clero o único caminho para se chegar a Deus. Viver uma vida reclusa, disciplinada e em constante oração era o caminho para se conseguir a remissão dos pecados e, em consequência, a salvação. Segundo Vauchez (1995, p. 39) “o mosteiro era uma antecipação do paraíso, um pedaço do céu sobre a terra”.

Além do monopólio na elaboração do conhecimento, do controle a seu acesso e sua transmissão, a Igreja também era uma espécie de guardiã da escrita. O latim era a língua do sagrado, do ritual, a língua da Igreja. e poucos sabiam usá-la. Os livros eram copiados nos *scriptoria* dos mosteiros. Mas, segundo Zumthor (apud BASCHET, 2006, p. 182), “apesar da crescente utilização da escrita, a oralidade e os gestos rituais continuam a dominar a vida social. Mesmo se as obras literárias são conservadas por escrito, continuam essencialmente feitas para ser contadas ou cantadas: a voz predomina sempre a letra”.

A técnica que predominava na Antiguidade era a leitura em voz alta, para os outros ou para si mesmo. Ou seja, era uma leitura preocupada em reproduzir o sentido e o ritmo da escrita, até porque os textos eram escritos sabendo-se que seriam lidos em voz alta. Nos mosteiros e conventos medievais, durante a Alta Idade Média, praticava-se tanto a leitura coletiva (feita nos espaços comunitários por ocasião dos ofícios, durante as refeições e exercícios espirituais), como a leitura individual (que era solitária: estudo

e meditação). O livro mais lido era a Sagrada Escritura, pois constituía a base da espiritualidade monástica. Embora um pouco longa, a citação é esclarecedora:

Sua cronologia [história da leitura] se organiza a partir da localização de duas mutações fundamentais. A primeira incide sobre a transformação da modalidade física, corporal, do ato da leitura e insiste sobre a importância decisiva da passagem de uma leitura necessariamente oralizada, indispensável ao leitor para a compreensão do seu sentido, a uma leitura possivelmente silenciosa e visual. Essa revolução diz respeito à longa Idade Média, quando a leitura silenciosa, antes restrita aos *scriptoria* monásticos, entre os séculos VII e IX, ganha o mundo das escolas e das universidades no século XII, e dois séculos mais tarde, as aristocracias leigas. [...] Segunda observação, em forma de pergunta: não seria necessário dar mais atenção às funções da escrita que ao modo de sua leitura? Se tal for o caso, uma ruptura tão essencial deve localizar-se no século XII, quando a escrita não é investida de uma função apenas de conservação e memorização, mas é composta e copiada com a finalidade de uma leitura, entendida como trabalho intelectual. (CHARTIER, 1999, p. 98-99).

Estava-se diante de uma dupla revolução: a passagem de uma leitura oralizada para uma leitura silenciosa e visual, que objetivava algo que podia ser chamado de “aprendizado” de novas relações sociais. Cumpre citar Chartier: além de promover novas relações entre os homens, “a conquista da leitura solitária possibilitou as novas devoções que modificam radicalmente as relações do homem com a divindade” (1992, p. 119). Numerosos textos religiosos foram traduzidos em língua vernácula e oferecidos aos leigos como meio de se buscar um relacionamento individual (consigo mesmo), direto com Deus (e por intercessão dele com os homens), por meio da leitura e da meditação para alcançar o bem-estar espiritual e a salvação. Nessa brecha fundamental, encontram-se os livros de horas da Baixa Idade Média.

Os livros de horas escritos em vernáculo [era uma tendência, pois eram escritos em latim, porém muitos deles já apresentavam determinadas partes de sua estrutura em língua vernácula], suportes de uma devoção privada e individual que pedia leitura silenciosa e meditação, são característicos das cortes do século XV. A multiplicação de imagens pintadas nos livros acompanha com frequência a passagem para a língua vernácula e a mudança de público. (SCHMITT, 2006, p. 245).

No final do século XII ocorreram grandes mudanças que marcaram a vida dos que habitavam a Europa ocidental: no conceito de trabalho, no panorama das cidades, na contagem do tempo e, o que está diretamente ligado ao nosso tema, no surgimento de uma nova espiritualidade que terá seu ápice no século XIII com a reforma franciscana. Havia um sentimento geral de renovação da cultura cristã, em que o clero detinha o monopólio do sagrado – tudo o que dizia respeito às funções relativas ao poder espiritual

era reservado à Igreja –, mas ao leigo era possibilitada uma espiritualidade mais intimista, mais individualizada: uma nova forma de se comunicar com Deus.

O homem da cristandade medieval passava grande parte de sua vida em ofícios religiosos. Leigos e religiosos rezavam no mesmo gênero de livro: o Saltério, série de 150 salmos encontrados em toda Bíblia. A maioria deles era em latim, alternando a sequência dos salmos, incluindo hinos, cantos fúnebres, louvores, exaltações reais e canções de peregrinos. Mas, basicamente, o saltério é um livro da Igreja Católica para uso eclesiástico. Com essas mudanças na espiritualidade dos homens, sentiu-se a necessidade de um livro mais acessível aos leigos. Um livro não litúrgico, de devoção privada e que não fosse submetido a qualquer controle ou revisão por parte das autoridades eclesiásticas, como acontecia com os saltérios, missais (livros litúrgicos para as missas) e breviários (para as orações breves do cotidiano). Em outras palavras, tal livro deveria ser uma composição personalizada de um novo texto de devoção secular que refletisse a mudança ocorrida em relação à postura do leigo perante sua espiritualidade. Diz Alberto Manguel em *Uma história da leitura* (2001, p. 153-154) que:

não surpreendeu que um dos livros mais populares da época fosse o livro de orações pessoais ou Livro de Horas, comumente representado em pinturas da Anunciação. Escrito em geral à mão ou impresso em formato pequeno, em muitos casos iluminados com requinte e opulência por mestres da arte, continha uma coleção de serviços curtos denominados “Ofício menor da abençoada Virgem Maria” (uma compilação de cerimônias religiosas curtas), recitados em vários momentos do dia e da noite. Tendo por modelo o ofício divino – serviços completos ditos diariamente pelo clero –, o ofício menor que compreendia os Salmos e outros trechos das Escrituras, bem como hinos, ofícios dos mortos, orações especiais para os santos e um calendário. Esses volumes pequenos eram eminentemente instrumentos portáteis da devoção, podendo ser usado pelo crente tanto em serviços públicos da igreja como em orações privadas.

Tipologia e estrutura

Por volta do século XI foi criado um livro com a intenção de condensar, em um só volume, todos os textos do Ofício Divino – ou Liturgia das Horas – da Igreja Católica, e de facilitar seu transporte pelos monges que se deslocavam com frequência. Este livro litúrgico era o breviário, do qual se originou, progressivamente no decorrer dos séculos XII e XIII, o livro de horas. Nesse sentido, o livro de horas se apropriou de várias partes da estrutura dos breviários, mas foi o Pequeno Ofício de Nossa Senhora ou Ofício Menor da Abençoada Virgem Maria – *Officium parvum beate Marie Virginis* – o texto que lhe serviu de base. Segundo Leroquais,

apesar de proximamente ligados ao breviário, e apesar de retirarem destes seus elementos principais: o calendário, o pequeno ofício de Nossa Senhora, os salmos penitenciais, as

ladainhas, os sufrágios e o ofício dos defuntos, os livros de horas dele se distinguem nitidamente. Prova-o certo número de características. A principal é a sua absoluta independência do ciclo litúrgico. [...] E mais: eles não se revestem de nenhum caráter obrigatório, sua recitação depende da iniciativa particular. Sua composição escapa à vigilância da Igreja (Católica); ao retirar certos elementos do breviário, o editor ou o copista deles dispõe a seu arbítrio; ora acrescenta-lhes preces encontradas ninguém sabe onde, ora lhes insere textos inteiramente profanos. Enfim, se o breviário é o livro do sacerdote e do religioso, as Horas o são do leigo (1939, apud BERGE, p. 4).

Os livros de horas, denominação esta que só aparece no século XIV, são também chamados apenas de *horas* devido à palavra latina *horae* que assinala o momento em que se iniciam os ofícios, neste caso, o de Nossa Senhora, ou seja, as Horas da Virgem Maria – *Incipiunt horae Beatae Mariae Virginis* (ou ainda *Incipit Officium Beate Marie Virginis*), onde são evocados os momentos mais difíceis da vida de Maria. A palavra *horas* deve ser sempre empregada no plural porque designa o livro no seu conjunto. O tema central desses livros é o culto à Virgem Maria. O fervor do culto marial (na religião católica a partir do século XII) e suas múltiplas facetas fez da Virgem a expressão mais popular de fé e de piedade, de intensa devoção tanto por parte dos clérigos, como por parte dos laicos na Idade Média. Escritos geralmente em latim, os livros de horas obedeciam à sequência canônica estabelecida pela Liturgia das Horas nos breviários dos clérigos.

Sete vezes ao dia, eu te louvarei Senhor, pela equidade dos teus julgamentos (Salmo 118, 164).

A Igreja Católica adotou a prática judaica de recitar orações em horas fixas do dia, pela manhã, ao meio-dia e no fim do dia. As regras monásticas determinavam aos monges sete horas de orações por dia (instauradas pela Igreja Católica desde o século VIII), seguindo o que diz a passagem do salmo acima mencionado. Acrescentou-se mais uma oração noturna, as “completas”, somando assim oito horas canônicas, que deveriam ser celebradas segundo o badalar dos sinos, numa cadência de três horas, marcando o tempo religioso e o ritmo do trabalho. São elas:

Matinas (meia-noite)

Laudes (três horas da madrugada)

Prima (seis horas)

Tercia (nove horas)

Sexta (doze horas ou meio-dia)

Noa ou Nona (quinze horas)

Vésperas (dezoito horas ou ao cair da noite)

Completas (vinte e uma horas ou depois do pôr do sol)

As horas canônicas do dia litúrgico compreendem, cada uma delas, um conjunto de preces, salmos, hinos, lições, cânticos, orações, antifonas, liturgia, etc. Elas estão divididas em duas categorias: as horas menores ou “petites heures”: Prima, Terça, Sexta, Nona e Completas. E as horas maiores ou “grandes heures”: Matinas, Laudes e Vésperas. Nas menores devem ser rezadas as orações que evocam um acontecimento do Evangelho ou dos Atos dos Apóstolos. Por exemplo, na Nona é lembrada a hora da morte de Jesus na cruz. Já as maiores são as horas mais importantes do dia e, como tais, devem ser celebradas pela manhã e à noite. Recitando essas orações, nessas horas determinadas, o homem medieval cumpria o seu dever de cristão: orar incessantemente a Deus pedindo por si e por todos os homens, sem temor da morte.

O livro de horas, segundo Leroquais (1939, apud BERGE, p. 5-20), tem três categorias, classificadas de acordo com os vários textos que as constituem:

1. Partes essenciais (cuja origem são os breviários), presentes na grande maioria dos livros de horas: o Calendário litúrgico, as Horas da Virgem, os Salmos Penitenciais, a Lítania, o Sufrágio dos Santos (ou Memórias ou Comemorações) e o Ofício dos Defuntos (ou Ofício dos Mortos);

2. Partes secundárias: as Passagens dos Quatro Evangelhos (também chamadas de Fragmentos ou Extratos dos Evangelhos ou Lições Espirituais), duas orações à Virgem, *Obsecro te* e *O intemerata*,⁹ as Horas da Cruz, as Horas do Espírito Santo, As Alegrias de Nossa Senhora (orações em louvor às alegrias da Infância de Cristo e da Vida da Virgem) e os Sete Pedidos a Nosso Senhor (orações endereçadas a Jesus Cristo);

3. Partes acessórias: os Salmos Graduais (os salmos de número 119 até 133), o Saltério de São Jerônimo (uma coletânea dos mais belos e expressivos versos dos salmos) e orações variadas, geralmente de acordo com a devoção privada da pessoa a quem o livro seria oferecido.

Calendário

A temporalidade nos livros de horas tem uma importância fundamental, pois identifica o tempo profano, o tempo cósmico, o tempo sazonal, o tempo cotidiano, o tempo do trabalho, o tempo bíblico, o tempo da vida, o tempo da morte, o tempo da salvação, o tempo dos santos, etc. É nesse espaço que os artistas medievais contavam, através de suas pinturas, as representações da vida cotidiana medieval e os signos do zodíaco.

O livro de horas começa sempre com um calendário cuja função não era apenas registrar as datas das festas fixas e das festas móveis da Igreja Católica (geralmente as mais importantes como o Natal e a Páscoa, em tinta vermelha ou em ouro), ele continha

⁹ Tradução livre para o português: “Eu te imploro” e “Oh! Imaculada”.

os elementos relativos à incidência dos domingos, as indicações dos Ofícios, as missas e os dias dos Santos (universais, regionais e locais, em tinta preta).

A Idade Média herdou o calendário romano ou Juliano (introduzido por Júlio César em 45 a.C., ficou em vigor até o advento do calendário Gregoriano, em 1582), em que o ano continha 365 dias divididos em 12 meses. No calendário dos livros de horas não estavam inscritos, necessariamente, todos os dias do mês. Eram, em geral, apresentados em três colunas: a primeira coluna com o número áureo ou número de ouro (série numérica, números em romano, de *i* a *xix*, referentes ao ciclo lunar), na segunda coluna letras dominicais (série alfabética de *a* a *g*, referentes aos dias da semana) e na terceira coluna os caracteres necessários para determinar o começo dos ciclos da lua. Os dias do mês eram nomeados de Calendas (*kalendae* – 1º dia do mês), Nonas (*nonae* – 5º dia do mês) e Idos (*idos* – 13º ou 15º dia do mês). Às vezes, de acordo com o seu portador, são encontrados registros com informações necrológicas, aniversários, nascimentos e batizados. O calendário é um dos principais elementos para se identificar a origem ou o destino do manuscrito, pois ele corresponde ao uso litúrgico de uma diocese.

Passagens dos Quatro Evangelhos

João (1, 1-14, o plano divino, trecho lido na missa de Natal, começando pela expressão “*In principio erat verbum*”, no começo era o Verbo); Lucas (1, 26-38, trecho da Anunciação, lido no dia 25 de março, começando pela expressão “*Missus est angelus*”, naquele tempo foi enviado Gabriel); Mateus (2, 1-12, festa da Epifania, celebrada em 6 de janeiro, o trecho conta a história dos Reis Magos) e Marcos (16, 14-20, festa móvel, o trecho narra o aparecimento de Cristo aos onze apóstolos, logo após a Ressurreição). Estas leituras correspondem às grandes festas do ano litúrgico.

Orações à Virgem Maria Obsecro te e O intemerata

A primeira é uma longa súplica dirigida à Virgem para obter sua intercessão no momento da morte e a segunda exalta a virgindade da Mãe de Deus e pede a sua ajuda para a remissão dos pecados. Estas preces são redigidas em latim no masculino ou no feminino, de acordo com o seu encomendante.

Horas da Virgem Maria

Parte mais importante das horas. Este Pequeno Ofício de Nossa Senhora se manifesta em salmos, hinos, lições, e orações destinadas à leitura ou recitação nas oito horas canônicas. Como as lições variam de igreja para igreja, as Horas da Virgem também se constituem num importante elemento de identificação.

Horas da Cruz

Textos mais curtos que as Horas da Virgem, evocam a Paixão de Cristo (os sete momentos de grande sofrimento na última semana de vida). Compõem-se de um hino, uma antífona e uma oração para cada hora, apenas sete, pois não existe a oração da Laudes.

Horas do Espírito Santo

Evocam os principais momentos em que a presença do Espírito Santo se manifestou. Compõem-se de um hino, uma antífona e uma oração; seguem a mesma sequência das Horas da Cruz.

Salmos Penitenciais

São sete salmos: 6 (*Domine ne in furore tuo arguas me...*), 31 (*Beati quorum...*), 37 (*Domine ne in furore...*), 50 (*Miserere mei Deus...*), 101 (*Domine exaudi...*), 129 (*De profundis...*) e 142 (*Domine exaudi...*), e expressam arrependimento e pedido de perdão dos pecados.

Litanias ou Ladainhas

Orações rogativas à Virgem Maria e aos santos para que eles intercedam pelo pecador, eram adaptadas de acordo com as dioceses (onde o livro foi feito ou onde seria usado) ou com os cultos em particular.

Ofício dos Defuntos

Oração pelos mortos rezada na missa, diante do defunto ou precedendo o enterro, ou orações por aqueles que estivessem em perigo de morte, ou ainda, orações que deveriam ser rezadas pelo proprietário do livro para se preparar para a morte.

Sufrágio dos Santos

Em memória ou invocação aos santos, obedecendo à hierarquia celestial: Deus ou Santíssima Trindade, a Virgem, os arcanjos (começando com São Miguel), São João Batista, os apóstolos, os santos mártires, os confessores e as santas, começando pelas virgens mártires. É também chamado Santoral.

Preces em geral

“[...] talvez, a parte mais rica, mais pitoresca e mais variada do livro, aquela onde aparece mais expressivamente a alma medieval. O que lhe dá mais vivo colorido é a presença, se não exclusiva, certamente frequentíssima, da oração extra-litúrgica, particular,

nascida espontaneamente da inspiração do povo, que lhe traduz, no momento dado, as aspirações e necessidades. Alheia aos ares solenes da prece eclesiástica é uma conversação imediata da alma, simples, sem cerimônias, humilde e confiante, com Deus ou com os santos. O valor de suas várias composições pode ser bastante desigual: umas são altamente inspiradas, outras não se elevam acima das necessidades materiais e terrestres. Entretanto, todas elas vivem da seiva de uma piedade sincera.” (LEROQUAIS, 1939 apud BERGE, p. 18).

Esta disposição era bastante flexível, adaptando-se à devoção particular da pessoa a quem o livro era destinado. Os textos eram feitos pelos copistas e as ilustrações pelos iluminadores, de acordo com a encomenda, de caráter pessoal, feita nos ateliês da cidade, onde não havia o controle da Igreja. Por isso cada livro de horas manuscrito é único. Os textos variam de acordo com o país, com a região e com a cidade, e seu conteúdo deveria estar de acordo com o “uso” litúrgico de cada diocese: uso de Roma, uso de Paris, uso de Rouen, etc.

Nem todos os livros de horas eram decorados, isso dependia muito do poder e da condição financeira do proprietário (ou encomendador), mas, em geral, sob o ponto de vista artístico, o grande atrativo nesses livros manuscritos medievais são as suas ilustrações: as miniaturas e as iluminuras. No momento em que era feita a encomenda, se escolhia também a ornamentação que o manuscrito deveria conter.

Como os livros de horas foram os livros mais difundidos no final da Idade Média (entre 1350 e 1500), segundo Cassagnes-Brouquet (2003, p. 72), “*comme l’a si bien dit l’historien de l’enluminure L. M. J. Delaissé, les best-sellers du Moyen âge*”, eles são os documentos mais comumente utilizados para se estudar a história das iluminuras.

Por *miniatura* entende-se qualquer desenho, letras ornadas e historiadadas, vinhetas espalhadas pelo texto, cenas pintadas, pinturas de página plena, etc., escritos ou pintados com as tintas originais do mínio (cor vermelha). Já a *iluminura*, parte ornamental da decoração, tem todos os caracteres da grande pintura, sendo desenhos ilustrativos com abundância e variedade de cores. Neles empregava-se também, além das tintas, detalhes em ouro e prata (daí a expressão manuscrito iluminado, porque reflete a luz).

Svend Dahl diz sobre a natureza das iluminuras, no primeiro período da Idade Média, pertenciam mais à arte decorativa do que propriamente à ilustração. Os desenhos eram feitos com a intenção de decorar o livro e não a de ilustrar o texto: dessa forma, é frequente que as ilustrações dos manuscritos nada tenham com o seu assunto, ao contrário do que modernamente se pratica. [...] os autores costumam assinalar que muitos livros piedosos são ornados com gravuras bastante livres, da

mesma forma por que os animais fantásticos ofereciam motivos para o desenho das iniciais, sem que o leitor procurasse entre uma coisa e outra a menor correlação (MARTINS, 1996, p. 108).

Toda a beleza da apresentação era destinada a Deus no momento em que o leitor fazia a sua oração sem a mediação da Igreja que, até então, havia monopolizado a escrita religiosa. Progressivamente essas ilustrações vão se desenvolvendo, saindo do domínio dos mosteiros, passando para as mãos dos iluminadores laicos nos castelos e nas oficinas dos bairros das universidades, perto dos copistas e dos livreiros.

Para Fischer (2006, p. 154), “no final da Idade Média, as iluminuras e miniaturas, incluídas nas páginas desses livros, constituíam o principal trabalho artístico da Europa ocidental.”

O uso, a produção e a encomenda dos livros de horas

Ao contrário dos grandes formatos utilizados para os cultos na Igreja Católica, os livros de horas, na sua grande maioria, eram pequenos e portáteis, seguindo o novo formato que estava sendo utilizado para os breviários. De fácil leitura, podiam ser comodamente sustentados nas mãos e transportados para qualquer lugar. Devido ao seu pequeno tamanho, podiam ser utilizados pelas crianças, mas, a princípio, eram destinados às mulheres, provavelmente pela ênfase nas orações à Virgem Maria, mãe de Cristo, exemplo de virtude para todas elas.

Destinados à sociedade laica, os livros de horas eram consumidos inicialmente pelas famílias reais e pela aristocracia, que não só tinham poder aquisitivo para adquiri-los, como constituíam a maior parcela da população alfabetizada. Com o tempo, também os burgueses endinheirados passaram a adquiri-los, mesmo se iletrados ou analfabetos, pois os livros de orações certamente os aproximavam de Deus e as ilustrações cumpriam o papel de ajudar a conhecer seu conteúdo. Não podemos esquecer de que nem todos os livros de horas eram ricamente decorados, pois as oficinas disponibilizavam versões mais baratas e menos sofisticadas para atrair um público de menor poder econômico, menos exigente. Para facilitar a leitura dessas orações cotidianas, os livros eram guardados nos dormitórios de seus proprietários. Muitas vezes esses livros refletiam mais a vaidade de seus proprietários – em muitos eles apareciam retratados na figura do doador ou tinham suas armas figurando em uma das páginas do manuscrito – do que a sua devoção.

Fora a parte devocional, os livros de horas exerceram, na Idade Média e no Renascimento, papel de suma importância social, servindo para o ensino da leitura nas residências abastadas e da nobreza. Conta-se que Luís IX, o santo, aprendeu a ler neles. Muitas vezes era o único livro da família, uma vez que a Bíblia era muito cara. Ainda assim, eram reveladores da riqueza de seus proprietários, sendo comprados como joias

preciosas, que valorizavam as coleções dos bibliófilos. Figuravam nos testamentos e inventários como peças de alto valor, que os proprietários deixavam registrados a quem seriam destinados. Serviam também como presente do noivo para sua prometida e para os monarcas em ocasiões solenes, como, por exemplo, sua coroação (vide as grandes coleções dos museus e das bibliotecas nacionais).

Para compreendermos a valorização desse objeto cotidiano por seus usuários, devemos atentar ao processo custoso de cada etapa de sua produção. Em sua grande maioria, os livros de horas tiveram como suporte o pergaminho. Devido a suas inúmeras vantagens técnicas e de conservação, este material substituiu o papiro. Quando de boa qualidade, é material suave, fino, aveludado, dobrando-se com facilidade, sendo, acima de tudo, durável. O pergaminho, pele de animal – as mais utilizadas eram as de cabra, ovelha, carneiro e vitela – de extraordinária durabilidade, era adequado como suporte para um livro de uso diário. Seu preparo era bastante trabalhoso e lento. Primeiro se retirava a pele do animal; em seguida, ela era lavada em água corrente e fria; por fim, mergulhada numa tina de madeira ou de pedra para um banho de água e cal. Depois as suas duas faces – a do pelo, parte mais porosa e amarelada, e a da carne, mais lisa e mais branca – eram aplainadas para que fossem retiradas todas as asperezas. Então, eram cobertas por um pó fino de calcário branco e, finalmente, alisadas, polidas e postas, esticadas, para secagem. Uma vez secas, eram cortadas em folhas que eram dobradas ao meio, criando-se dois fólhos. Cada fólho tem dois lados: o *recto* e o verso. As pessoas encarregadas dessa tarefa eram chamadas de pergaminheiros.

Depois do pergaminho preparado, o copista começava seu trabalho fazendo linhas horizontais nos fólhos para que estas o orientassem na hora da escrita. São os chamados raiados, característicos de um manuscrito medieval. As linhas eram assinaladas com um estilete feito de osso com pontas de metal, e as tintas utilizadas eram nas cores vermelha, marrom, verde, às vezes, um combinado delas. Usadas com frequência nos manuscritos medievais, as tintas eram obtidas por meio de diversas fórmulas que utilizavam metais, minerais e vegetais. Com a tinta vermelha (rubrica), cor mais utilizada, se escreviam os cabeçalhos (títulos, epígrafes e iniciais) e com a preta se escrevia o texto principal. Azul e verde eram as cores mais raras.

Para escrever, os copistas utilizavam pena de aves, em geral de ganso, ou um estilete de ponta fina. Sabiam escrever vários tipos de letras, sendo a mais comum nos livros de horas a letra gótica. Como observa Martínez de Sousa (1992, p. 28), “o gótico foi utilizado desde o século XII até o XV nos códices; suas letras são de traço quadrado e anguloso; substituiu, durante esse período, a letra romana e foi a primeira a ser gravada pelos tipógrafos em Mogúncia”.

Depois de copiado o texto, o copista deixava espaços em branco com indicações – às vezes se escrevia nas margens, com letras bem pequenas – ou esboços, para o miniaturista a respeito do tema das ilustrações que, em geral, eram os mesmos: a Anunciação, a Visitação, a Natividade, etc. Depois de prontos os desenhos, a etapa seguinte era a iluminação (ouro ou prata), a que se seguia a aplicação das cores.

A grande maioria dos artistas iluminadores da Idade Média era anônima – hoje são reconhecidos pelos seus estilos regionais –, trabalhavam em seus ateliês urbanos sob a autoridade de um mestre e estavam à disposição das encomendas dos mecenas. As cenas das miniaturas seguiam um modelo preexistente que acompanhava as diferentes sequências do texto. De um livro de horas para outro se usava o mesmo tipo de cena, apesar da existência de diferenças regionais e das mudanças nas escolhas e gostos dos encomendantes, tudo de acordo com sua época.

Conforme o modelo iconográfico mais difundido na época, o programa consistia dos elementos a seguir.

O *Calendário*: abre os livros de horas e é habitualmente ilustrado com representações dos signos do zodíaco, das estações do ano (interiores e exteriores), além de representações dos trabalhos agrícolas para cada mês.

Iconografia tradicional para o Calendário:

Meses do ano	Signos do Zodíaco	Estação do ano	Representação do trabalho/atividades
janeiro	<i>Aquarius</i> , o transportador de água	inverno	banquetes e comemorações
fevereiro	<i>Pisces</i> , o peixe	inverno	cortar lenha, manter-se aquecido
março	<i>Áries</i> , carneiro	primavera	podar as árvores, semear a terra
abril	<i>Taurus</i> , touro	primavera	plantar, divertir-se, época de colher flores
maio	<i>Gemini</i> , gêmeos	primavera	caça com falcões, tocar música, cavalgar
junho	<i>Câncer</i> , caranguejo	verão	ceifar o feno, tosquiar as ovelhas
julho	<i>Leo</i> , leão	verão	colheita
agosto	<i>Virgo</i> , virgem	verão	joeirar
setembro	<i>Libra</i> , balança	outono	colher e pisotear as uvas (vindima), semear
outubro	<i>Scorpio</i> , escorpião	outono	arar a terra, derrubar e colher bolotas para os porcos
novembro	<i>Sagittarius</i> , o arqueiro	outono	caça ao javali, abate dos porcos
dezembro	<i>Capricornus</i> , a cabra	inverno	assar os porcos e os pães

Passagens dos Quatro Evangelhos: as imagens são em geral precedidas de uma representação do evangelista escrevendo o seu livro (cada um em seu estúdio, menos João que, tradicionalmente, aparece na Ilha de Patmos) acompanhado pelo seu símbolo, segundo a visão de Ezequiel (1,4-12).

Iconografia tradicional para as Passagens dos Quatro Evangelhos:

Evangelista	Representação
João	na Ilha de Patmos, acompanhado de uma águia
Lucas	escrevendo ou pintando o retrato da Virgem, acompanhado de um touro
Mateus	escrevendo, acompanhado de um anjo
Marcos	escrevendo, acompanhado de um leão

As Orações à Virgem Maria: Obsecro te, imagem da Virgem com o Menino; *O intemerata*, a Lamentação ou Pietá. Também era comum a segunda oração não ser ilustrada. Muitas vezes nessa ilustração aparecem representados os comanditários ajoelhados aos pés da Virgem.

As Horas da Virgem Maria: passagem mais importante do livro, considerada o coração do livro de horas, é por isso a parte mais ilustrada. Com frequência é precedida de uma ilustração da vida de Cristo ou da Virgem e se divide em ciclo da Infância e ciclo da Paixão.

Ciclo da Infância: Anunciação (Matinas); Visitação (Laudes); Natividade (Prima); Anunciação aos Pastores (Tercia); Adoração dos Magos ou Epifania (Sexta); Apresentação no Templo (Nona); Fuga para o Egito ou Massacre dos Inocentes (Vésperas); Coroação da Virgem (Completa).

Ciclo da Paixão: Agonia no Getsêmani (Matinas); Traição de Judas (Laudes); Cristo diante de Pilatos (Prima); Flagelação (Tercia); Cristo carregando a Cruz (Sexta); Crucificação (Nona); Deposição (Vésperas); Sepultamento/Inumação (Completa).

As Horas da Cruz: geralmente acompanhadas de uma representação da Crucificação (Cristo crucificado entre a Virgem e São João); Prisão de Jesus (Matinas); Condenação de Jesus à morte (Prima); Jesus carregando a Cruz (Terça); Jesus sendo pregado na Cruz (Sexta); Morte de Jesus na Cruz (Nona); Jesus descido da Cruz (Vésperas); Jesus colocado no Sepulcro (Completa).

As Horas do Espírito Santo: comumente precedidas pela imagem de Pentecostes.

Salmos Penitenciais: são introduzidos por cenas da vida de Davi (cinco dos sete salmos penitenciais são atribuídos ao próprio Davi): Davi e Golias, Davi e sua Lira, Davi em

Penitência ou Davi em Betsabé. Podem ser também representados por uma cena de Cristo Rei ou pelo Juízo Final.

A *Litania*: contém representações dos santos e seus atributos. Iniciais e finais de linha abundantes e, geralmente, ornamentados.

Ofício dos Defuntos: em geral, iniciado por uma cena macabra: Enterro (ou Cortejo Fúnebre), Juízo Final, Personificação da Morte, Ressurreição de Lázaro, Três Mortos e Três Vivos (lenda italiana/francesa do século XIII), etc.

Sufrágio: por norma, começa com a Trindade, seguindo-se imagens relacionadas aos santos evocados.

A iconografia dos livros de horas é variável, havendo outros motivos e outras cenas, muitas vezes raras.

A última fase na produção de um livro manuscrito consistia em reunir os vários cadernos para montar o livro e encaderná-lo. Os tipos de encadernação mais comuns na Idade Média eram os feitos de madeira, revestidos com pergaminho ou couro. Alguns livros de horas apresentavam encadernações luxuosas, feitas com materiais valiosos como ouro, prata, marfim, pérolas e pedras preciosas, mas não eram frequentes. Conhecem-se alguns manuscritos medievais sem encadernação e muitos dos que chegaram até nós (são poucos os que têm a encadernação original) apresentam encadernações simples. “Quase todos os livros traziam fechos e marcadores esmaltados com flores, esculpidos com cabeças de animais e cravejados de pérolas e pedras preciosas. Os mais valiosos guardavam-se em camisas de damasco e defendiam-se do atrito com cravos de cobre pregados no dorso” (RIZZINI, 1977, p. 38). As encadernações também refletiam a riqueza do encomendante, pois elas eram comparadas a um relicário que protegia e adornava o valioso objeto.

O livro manuscrito medieval, decorado com miniaturas, era muito valioso e, por isso, caro. Seu comércio era bastante lucrativo. Os principais centros produtores desses manuscritos foram os Países Baixos, o norte da França e a Itália. O preço do suporte (as folhas de pergaminho) era muito elevado. Mais elevado ainda era o preço da cópia, pois bons copistas eram raros e trabalhavam lentamente. Acrescentava-se, ainda, o valor do tipo de escrita, do número de fólios, formato, presença de ilustrações, encadernações, etc. Só com o aparecimento do papel, das universidades, das bibliotecas e, principalmente,

da imprensa é que o livro – aqui no sentido de conjunto de cadernos costurados ordenadamente – vai se tornar mais acessível e mais difundido.

O acervo da Biblioteca Nacional

De maneira geral, as bibliotecas nacionais são conceituadas, desde a Revolução Francesa (séc. XVIII), como depositárias e preservadoras da cultura e da memória bibliográfica e documental de um país. A Biblioteca Nacional brasileira é por isso um órgão do Governo Federal, vinculado ao Ministério da Cultura, que tem sob sua responsabilidade a execução da política governamental de captação, guarda, preservação e difusão de toda a produção intelectual do país. A difusão do conhecimento, sob a forma da produção de catálogos, é uma de suas missões.

Primeiro Real Biblioteca, depois Biblioteca Real e Pública da Corte, e Biblioteca Imperial e Pública da Corte, no dia 4 de março de 1876, ainda no Império, ganhou oficialmente o título de Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Somente em 1948, tornou-se Biblioteca Nacional. Hoje possui um acervo estimado em 10 milhões de peças (livros, manuscritos, periódicos, estampas, fotografias, mapas, partituras, etc.) e, segundo dados da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), é uma das dez maiores bibliotecas do mundo e a primeira da América Latina.

O núcleo que deu origem à Biblioteca Nacional brasileira foi a chamada Livraria (termo adotado na época para designar biblioteca particular) que o rei de Portugal d. José I, o Reformador (1750 a 1777), mandou organizar em substituição à Real Biblioteca da Ajuda. Esta havia sido destruída pelo incêndio ocorrido no Paço da Ribeira, em decorrência do terremoto que atingiu Lisboa, no dia 1º de novembro de 1755. Foi essa preciosa coleção, de propriedade da Família Real portuguesa, cujo acervo remonta à própria história da monarquia portuguesa, que veio para o Brasil em 1810, denominando-se Real Biblioteca. Cabe aqui registrar que, na época, existia outra biblioteca em Lisboa, denominada Real Biblioteca Pública da Corte, localizada no Terreiro do Paço. Ela fora criada por decreto em 1775 e instituída pela rainha d. Maria I em 1796, e nunca deixou Portugal.

A transferência do acervo da Real Biblioteca para o Brasil foi feita em três etapas. Foi na primeira etapa, em 1810, que vieram, em segredo, os 6 mil manuscritos da Coroa, acompanhados pelo ajudante da Real Biblioteca, Joaquim José de Oliveira. Em novembro de 1811, já estava reunida toda a biblioteca real em terras brasileiras. “Estava salvo o grande acervo cultural português, salvo do incêndio, salvo da destruição e da pilhagem próprias de uma guerra, salvo dos perigos de uma longa e incerta travessia marítima” (CARVALHO, 1994, p. 38).

Os manuscritos da Biblioteca Nacional

Os manuscritos que vieram “em segredo” com o ajudante José Joaquim de Oliveira, na primeira remessa da Real Biblioteca, nunca foram incorporados ao acervo. Estavam em um arquivo reservado na Livraria da Congregação dos Oratorianos no Paço das Necessidades, em Lisboa. Como eram documentos reservados, o visconde de Vila Nova da Rainha, na qualidade de guarda-joias da Coroa, conservou-os sob sua proteção imediata, em uma casa do governo situada na Rua do Ouvidor (no centro do Rio de Janeiro). Grande parte desses manuscritos, mais especificamente aqueles que diziam respeito à história de Portugal, retornaram com d. João VI, em 1821 e, outra parte, com o padre Joaquim Dâmaso, em 1822.

Todavia, os manuscritos da Coroa foram organizados e classificados em um catálogo, datado de 1813, por Luis Joaquim dos Santos Marrocos. Listados em 75 páginas, os documentos predominantes retratavam a política portuguesa e suas relações diplomáticas. Segundo Schwarcz (2002, p. 283), “os livros da Biblioteca eram uma joia para expor; já os manuscritos cumpriam uma função política delimitada, representando o testemunho de lutas, políticas e operações militares portuguesas”. Hoje, esses manuscritos se encontram na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa.

Durante muitos anos, os manuscritos se constituíram em um dos três grandes pilares da biblioteca: os impressos, os manuscritos e as medalhas. Como observa Gútiéz (1999, p. 81), “os códices têm constituído tradicionalmente a aristocracia do livro [...] a Biblioteca devia reunir antes de tudo ‘livros originais’ ou ‘livros manuscritos’. [...] na cultura escrita, todo conhecimento se apoiava em outro conhecimento e os primeiros e originais estavam os códices”.

A Divisão de Manuscritos surgiu como complemento do acervo da Real Biblioteca – Livraria do Rei e Casa do Infantado – com, aproximadamente, mil códices manuscritos e avulsos, muitos dos quais de uso privativo de d. José I e de d. João VI. Eram papéis e documentos oficiais escritos pelo próprio Dâmaso sobre a administração da Real Biblioteca. Seus primeiros administradores designaram o depósito dos manuscritos como “Arquivo” e depois como Gabinete de Manuscritos. Já terminando o período Imperial, com a organização administrativa da Biblioteca Nacional pelo Decreto nº 6.141, de 4 de setembro de 1876, passou a denominar-se 2ª Seção-Manuscritos. Na República, em meados do século XX, passa a se chamar Seção de Manuscritos, e depois Divisão de Manuscritos.¹⁰

¹⁰ Os dados aqui registrados foram coletados nos apontamentos dos antigos chefes da Divisão de Manuscritos, Waldir da Cunha e Carmen Moreno.

Três catálogos sobre o acervo manuscrito foram elaborados. Dois de pequeno porte, que podemos chamar de inventários, anteriores à administração de Ramiz Galvão (1870-1882), um feito pelo bispo de Anemuria (1822-1831) que arrolava alguns códices em ordem alfabética, e o segundo, feito pelo cônego Januário da Cunha Barbosa (1839-1846), este de maior porte, um pouco mais completo, organizado também em ordem alfabética de autor e/ou título, em três volumes. Um terceiro catálogo, o mais completo e importante de todos, foi organizado por Alfredo do Vale Cabral (1882-1890), a partir do ano 1873, e publicado em cinco volumes em 1878. Sobre Vale Cabral, diz Teixeira de Melo na introdução do catálogo (1878, p. 11): “manda a justiça se tribute neste lugar a devida homenagem pelos relevantes serviços que assim prestou ao país e às letras”.

A Divisão de Manuscritos está subordinada à Coordenadoria de Acervo Especial que, por sua vez, integra a estrutura do Centro de Coleções e Serviços aos Leitores. A área possui um precioso conjunto documental estimado em 800 mil itens (códices, manuscritos avulsos, fotografias, estampas, mapas, recortes de jornais, etc.) que é composto por arquivos privados e coleções de documentos manuscritos doados ou adquiridos de particulares, além de uma coleção de três mil impressos – livros e revistas – para auxiliarem no desenvolvimento das atividades de trabalho local. No acervo também estão armazenados microfilmes e CDs. Como o acervo possui características que exigem conhecimentos específicos para seu adequado tratamento, a área procura combinar os procedimentos gerais vigentes na Biblioteca Nacional, no que se refere ao tratamento da informação, aos princípios e técnicas da biblioteconomia e da arquivologia, ditadas pelo Arquivo Nacional.

O acervo da Divisão de Manuscritos abrange documentos que vão desde o século XI-XII – o mais antigo é um evangeliário escrito em grego – até o século XX, nos mais variados tipos de escrita, idiomas e suportes. São registros medievais, como os livros de horas, bulas papais, cartas jesuíticas, documentos do período colonial, papéis de Estado, documentos de diversos reis europeus, correspondência da Família Real portuguesa, do período do Império brasileiro, da República, correspondência presidencial, peças teatrais e textos literários, arquivos relativos às ciências naturais no Brasil, cartas e diários de viajantes, coleções de autógrafos e documentos produzidos e acumulados por personagens as mais variadas. Como observa Herkenhoff (1996, p. 109): “Garante-se assim uma abrangência nacional do acervo. Essa envergadura ímpar conferiu à Biblioteca Nacional brasileira um significado simbólico para a sociedade, como poucos países podem ostentar.” Destaca-se, nesse acervo, o Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional, que retrata, através de seus documentos, a formação da instituição e suas diversas administrações.

Manuscritos iluminados e livros de horas

Segundo Carrion Gútiéz (1999, p. 102-103), “manuscritos, geralmente, quando não constituem riquezas por seu preço ou não estão ligados às pessoas por laços familiares ou sentimentais, são objetos preferentemente de instituições com responsabilidades históricas e de conservação.” Daí as coleções de manuscritos iluminados das bibliotecas nacionais.

A coleção de manuscritos iluminados, custodiada pela Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, é constituída por inúmeros códices que apresentam iluminuras, datados desde a Idade Média até o século XIX. São provenientes de diversas coleções, algumas doadas à Biblioteca – como as coleções José Antônio Marques, Cardeal Arcoverde, Thereza Christina Maria –, outras compradas – como a Livraria do Conde da Barca –, e ainda as provenientes, principalmente, da Real Biblioteca, como o são os livros de horas. Segundo José Ruyschaert (apud HERKENHOFF, 1996, p. 28), “foram raras as cortes europeias, como a de d. João II [1481-1495], que encomendaram livros iluminados italianos para a formação de suas novas bibliotecas”.

O acervo da Divisão de Manuscritos abrange temas variados, com destaque para um considerável número de documentos religiosos: saltérios, breviários, missais, bíblias, livros de horas, antifonários, cartas de forais manuelinos, cartas de reis e rainhas, compromissos de irmandades, regras de ordens religiosas, documentos representativos de história, literatura e alguns códices escritos em caligrafia árabe.

Nessa coleção, além dos livros de horas, destacam-se as *Epistolae ad Familiares* – coletânea de 503 cartas de Cícero, organizada em 1467, uma Bíblia do século XIII-XIV em velino e o manuscrito *Príncipe perfeito. Emblemas de D. João de Solorzano, Anno de 1790*, um conjunto de cem emblemas, escritos em latim com a respectiva tradução para o português, com teor moral e político utilizado para a educação dos príncipes, no caso o futuro rei d. João VI. Cada emblema está ornado, na parte superior, com uma miniatura e o segundo soneto, dedicado ao príncipe, está escrito a ouro. Maria Helena Prietro, estudiosa do *Príncipe perfeito*, nos diz sobre a obra: “este livro é um documento da história do livro iluminado em Portugal e da literatura emblemática, além da própria história das mentalidades” (apud HERKENHOFF, 1996, p. 30).

Os livros de horas que integram a coleção dos manuscritos iluminados são em número de nove. Os lugares (oficinas) onde foram confeccionados não foram identificados, mas é bem possível que alguns deles sejam oriundos de Flandres, pois a maioria veio com a Família Real portuguesa. Segundo Ana Lemos (2012, p. 19)

a maior parte dos livros de horas das nossas bibliotecas e instituições, [são] ou de produção flamenga ou de oficinas com ligações a Flandres, relacionando o facto com

os laços comerciais então existentes entre Portugal e a região de Flandres, bem como as ligações dinásticas entre a Casa de Avis e a de Borgonha pelo casamento de d. Isabel com Filipe, o Bom.

Datados entre os séculos XIV e XVI, esses livros têm diversas proveniências. Quatro se originam da Real Biblioteca – Casa do Infantado, outros dois, de coleções que foram doadas à Biblioteca Nacional, como a do marquês de Pombal e a de José Antônio Marques, doada em 1889. Os restantes foram adquiridos por compras nos séculos XIX e XX.

O destaque da coleção é o livro de horas dito de d. Fernando (1367-1383), em cujo colofão aparece o ano 1378 e a indicação de que é obra do artista italiano Spinello Spinelli. Este livro desperta enorme interesse nos pesquisadores, não só pela beleza e elevada qualidade artística, mas pela história e mistérios no qual está envolvido. Ele já foi objeto de trabalho do franciscano Damião Berge, na década de 1940, e da historiadora Vânia Leite Fróes, que fez um estudo crítico da obra, publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*, em 2011.

Dos nove livros de horas identificados, apenas o livro do século XVI não foi selecionado para o catálogo, pois, além de pertencer a outro período, tem características distintas dos demais, entre as quais, por exemplo, a estrutura.

A construção do catálogo dos livros de horas

Por se tratar de uma das mais raras coleções da Biblioteca Nacional brasileira, os manuscritos iluminados estão, em sua grande maioria, armazenados nos cofres da Divisão de Manuscritos. Com acesso restrito – por motivos de preservação e segurança –, essa coleção necessita de tratamento técnico adequado, amplo e abrangente, em consonância com suas especificidades e com as normas internacionais adotadas em outras bibliotecas nacionais.

Apesar de todo o empenho de pesquisadores e bibliotecários, a elaboração de um catálogo não é tarefa fácil de realizar. Algumas bibliotecas tradicionais europeias, como a Biblioteca Nacional de Viena, iniciaram seus catálogos de manuscritos no século XIX e, no século seguinte, ainda não haviam concluído o projeto. Quanto mais especializado for o catálogo, mais lenta e complexa será a sua execução.

Tipologia dos catálogos

Principal veículo para difundir e divulgar o conteúdo de uma coleção de manuscritos ou de qualquer fundo bibliográfico, o catálogo é um instrumento de referência que orienta o pesquisador, indicando o que ele deve consultar em meio aos inúmeros fundos de uma biblioteca ou de um arquivo. Segundo o *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*

(ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 45), o “catálogo é um instrumento de pesquisa organizado seguindo critérios temáticos, cronológicos, onomásticos ou toponímicos, reunindo a descrição individualizada de documentos pertencentes a um ou mais fundos, de forma sumária ou analítica”.

Eles podem ser gerais, se relacionam os materiais de uma ou mais coleções, sendo por isso conhecidos como catálogos coletivos (quando abrangem fundos de mais de uma instituição), ou especiais, se selecionam o material descrito, em virtude de alguma característica previamente determinada. Devem sempre ter em conta, de um modo especializado, todos os aspectos particulares da peça que está sendo descrita. Uma característica que distingue um catálogo geral de manuscritos de um catálogo de livros impressos, mesmo que contenha o mesmo texto, é que o catálogo de livros necessita de descrição de exemplares, que podem ser vários e distintos, enquanto o catálogo de manuscritos prescinde de tal necessidade pelo fato de as peças nele referenciadas serem únicas.

Os catálogos especiais podem ser de manuscritos de um autor, de um assunto, temáticos ou de textos que apresentem uma característica especial, como data de cópia, origem ou a língua em que estão escritos. Os mais característicos são os catálogos de manuscritos de uma determinada época, como os medievais, e os catálogos de manuscritos iluminados. Quando se planeja a elaboração de um catálogo de manuscritos, deve-se levar em consideração as normas a serem adotadas, a língua da descrição (em geral feita na língua vernácula do catalogador), a terminologia a ser empregada hoje, e as questões referentes a sua publicação, *on line* ou impressa.

Catálogo de manuscritos

Antes da invenção da tipografia,¹¹ tudo se copiava à mão, ou seja, tudo era manuscrito. Segundo Martins (1996, p. 93), “*Manuscrito* é o texto escrito à mão em papiro, pergaminho ou papel. O manuscrito medieval será, por consequência, um texto nessas condições, datando da Idade Média.” E uma de suas características essenciais é o fato de ser espécie única.

Códice, por sua vez, é o conjunto de folhas escritas à mão, quase sempre, na Idade Média, em papiro ou pergaminho e sempre em forma retangular (*Codice manu scripti* = livros escritos à mão). A forma era quadrada, em razão de ser oriundo das tábuas enceradas dos gregos e romanos. Os temas desses livros eram, quase sempre, de caráter religioso – como os breviários, as bíblias, os missais, os saltérios, os livros de horas e os sermões. Quando laicos, tratavam de legislação, medicina, história natural e astrologia,

¹¹ No ano 1450, por Johann Gutenberg.

além de obras clássicas de autores gregos e romanos. O latim é o idioma usado na maioria desses livros (MANGUEL, 2001, p. 120). Para Le Goff (2006, p. 35), “a generalização do códex (nosso livro, com páginas e cadernos) marca uma passagem. [...] O *livro-códex* favorece a leitura pessoal, interiorizada, mesmo que a leitura totalmente silenciosa só venha a se generalizar no século XIII.”

Na maioria das bibliotecas, os manuscritos estão agrupados em dois grandes conjuntos: códices, termo já definido no parágrafo anterior; e avulsos, coleção em aberto cuja documentação contém assuntos diversos e heterogêneos. Segundo Teresa Ferreira e Ana Santana (2006),

Considerando a natureza muito diversificada, em termos de conteúdo e características formais específicas das coleções de manuscritos que se encontram à guarda das bibliotecas patrimoniais, devemos distinguir:

Livro manuscrito: códice com unidade física e intelectual contendo texto (ou textos) de caráter monográfico e unitário;

Miscelânea: códice composto por vários textos intencionalmente coligidos, com ou sem ligação temática entre si [...];

Códice factício: conjunto de documentos originariamente independentes, reunidos numa mesma encadernação, em fase posterior à sua produção, e por motivos alheios ao processo documental, resultado, muitas vezes, de uma prática antiga de conservação das espécies.

A análise codicológica, ou seja, a descrição do códice, é feita em duas etapas: a descrição interna (sobre a informação registrada) e a descrição externa (sobre como ocorreu o registro da informação).

A descrição interna ou descrição textual (conteúdo) deve ser feita com a máxima precisão possível, pois é nessa etapa que se identifica o assunto de que trata o manuscrito e seu texto, de onde serão retirados o(s) título(s) e o(s) autor(es). Isso não é tarefa fácil, porque o manuscrito não tem página de rosto, local onde figuram os dados que identificam um livro impresso (a Unesco define *livro* como “impresso não periódico que agrupa num só volume mais de 49 páginas, excluídas as capas. Quando menor chama-se opúsculo ou folheto; quando formado de mais de um volume, rotula-se obra”. Já a Norma 6029 da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT define o livro como “publicação não periódica que contém acima de 49 páginas, excluídas as capas, e que é objeto de Número Internacional Normalizado para Livro - ISBN”). Em se tratando de manuscritos medievais, as fontes de onde são retirados esses dados são o colofão, o *explicit* e o *incipit*.

Ao terminar a cópia, os copistas acrescentavam as linhas da “subscrição”, ou seja, o colofão, nas quais mencionavam o título do livro. Essas linhas em geral começavam

com as palavras *explicitus est*, ou *explicit*, reminiscência ainda do rolo antigo: significavam que o manuscrito estava “desenrolado”. Antes do início do texto vinham as palavras: *hic incipit*, isto é, “aqui começa”, para explicar, logo em seguida, de que tratava o livro (MARTINS, 1996, p. 101). Caso não se encontre nenhuma identificação nessas fontes (partes) citadas, deve-se recorrer aos repertórios e catálogos especializados, como também aos especialistas nos diversos campos dos conhecimentos medievais.

A descrição externa, se comparada à descrição interna, é muito mais simples de se fazer, pois, no caso de ocorrer alguma imprecisão, isso não acarretará tantos transtornos ao pesquisador. Mas a descrição externa também deverá ser a mais correta possível, pois poderá servir de base para estudos históricos. Um dado fundamental dessa descrição é a data do manuscrito, mais especificamente a data da cópia que se tem em mãos. Caso apareça mais de uma data, uma no texto e outra no colofão, deve-se compará-las com as características internas e externas do manuscrito (primeiro o exame da escrita: tipo, forma, características, traçado, o sistema de abreviaturas, e segundo, a qualidade e preparação do suporte: numeração e ordenação dos cadernos, os reclamos, as assinaturas, as marcas do fabricante do papel, as ilustrações, etc.) e assim verificar qual data se refere à cópia. Outros dados da descrição externa de um manuscrito são: a foliação do manuscrito (número de fólios ou páginas e, em alguns casos, o número de volumes), as dimensões, a distribuição do texto na página (linha tirada ou colunas), o número de linhas, as características das ilustrações, ornamentação, etc.

Deve-se fazer constar também, em notas gerais, a história do manuscrito que está sendo descrito: sua procedência, anotações, características particulares que o distinguem de outras cópias, o tipo de manuscrito (autógrafo ou outro tipo de cópia), tipo de escrita, nome do copista e o lugar da cópia, suporte, detalhes da encadernação e estado de conservação.

É comum que as descrições no catálogo sigam a ordenação topográfica (localização física dos livros nas estantes), como nos catálogos de livros impressos. Sua recuperação deverá ser feita por índices, os quais devem ser bem detalhados.

Descrição dos livros de horas

Como é nosso propósito seguir as normas e padrões internacionais de controle, intercâmbio de informações e descrições bibliográficas automatizadas adotadas na Biblioteca Nacional do Brasil – que segue as normas americanas adotadas pela Biblioteca do Congresso Americano (American Library of Congress) – e, principalmente, para manter uma uniformidade com o que está sendo feito em matéria de descrição documental na Divisão de Manuscritos, optamos por desenvolver uma descrição que contemple esses princípios normativos e a diversidade do material a ser identificado.

No ano de 1998, após inúmeras reuniões internas, a então chefe da Divisão de Manuscritos, Carmen Moreno, implantou uma metodologia para a descrição de documentos na Divisão:

No bojo destas discussões, criou-se o embrião de uma estrutura de descrição que utilizava o formato MARC¹² na codificação da base de dados e a organizava segundo as normas ISAD.¹³ Toda esta compatibilização demandou vários estudos sobre as correlações do tratamento arquivístico, gerando um modelo de metadados que buscava integrar os conceitos utilizados na Arquivologia e na Biblioteconomia.¹⁴

Levando-se em conta também as normas adotadas pelas principais bibliotecas nacionais, sobretudo a Biblioteca Nacional de Portugal, adotaremos para a descrição dos livros de horas o *Código de Catalogação Anglo-Americano* (AACR2), a tradução para o português da segunda edição, em que o quarto capítulo se refere aos manuscritos. Essas regras foram estabelecidas pela American Library Association, em 1966, com o apoio da International Federation of Library Associations (Ifla). O AACR utiliza os princípios normativos da *International Standard Bibliographic Description* (ISBD), de 1987, de acordo com as regras estabelecidas pela International Standard Organization (ISO) para o tratamento de manuscritos, incluindo os medievais e renascentistas, abrangendo a totalidade das formas, suportes, tipologia e âmbito cronológico. Para catalogação em suporte eletrônico utilizaremos o formato MARC por ser, como já mencionamos, o formato adotado pela Biblioteca Nacional do Brasil.

Os oito livros de horas estão descritos no catálogo obedecendo à ordem topográfica (localização fixa) em que eles se encontram, fisicamente, no cofre da Divisão de Manuscritos. Segundo Pinheiro (2007, p. 33), “o sistema de localização fixa aplica-se a bibliotecas onde a conservação do livro é condição para a salvaguarda de seu conteúdo, porque os livros são organizados segundo sua materialidade.”

No caso da Biblioteca Nacional, a localização (notação, cota, número de chamada) é um conjunto numérico composto por três números, separados por vírgulas, onde cada número representa: o primeiro, o número do armário; o segundo, o número da prateleira e o terceiro, o número do item. Todos os livros de horas estão guardados em caixas confeccionadas na própria Biblioteca, cuja localização foi dourada na parte inferior da lombada. Todos os livros apresentam bom estado de conservação.

Uma sentença empregada comumente pelos profissionais da conservação de documentos retrata muito bem o que vem a ser o propósito do nosso catálogo: “Não

¹² *Machine Readable Cataloguing* (“catalogação legível por computador”).

¹³ *International Standard Archival Description* (“norma internacional de descrição arquivística”).

¹⁴ Comunicação apresentada por Carmen Moreno e Vinícius Martins no II Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, no Rio de Janeiro, 2001, Fundação Casa de Rui Barbosa.

se pode preservar ou proteger o que não se conhece.” Catálogos são instrumentos de pesquisa que, além de descrever e localizar dados de um determinado acervo – no nosso caso uma coleção “reservada” –, servem também para registrar e difundir o patrimônio bibliográfico e documental de uma instituição cultural, aqui no caso a Biblioteca Nacional.

Os bens (materiais e imateriais) culturais, ou seja, aqueles que foram ou são valorados positivamente continuam exigindo uma análise que contribua para o nosso conhecimento do campo. Os bens culturais devem receber um tratamento que dê conta de sua historicidade, da atuação de pessoa e grupo responsáveis pela criação de instituições e políticas públicas direcionadas ao seu desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2008, p. 189).

Trata-se de uma etapa, necessária e indispensável, que viabiliza o acesso, de uma maneira bastante eficaz a esses bens culturais, promovendo assim a sua valorização, difusão, intercâmbio e proteção.



Catálogo

As fichas descritivas deste catálogo apresentam informações sobre os seguintes aspectos dos livros de horas: *texto*; *descrição material*; *escritura e decoração*; *histórico*; *encadernação*; e *proveniência*.

1. Ms. 50,1,001 - Livro de horas, uso de Sarum (Salisbury)

Texto

- ff. 2-7v Calendário
Calendário em latim, alternando o vermelho e o ouro.
Destacam-se os santos: (19 jan.) São Vulstano; (18 mar.) Santo Eduardo *regis*; (20 mar.) São Cutberto; (19 abr.) Santo Elfego; (19 maio) São Dunstano; (22 jun.) Santo Albano; (17 jul.) São Chenelmo; (5 ago.) Santo Oswaldo *regis*; (4 set.) *Translatio* São Cutberto; (6 out.) *Translatio* São Hugo; (16 nov.) Santo Edmundo; (17 nov.) São Hugo; (1 dez.) São Elígio; (14 dez.) São Nicásio *martir*; (21 dez.) São Tomé apóstolo.
- ff. 10-16v Quinze Orações a Cristo
f. 10 “*Incipiunt quindecim orationes ad xpristum...*”
- ff. 18-37v Sufrágios
ff. 18-19v A Trindade “*Commemoratio de sancta trinitate...*”
ff. 21-21v A São João Batista “*Commemoratio de sancto iohanne baptista...*”
ff. 25-25v A São Jorge “*Memoria de sancto georgio...*”
ff. 27-27v A São Cristovão “*Memoria de sancto xpristoforo. Antiphona. Sancte xristofore...*”
ff. 29-29v A Sant’Anna “*Commemoratio de sancta Anna...*”

ff. 31-31v	A Santa Catarina “ <i>Memoria de sancta katherina...</i> ”
ff. 33-31v	A Santa Maria Madalena “ <i>Memoria de sancta maria magdalena...</i> ”
ff. 35-35v	A Santa Margarida “ <i>Memoria de sancta margareta...</i> ”
ff. 37-37v	A Santa Bárbara “ <i>Memoria de sancta Barbara...</i> ”
ff. 39-89v	Horas da Virgem
f. 39	“ <i>Incipiunt hore beate marie uirginis...</i> ”, uso de Sarum (Salisbury) (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. XXXVIII). Intercaladas com as Horas da Cruz e os Sufrágios, após a Laudes.
ff. 39-45v	Matinas “ <i>...Ad matinas...</i> ”
ff. 47-60	Laudes “ <i>Ad laudes...</i> ”
ff. 53v-59v	Sufrágios
ff. 53v-54	Ao Santo Espírito “ <i>Memoria de sancto spiritu...</i> ”
ff. 54-55v	A Trindade “ <i>Memoria de sancta trinitate...</i> ”
ff. 54v	A Santa Cruz “ <i>Memoria de sancta cruce...</i> ”
ff. 54v-55	A São Miguel “ <i>Memoria de sancto Michaele...</i> ”
ff. 55-55v	A São João Batista “ <i>Memoria de sancto iohanne baptista...</i> ”
f. 55v	A São Pedro e São Paulo “ <i>Memoria de sancto petro et paulo...</i> ”
f. 56	A Santo André “ <i>Memoria de sancto andrea...</i> ”
ff. 56-56v	A Santo Estevão “ <i>Memoria de sancto stephano...</i> ”
ff. 56v-57	A São Lourenço “ <i>Memoria de sancto laurentio...</i> ”
f. 57	A São Tomé “ <i>Memoria de sancto...</i> [o nome Thome foi apagado]. <i>Antiphona. Tu per thome sanguinem quem pro te impendit...</i> ”
f. 57v	A São Nicolau “ <i>Memoria de sancto nicholao...</i> ”
ff. 57v-58	A Santa Maria Madalena “ <i>Memoria de sancta maria magdalena...</i> ”
ff. 58-58v	A Santa Catarina “ <i>Memoria de sancta katherina...</i> ”
ff. 58v	A Santa Margarida “ <i>Memoria de sancta margareta...</i> ”
ff. 58v-59	A Todos os Santos “ <i>Memoria de omnibus sanctis...</i> ”
ff. 59-59v	A paz “ <i>Memoria de pace...</i> ”
ff. 59v-89v	Horas da Cruz

(cont.)	Horas da Virgem
ff. 61-65	Prima “ <i>Ad primam...</i> ”
ff. 66-69v	Tercia “ <i>Ad tertiam...</i> ”
ff. 71-74	Sexta “ <i>Ad sextam...</i> ”
ff. 75-78	Nona “ <i>Ad nonam...</i> ”
ff. 79-83v	Vésperas “ <i>Ad vesperam...</i> ”
ff. 85-89v	Completas “ <i>Ad completorium...</i> ”
ff. 90-102v	Orações à Virgem
ff. 90-93v	“ <i>Has uideas laudes qui sacra uirgine gaude. Et venerando piam studeas laudare mariam uirginis intacte cum ueneris ante figuram. Pretercundo cane...aue. In ...sic salutando mariam... Regina... misericordie... uita... dulceo...et spes...</i> ”
ff. 93v-95	“ <i>Oratio ad uirginem mariam. O intemerata... et esto michi miserrimo peccatori... O Iohannes...</i> ”, adaptado para um homem (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 347).
ff. 95-97v	“ <i>Alia oratio de beatissime... uirginus marie. Obsecro te domina sancta maria mater dei... Et michi famulo tuo impetris a dilecto filio tuo...</i> ”, adaptado para um homem (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 347).
ff. 97v-99	“ <i>Oratio ad uirginem mariam. Aue mundis spes maria. Aue mitis aue pia...</i> ”
ff. 99-102v	As Sete Alegrias da Virgem
f. 99	“ <i>Quicumque hec septem gaudia in honore beate marie uirgis semel in die dixerit...</i> ”
ff. 104-106	Ofício das Cinco Chagas de Cristo
f. 104	“ <i>Ad ymaginem xristi crucifix...</i> ”
ff. 104-104v	“ <i>Ad crucem xristi. Triumphale lignum crucis...</i> ”
f. 104v	“ <i>Ad caput... Aue caput inclinatum...</i> ”

- f. 104v-105 “*Ad uulus dextre manus domini. Salue uulnus dextre manus...*”
- f. 105 “*Ad uulnus sinistre manus domini nostri ihesu xristi. Aue tu sinistra. Xristi perforata...*”
- ff. 105-105v “*Ad uulneris lateris... O fons aue paradysi...*”
- ff. 105v-106 “*Ad uulnus dextri pedis... Salue uulnus dextri pedis...*”
- f. 106 “*Ad uulnus... Leui pedis perforati...*”
-
- ff. 106-106v Oração à Virgem “*Ad uirginem mariam. O maria plasma nati. Cum uidisti ihesum pati...*”
-
- ff.106v-107 Oração a São João Evangelista “*Ad sanctum iohannem euuangelistam. Iohannes euangelista. Tu sacrarii sacrista...*”
-
- ff. 107-109 Orações a São Beda Sobre as Sete palavras de Cristo na Cruz
“*Oratio uenerabilis bede presbiteri de septem uerbis xristi in cruce pendentis...*”
-
- ff. 109-112 Orações a Nosso Senhor Jesus Cristo “*Oratio ad xristi...*”
- ff. 109v-110 “*Deus qui uoluisti pro redemptione mundi...*”
- ff. 110-110v “*Oratio. Aue domine ihesu xpiste uerbum patris filius uirginis agnus dei...*”
- ff. 110v-111 “*Oratio. Aue principium nostre creationis...*”
- f. 111 “*Oratio ad xristi. Aue uerumcorpus xpristi natum demaria uirgine...*”
- ff. 111-111v “*Oratio. Anima xristi sanctifica me. Corpus xristi salua me...*”
-
- ff. 111v-112 Oração da Indulgência “*Omnibus confessis et contritis hanc orationem decemtibus inter eleuationem corpis xriste et tercium agnus dei papa bonefacius concessit duo milia annorum indulgenciarum ad supplicationem philippi regis francie. Domine ihesu xpiste qui...*”
-
- ff. 112-112v As Cinco Alegrias da Virgem “*Incipiunt quinqz gaudia beate uirginis marie...*”

ff. 114-121 f. 114	Os Sete Salmos Penitenciais “ <i>Incipiunt septem psalmi penitenciales...</i> ”
ff. 121-127 f. 121	Os Quinze Salmos Graduais “ <i>Incipiunt quindecem psalmi...</i> ”
ff. 127-132v f. 127 ff. 128-130	Litanias “ <i>Incipit letania sanctorum.</i> ” “ <i>Sancte Edwardi..., Sancte Wallepaxte... Sancte Remigi..., Sancte Vedaste..., Sancta Sexburga..., Sancta Osfatha..., Sancta Spes...</i> ”
ff. 133-135 f. 133	Onze Coletas “ <i>Deus cui proprium est misereri semp et parcere...</i> ”
ff. 136-164v f. 136	Oficio dos Defuntos “ <i>Incipiunt uigilie mortuorum...</i> ” uso de Sarum (Salisbury) (cf. OTTOSEN, 1993, p. 111).
f. 143v	Lec.I “ <i>Parce michi domine...</i> ” (Job 7: 16-21)
f. 144 R	“ <i>Credo quod redemptor...</i> ” (14)
f. 144 Lec.II	“ <i>Tedet animam meam...</i> ” (Job 10: 1-7)
f. 144v R	“ <i>Que Lazarum resuscitasti...</i> ” (72)
f. 144v Lec.III	“ <i>Manus tue domine fecerunt...</i> ” (Job 10: 8-12)
f. 145 R	“ <i>Domine quando veneris...</i> ” (24)
f. 148v Lec.IV	“ <i>Quantas habeo iniquitatis...</i> ” (Job 13: 23-28)
f. 148v R	“ <i>Heu michi domine...</i> ” (32)
f. 149 Lec.V	“ <i>Homo natus de muliere...</i> ” (Job 14: 1-6)
f. 149v R	“ <i>Ne recorderis peccata...</i> ” (57)
f. 149v Lec.VI	“ <i>Quis michi hoc...</i> ” (Job 14: 13-16)
f. 149v R	“ <i>Domine secundum actum...</i> ” (28)
f. 153v Lec.VII	“ <i>Spiritus meus...</i> ” (Job 17: 1-3 + 11-15)
f. 154 R	“ <i>Peccantem me...</i> ” (68)

f. 154 Lec.VIII	“ <i>Pelli me...</i> ” (Job 19: 20-27)
f. 154v R	“ <i>Requiem eternam...</i> ” (82)
f. 154v Lec.IX	“ <i>Quare de vulva...</i> ” (Job 10: 18-22)
f. 155 R	“ <i>Libera me domine de morte eternam...</i> ” (38)
ff. 165-176v	Encomendação das Almas
f. 165	“ <i>Incipiunt comendationes animarum...</i> ”
ff. 178-186v	Saltério da Paixão
f. 178	“ <i>Incipiunt psalterium de passione domini...</i> ”
ff. 187-187v	Oração introduzindo o Saltério de São Jerônimo “ <i>Beatus uero iberonimus in hoc modo psalterium... Suscipere digneris domine deus omnipotens...</i> ”
ff. 189-199	Saltério de São Jerônimo “ <i>Incipit psalterium sancti iberonimi. Verba mea auribus percipe...</i> ”
ff. 199-199v	Oração a Deus “ <i>Oratio...deus clementium tuam suppliciter deprecor ut me...</i> ”
[f. 199v <i>explicit</i>]	“ <i>...defunctis ad uitam proficiat sempiternam. Amen.</i> ”
f. 199v	Colofão, em rubrica “ <i>Ipse dipicture que conti//net hoc libro fuerunt manufacte// per Spinello Spinelli et illas deri//gebat Rmo. P. Joachinus dela oral//tor amplissimus in oratorio Rel//gis D. Ferdinandi Portugalie et// pro ipso Rege Menistrus Lusitaniel// apud Sanctissimum P. Gregorium//XI. Anno 1378.</i> ”

Descrição material

Em pergaminho, raiado em tinta vermelha, 200 ff., 20 linhas no geral. 250 x 175 mm (mancha do texto: 130 x 80 mm). 24 cadernos.

Incompleto: faltam os ff. 22 e 23 entre o Sufrágio de São João Batista e o de São Jorge (provavelmente o f. 22 estaria em branco, o f. 22v teria uma miniatura de página plena de São Tomás Becket e nos ff. 23 e 23v haveria a sua *Memoria*). (ver WALTERS ART MUSEUM, 1989-1997, v. 3, parte 1, p. 283, ref. 256).

Alguns reclusos conservados: ff. 18v, 87v, 121v, 129v, 138v, 146v, 154v, 162v, e 170v.

Fólios em branco: 1, 8, 9, 17, 20, 24, 26, 28, 30, 32, 34, 36, 38, 46, 70, 84, 103, 113, 177, 188, 200.

Contém três foliações a lápis, duas na margem interna, no canto inferior esquerdo, e a outra na margem superior, no canto direito.

Escritura e decoração

[Bruges], 1450-1460.

Texto em latim.

Letras góticas em vermelho e marrom.

Estão rubricados os *incipitus*, os hinos, as horas canônicas, versículos, responsórios, lições, etc.

Calendário (ff. 2-7v) apresenta uma miniatura com cenas referentes às atividades de cada mês inscritas num medalhão quadrilobado, alternando o vermelho e o azul, e contornado em ouro. Abrindo cada mês, as letras K e L (*kalendas*) iniciais *champions*, ouro sobre fundo bicolor, azul e vermelho.

Janeiro (f. 2) Manter-se aquecido, um homem se aquece diante de uma lareira acesa; *fevereiro* (f. 2v) um homem com uma machadinha faz a podagem das vinhas; *março* (f. 3) um homem com uma machadinha faz a lenhagem das árvores; *abril* (f. 3v) um homem com flores nas mãos (colheita dos ramos floridos); *maio* (f. 4) um homem a cavalo com um falcão sobre a mão direita (caçar com falcões); *junho* (f. 4v) um homem com uma foice de cabo longo nas mãos corta o feno; *julho* (f. 5) um homem com uma foice de cabo curto ceifa o trigo e os cereais; *agosto* (f. 5v) um homem com um mangual nas mãos debulhando o trigo (colheita); *setembro* (f. 6) um homem dentro de uma tina faz a pisa das uvas; *outubro* (f. 6v) um homem segurando um pequeno bernal com sementes faz a semeadura; *novembro* (f. 7) um homem com uma vara está derrubando as bolotas para o repasto dos porcos (ou javalis); *dezembro* (f. 7v) Matança do porco, um homem com

uma machadinha nas mãos prestes a realizar a matança, ou o abate, do porco (ou javali).

Vinte e quatro miniaturas de página plena com molduras pintadas em vermelho e azul, com desenhos de folhas, flores e anjos, e contornadas em ouro (os santos dos medalhões foram identificados pelo frei Damião Berge): (f. 1v) o Martírio de São Sebastião tendo ao fundo o brasão de Portugal; (f. 9v) Jesus Cristo em Majestade (Salvador do Mundo) tendo a seus pés o orbe terrestre e à sua esquerda sustenta as tábuas da Lei. Com quatro medalhões: São Gregório, São Leão, São Jerônimo e Santo Ambrósio; (f. 17v) a Santíssima Trindade, com quatro medalhões: São Francisco de Assis, São Domingos de Gusmão, São Pedro de Verona e São Ludovico; (f. 20v) São João Batista, com quatro medalhões: Santo Antão, São Paulo, Santo Egidio e Santo Efreem; (f. 24v) São Jorge, com quatro medalhões: São Sebastião, São Vitor, São Adriano e São Mauricio; (f. 26v) São Cristovão, com quatro medalhões: Santa [Cel...], São Lourenço, São Vicente e São Quintino; (f. 28v) Santana, com quatro medalhões: Santo Aleixo, Santa Isabel, Santa Marta e os dez mil mártires; (f. 30v) Santa Catarina, com quatro medalhões: Santa Úrsula, Santa Oncomena, Santa Cunera e Santa Dorotéia; (f. 32v) Santa Maria Madalena, com quatro medalhões: As onze mil virgens, Santa Ágata, Santa Apolônia e Santa Clara de Assis; (f. 34v) Santa Margarida, com quatro medalhões: Santa Eutropia, Santa [...], Santa Benigna e Santa Godelana; (f. 36v) Santa Bárbara, com quatro medalhões: Santa [...], Santa Inês, Santa Brígida e Santa [...]; (f. 38v) Jesus Cristo no Horto das Oliveiras, com quatro medalhões: Santo André, São Tomé, São Barnabé e São Tiago Menor; (f. 46v) Traição de Judas e prisão de Jesus, com quatro medalhões: São Pedro, São Paulo, São Filipe e São Tiago Menor; (f. 60v) Cristo diante de Pilatos, com quatro medalhões: São Simão, São Judas Tadeu, São Bartolomeu e São Mateus; (f. 65v) Flagelação, com quatro medalhões: São Odulfo, Santo Henrique, São Lázaro e São Jodoco; (f. 70v) Cristo carregando a Cruz, com quatro medalhões: São Dimas, São Longino, Santo [...] e Santo [...]; (f. 74v) Crucificação, com quatro medalhões: São João, São Mateus, São Marcos e São Lucas; (f. 79v) Deposição, com quatro medalhões: São Crispim, São Cipriano, Santa Gertrudes e Santa Petronilha; (f. 84v) Sepultamento de Cristo, com quatro medalhões: Santo [...], São Laudelino, São Cosme e São Damião; (f. 103v) Cristo sendo pregado na cruz, com quatro medalhões: São Ludovico, São Bavon, Santa [...] e Santa Luzia; (f. 113v) O Juízo Final, com quatro medalhões: São Basilio, São Humberto, Santo Helvécio e São Leonardo; (f. 135v) Ressuscitação de Lázaro, com quatro medalhões: uma cerimônia fúnebre; (f. 177v) Jesus tendo à sua esquerda sua Mãe e à sua direita São João Evangelista, entre os instrumentos de seu martírio, com quatro medalhões: São Daniel, São Bento, São Bernardo e São Bernardino; (f. 188v)

São Jerônimo em seu estúdio, com quatro medalhões: São Gervásio, São Clemente, São Cornélio e São Silvestre.

Oito miniaturas de meia página que se opõem às miniaturas de página plena, com molduras pintadas em vermelho e azul e contornadas em ouro, ilustram as Horas da Virgem: (f. 39) Anunciação; (f. 47) Visitação; (f. 61) Natividade; (f. 66) Anúncio aos Pastores; (f. 71) Adoração dos Reis Magos; (f. 75) Apresentação no Templo; (f. 79) Massacre dos Inocentes; (f. 85) Fuga para o Egito.

Trinta e três capitais historiadas: U – Espírito Santo (f. 53v); M – São Miguel dominando o demônio (f. 54v); P – São Pedro e São Paulo (f. 55v); A – Santo André (f. 56); S – Santo Estevão (f. 56); L – São Lourenço (f. 56v); B – São Nicolau (f. 57v); O – Todos os Santos (f. 58v); P – Adão e Eva e a serpente (f. 59v); H – a Cruz, o lenço com a Santa Face e os instrumentos da Paixão e morte de Cristo (a *Arma Christi*) (f. 64v); C – a Cruz com as vestes e os instrumentos da Paixão e morte de Cristo (a *Arma Christi*) (f. 69); H – a Cruz (f. 73v); H – a Crucificação (f. 77v); D – a Pietà (f. 83); H – a Cruz, a sepultura e os instrumentos da Paixão e morte de Cristo – a *Arma Christi* (f. 88); S – Anunciação (f. 90); O – a Pietà (f. 93v); U – Apresentação da Virgem (f. 99v); D – a Virgem e a Criança sendo reverenciadas por um casal de laicos (f. 99v); D – a Epifania (adoração dos Reis Magos) (f. 100); O – a Ressurreição (f. 100v); O – a Ascensão (f. 101); S – Pentecostes (f. 101); A – Natividade (f. 101v); T – a Cruz em tau (f. 104); A – Santo Sudário (f. 104v); S – a Mão direita de Cristo, com a chaga (f. 104v); A – a Mão esquerda de Cristo, com a chaga (f. 105); O – Sagrado Coração, com a chaga (f. 105v); S – o Pé direito de Cristo, com a chaga (f. 105v); U – o Pé esquerdo de Cristo, com a chaga (f. 106); I – São João Evangelista (f. 106v); D – Jesus Crucificado com os dois ladrões (f. 107v).

Vinte e quatro capitais ornamentadas de grande porte, decoradas com motivos florais sobre fundo em ouro. Acompanham as miniaturas de meia página, que ilustram as Horas da Virgem, e abrem as principais passagens do texto: O – As Quinze Orações a Jesus Cristo (f. 10); D – Sufrágios: a Santíssima Trindade (f. 18); G – a São João Batista (f. 21); G – a São Jorge (f. 25); S – a São Cristovão (f. 27); G – a Santana (f. 29); G – a Santa Catarina (f. 31); G – a Santa Maria Madalena (f. 33); G – a Santa Margarida (f. 35); G – a Santa Bárbara (f. 37); D – Horas da Virgem: matinas (f. 39); D – laudes (f. 47); D – prima (f. 61); D – terça (f. 66); D – sexta (f. 71); D – nona (f. 75); D – vésperas (f. 79); C – completas (f. 85); O – Ofício das Cinco Chagas de Cristo (f. 104); D – Os

Sete Salmos Penitenciais (f. 114); D – Ofício dos Defuntos (f. 136); B – Encomendação das Almas (f. 165); D – Saltério da Paixão (f. 178); U – Saltério de São Jerônimo.

Capitais ornamentadas de médio porte em vermelho, azul e ouro, com desenhos de aves, animais, flores, anjos e rostos de santos. No calendário, elas abrem os meses com as letras K e L (*kalendas*) em ouro.

Bordaduras com motivos florais, frutos, aves e animais cercando as miniaturas de página plena, as miniaturas de meia página e o início das principais passagens do texto. Bordaduras laterais nos meses do calendário e nos fôlios: 53v, 54v, 55v, 56v, 57v, 58v, 59v, 64v, 69, 73v, 77v, 83, 88, 93v, 99v, 100, 100v, 101, 101v, 104v, 105, 105v, 106, 106v e 107v.

Tarjas e finais de linha em vermelho, azul e ouro.

Histórico

No Calendário, os dias “nefastos” (termo usado por Berge), de acordo com a fórmula astrológica, se encontram, em cada mês, na parte superior, e as horas da noite e do dia para os ofícios, na parte inferior, ambos em rubrica.

O brasão português, na miniatura do Martírio de São Sebastião, foi colocado posteriormente.

Nas Litanias, “*Sancte Thoma*” foi colocado posteriormente por outra mão (f. 128v).

Falso colofão, escrito em rubrica por outra mão. Segundo M. Avril, a escrita é do século XVIII:

“Ipse dipicture que contil//net hoc libro fuerunt manufactel// per Spinello Spinelli et illas deril//gebat Rmo. P. Joachinus dela oral//tor amplissimus in oratorio Rel//gis D. Ferdinandi Portugalie et// pro ipso Rege Menistrus Lusitaniel// apud Sanctissimum P. Gregorium//XI. Anno 1378.”

Anotações marginais feitas por diferentes mãos nos ff. 71, 91v e 151v.

Vestígios de rascunho de florão lateral no f. 102.

Carimbo da Real Biblioteca – Casa do Infantado nos ff. 16v e 164v. Antiga localização manuscrita no f. 2: 46-5-47.

Ex-libris gravado da Biblioteca Nacional colado na capa, desenhado por Eliseu Visconti, Rio de Janeiro, 1903, com a localização: I-16-1-nº13.

Feito em Bruges para um provável destinatário inglês (para uso na Inglaterra: Sarum é o rito da Igreja Inglesa). As provas disso são: os inúmeros santos ingleses no Calendário e nas Litanias; a estrutura do texto, como a localização do Sufrágio antes

das Horas da Virgem; as imagens iniciais do Salvador do Mundo e, no final, a de São Jerônimo; a justaposição das miniaturas de página plena com cenas da Paixão com as miniaturas que retratam as Horas da Virgem e a miniatura de São Tomás Becket e sua *Memoria* que foram cortadas, etc.

Foi registrado sob o número 1.212.389/ 16/05/2008 AA.

BN Digital.

Encadernação

Encadernação moderna em pergaminho, provavelmente do século XIX, tendo na lombada, em couro vermelho com letras douradas, o seguinte título: “Breviarium. Ms. XIV Sec.”

Proveniência

Real Biblioteca – Casa do Infantado.

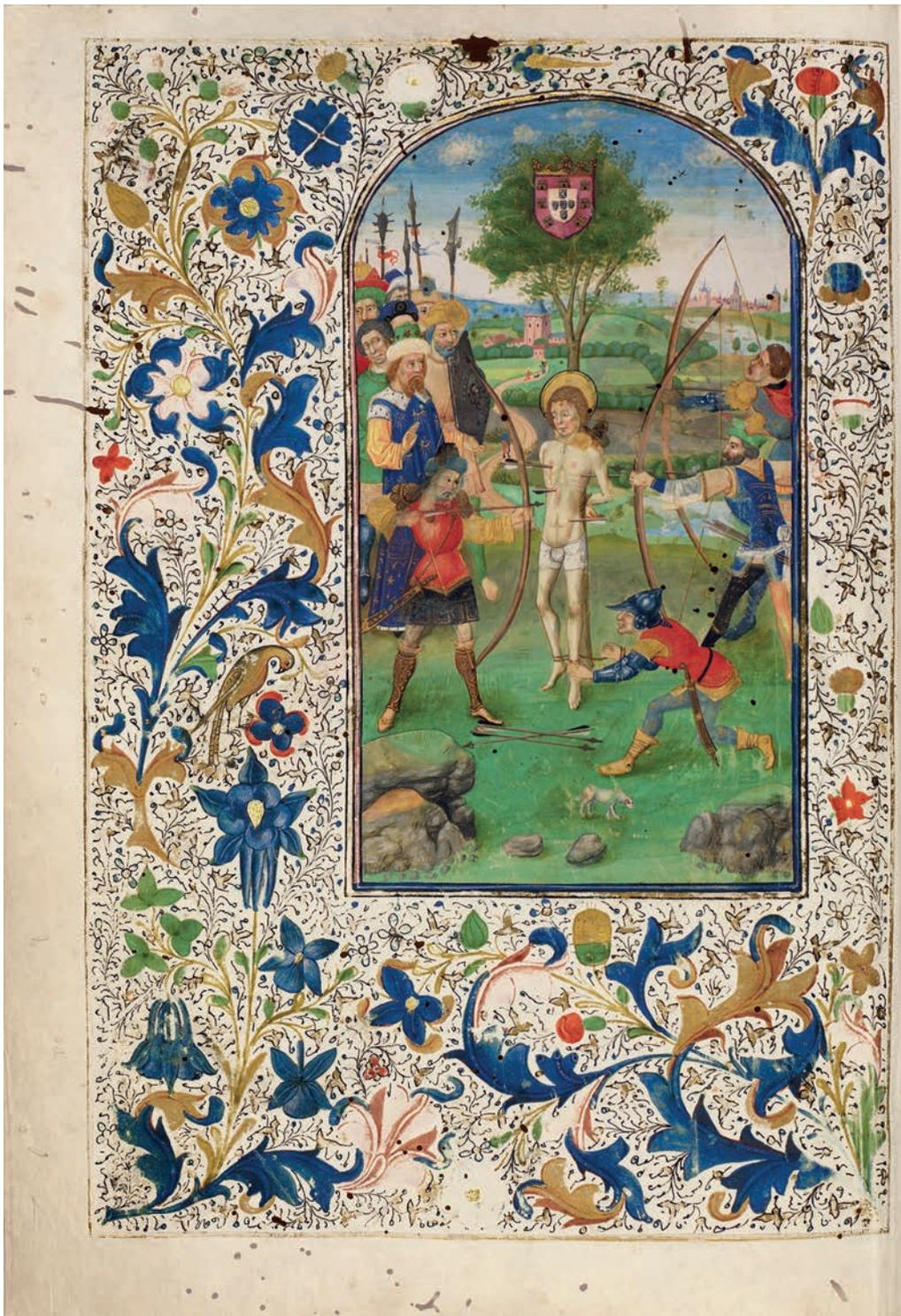


Fig. 19. Ms. 50,1,001, f. 1v – *O Martírio de São Sebastião*



Fig. 20. Ms. 50,1,001, f. 18 – *Commemoratio de Sancta Trinitate*



Fig. 21. Ms. 50,1,001, f. 24v – São Jorge



Fig. 22. Ms. 50,1,001, f. 53v – Memória do Santo Espírito (detalhe)



Fig. 23. Ms. 50,1,001, f. 54v – Memória de São Miguel (detalhe)



Fig. 24. Ms. 50,1,001, f. 58v – *Memória de Todos os Santos* (detalhe)



Fig. 25. Ms. 50,1,001, f. 59v – *Adão e Eva e a Serpente* (detalhe)

Primiciant gentes dñm te xpe fatentes.



Fig. 26. Ms. 50,1,001, f. 71 – *Adoração dos Reis Magos* (anotações manuscritas)

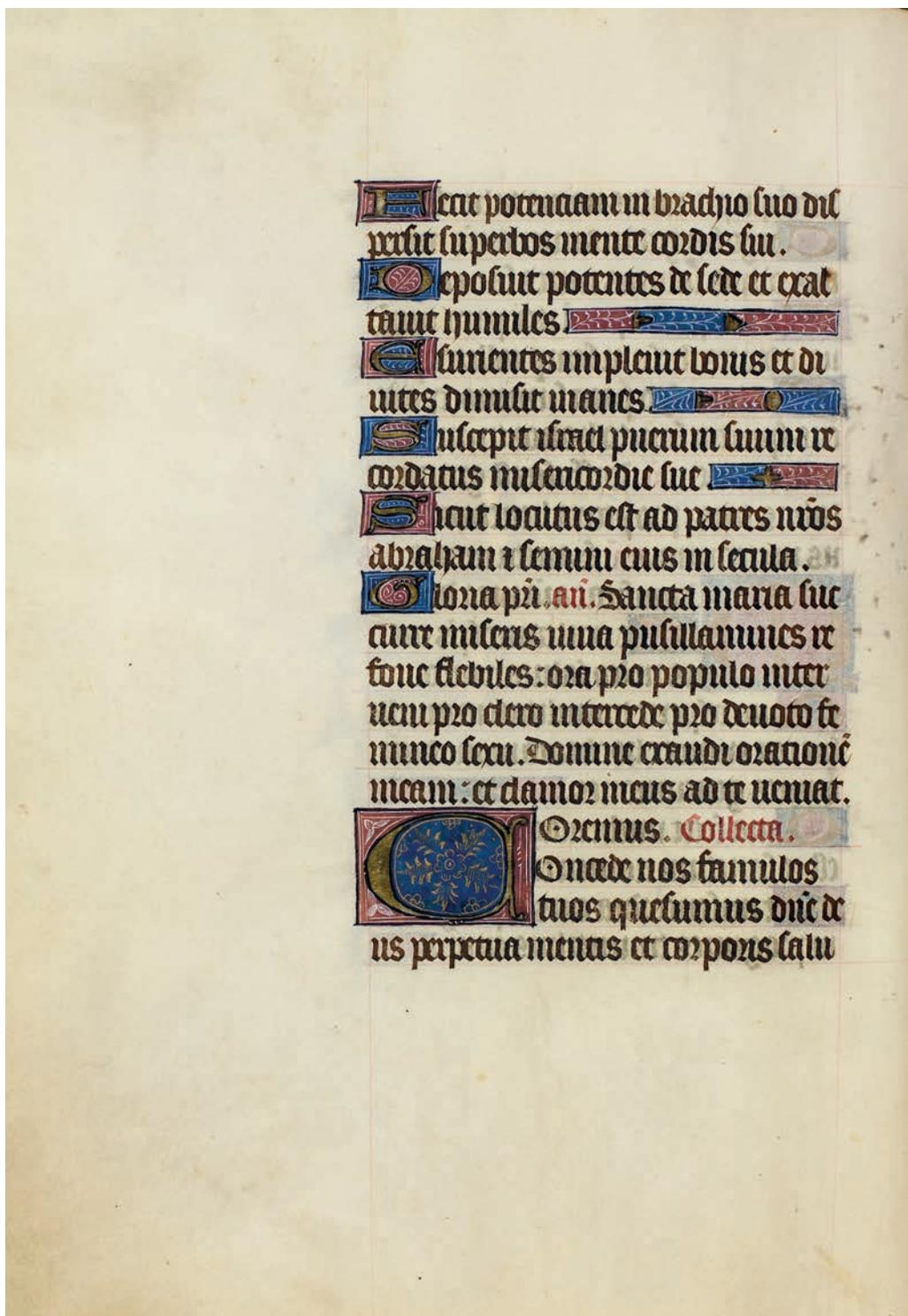


Fig. 27. Ms. 50,1,001, f. 82v – Inicial C (detalhe)



Fig. 28. Ms. 50,1,001, f. 84v – *Sepultamento de Cristo* (detalhe: animal na lateral)



Fig. 29. Ms. 50,1,001, f. 99v – *A Virgem e a Criança sendo reverenciadas por um casal de laicos* (detalhe)



Fig. 30. Ms. 50,1,001, f. 104v – O Santo Sudário e a Mão de Cristo, com a chaga (detalhes)



Fig. 31. Ms. 50,1,001, f. 105v – O Sagrado Coração, com a chaga e o Pé Direito de Cristo, com a chaga (detalhes)

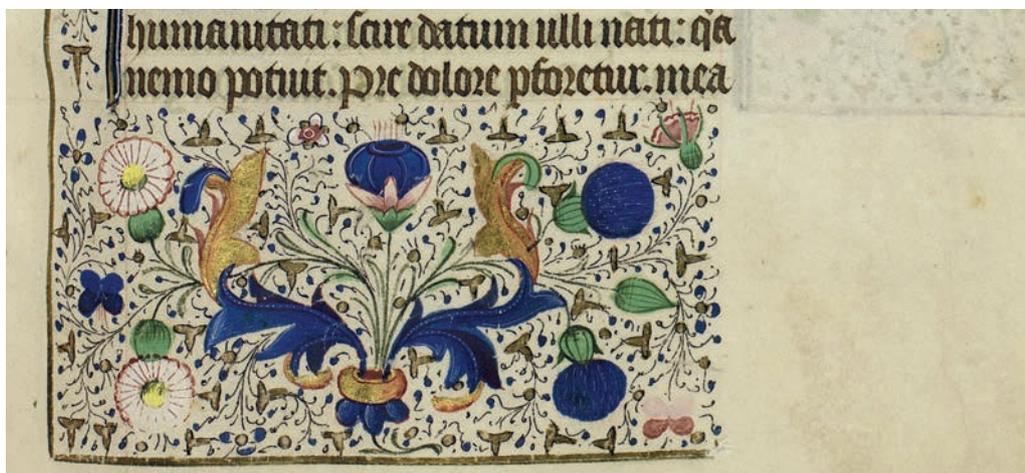


Fig. 32. Ms. 50,1,001, f. 106 – *Vaso no bas-de-page* (detalhe)



Fig. 33. Ms. 50,1,001, f. 114 – *Animal na lateral* (detalhe)

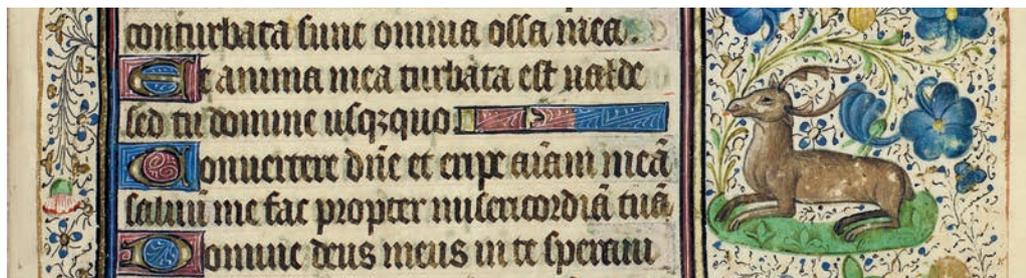
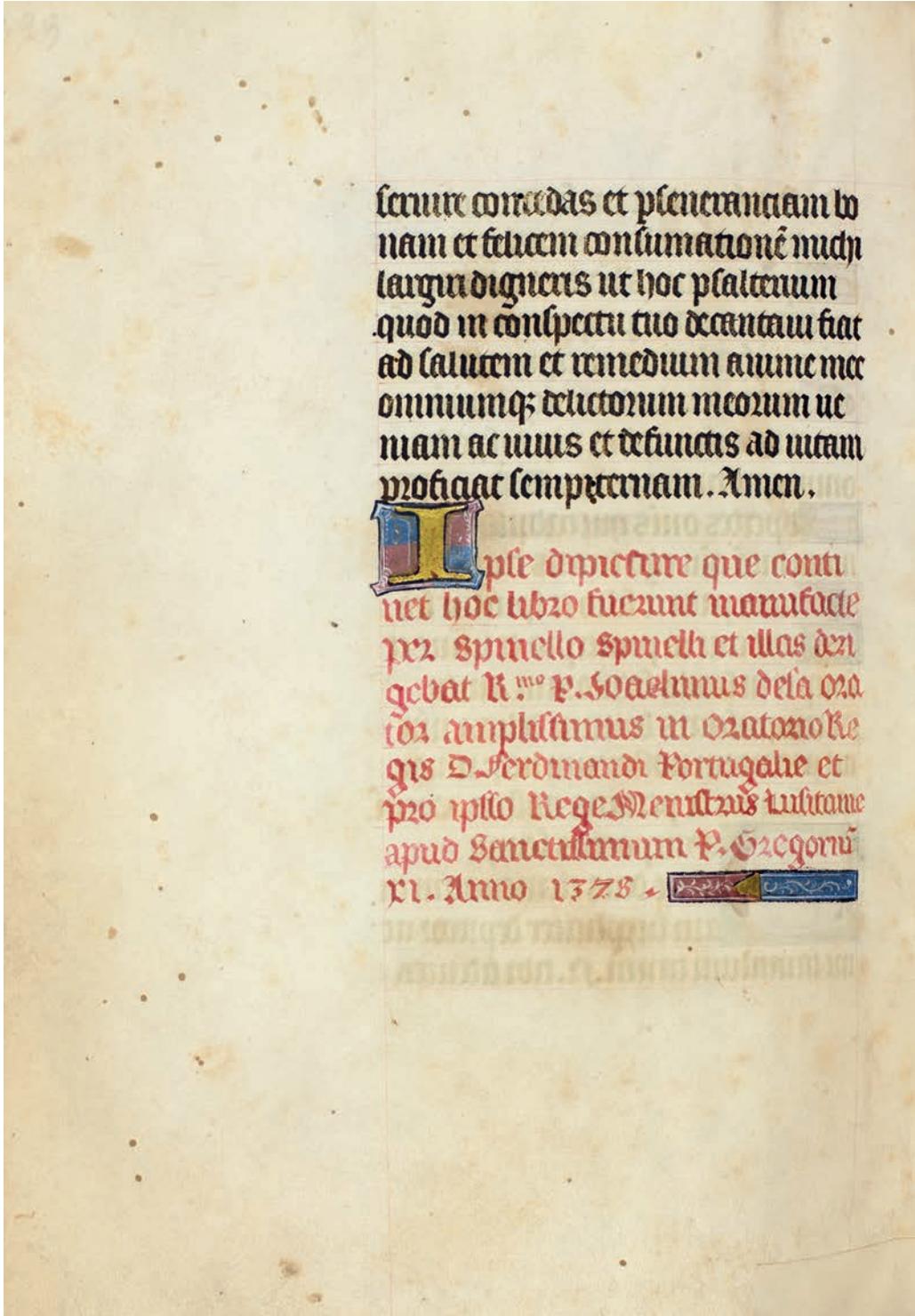


Fig. 34. Ms. 50,1,001, f. 189 – *Animal na lateral* (detalhe)



29
seruire concedas et p[er]seueranciam bo-
nam et felicem consumatione[m] michi
largiri digneris ut hoc psalterium
quod in conspectu tuo decantau[er] fiat
ad salutem et remedium anime mee
omniumq[ue] delictorum meorum ue-
niam ac uiuis et defunctis ad uitam
proficiat semp[er]ternam. Amen.

Ipsa d[omi]n[us] p[ro]p[ri]etate que conti-
net hoc libro fuerunt manufacte
per Spinello Spinelli et illas den-
gebat R[ex] p[ro]p[ri]etate de la ora-
tor amplissimus in oratorio Re-
gis D. Ferdinandi Portugale et
pro ipso Rege Menstris Lusitane
apud Sanctissimum P. Gregoriu[m]
XI. Anno 1778

Fig. 35. Ms. 50,1,001, f. 199v – Colofão

2. Ms. 50,1,010 - Livro de horas, uso de Roma.

Texto

- ff. 1-6v Calendário
Calendário em francês, alternando o vermelho, o azul e o ouro.
Destacam-se os santos: (22 jan.) São Vicente, em ouro; (10 fev.)
Santa Austreberta; (24 fev.) São Matias, em ouro; (30 abr.) São
Eutropio; (11 jun.) São Barnabé, em ouro; (29 set.) São Miguel,
em ouro; (9 out.) São Dionísio, em ouro; (25 nov.) Santa
Catarina, em ouro; (6 dez.) São Nicolau, em ouro; (26 dez.)
Santo Estevão, em ouro.
- ff. 7-10v Passagens dos Quatro Evangelhos
ff. 7-8 Segundo João.
ff. 8-9 “*Secudum lucam...*”
ff. 9-10 “*Secudum matheum...*”
ff. 10-10v Segundo Marcos.
- ff. 11-14v Orações à Virgem
f. 11 “*Obsel/cro tel/ domina san//cta marial// mater dei...*”
ff. 12-12 v “*...Et michi famulo tuo impetres// a dilecto filio tuo virtutum...*”,
adaptado para um homem (LEROQUAIS, 1927, v. 1,
p. XXXIV).
f. 13 “*Oratio de beata maria.// O Intemerata...*”
f. 13v “*...Inclina mater...// ...tue pietatis indignis...// ...esto michi//
miserrimo peccatori...// ...O iohannes// ...*” (WILMART, 1932,
p. 488-490).
- ff. 15-49 Horas da Virgem, uso de Roma (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 1,
p. XXXVIII).
ff. 15-21v Matinas
ff. 21v-29 Laudes “*Ad laudes*”

ff. 29-32	Prima “ <i>Ad primam.</i> ”
ff. 32-35	Terça “ <i>Ad terciam.</i> ”
ff. 35-38	Sexta “ <i>Ad sextam.</i> ”
ff. 38-41	Nona “ <i>Ad nonam</i> ”
ff. 41-46	Vésperas “ <i>Ad vespervas.</i> ”
ff. 46-49	Completas “ <i>Ad completorium</i> ”
ff. 49-51v	Horas da Cruz
f. 49	“ <i>Ad matutinas de cruce.</i> ”
ff. 51v-54	Horas do Espírito Santo
f. 51v	“ <i>Ad matutinas de sancto spiritu</i> ”
ff. 54-62 v	Os Sete Salmos Penitenciais
f. 54	“ <i>Sequuntur septem psalmi// penitenciales.</i> ”
ff. 62v-67	Litanias
f. 62v	“ <i>Letania</i> ”
ff. 67-93	Ofício dos Defuntos, uso de Roma (cf. OTTOSEN, 1993, p. 7-9).
f. 67	“ <i>Sequuntur vigilie mortuorum</i> ”
f. 75	Lec.I “ <i>Parce michi domine...</i> ” (Job 7: 16-21)
f. 75 R	“ <i>Credo quod redemptor...</i> ” (14)
f. 75v Lec.II	“ <i>Tedet animam meam...</i> ” (Job 10: 1-7)
f. 76 R	“ <i>Qui Lazarum resuscitasti...</i> ” (72)
f. 76 Lec.III	“ <i>Manus tue domine fecerunt...</i> ” (Job 10: 8-12)
f. 76 R	“ <i>Domine quando veneris...</i> ” (24)
f. 79 Lec.IV	“ <i>Quantas habeo iniquitates...</i> ” (Job 13: 23-28)
f. 79v R	“ <i>Memento mei deus quia ventus...</i> ” (46)
f. 79v Lec.V	“ <i>Homo natus de muliere...</i> ” (Job 14: 1-6)

f. 80 R	“ <i>Heu michi domine...</i> ” (31)
f. 80 Lec.VI	“ <i>Quis michi hoc...</i> ” (Job 14: 13-16)
f. 80v R	“ <i>Ne recorderis peccata...</i> ” (57)
f. 84 Lec.VII	“ <i>Spiritus meus...</i> ” (Job 17: 1-3+11-15)
f. 84v R	“ <i>Peccantem me...</i> ” (68)
f. 84v Lec.VIII	“ <i>Pelli me...</i> ” (Job 19: 20-27)
f. 85 R	“ <i>Domine secundum actum...</i> ” (28)
f. 85v Lec.IX	“ <i>Quare de vulva...</i> ” (Job 10: 18-22)
f. 85v R	“ <i>Libera me domine de viis...</i> ” (40)
ff. 93-99	Sufrágios
ff. 93-93v	A Trindade “ <i>Sequuntur suffragia plul/rimorum sanctorum et sanctarum. Et primo. De sancta trinitate...</i> ”
f. 93v	A São Miguel “ <i>De sancto michael archan...</i> ”
f. 93v-94	A São João Batista “ <i>De sancto iohanne baptista...</i> ”
f. 94	A São João Evangelista “ <i>De sancto iohanne euangelista...</i> ”
ff. 94-94v	A São Pedro e São Paulo “ <i>De sancto petro et paulo...</i> ”
f. 94v	A São Estevão “ <i>De sancto stephano protho...</i> ”
f. 95	A São Jacobo “ <i>De sancto iacobo...</i> ”
ff. 95-95v	A São Lourenço “ <i>De sancto laurentio...</i> ”
ff. 95v-96	A São Sebastião “ <i>De sancto sebastial/no...</i> ”
f. 96	A São Nicolau “ <i>De sancto nicolao...</i> ”
ff. 96-96v	A Santo Antônio “ <i>De sancto anthonio...</i> ”
ff. 96v-97	A São Roque “ <i>De sancto rol/cho...</i> ”
f. 97	A Santa Maria, rubricada por engano: “ <i>De sancta apolo/lnia...</i> ”
ff. 97-97v	A Santa Maria Madalena “ <i>De sancta maria magdalena...</i> ”
f. 97v	A Santa Catarina “ <i>De sancta katherina...</i> ”
ff. 97v-98	A Santa Margarida “ <i>De sancta margareta...</i> ”
ff. 98-98v	A Santa Bárbara “ <i>De sancta barbara...</i> ”
ff. 98v-99	A Santa Apolônia “ <i>De sancta apolonia...</i> ”
ff. 99v -100v	Adição feita por outra mão. Oração “ <i>Stabat mater dolorosal/ Iuxta crucem lacrimosal/ ...paradisi gloria. Amen/ / ...</i> ” (LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. 130).

f. 101 Oração, com rubricas em francês: “Quant on veult recepuoir le corps// de nostre seigneur. *Domine non sum dignus... ego meo propicius esto michi peccatori...Quant on la receu.// Vera perceptio corporis et sanguinis...et eternem productio. Per dominum.*”

Descrição material

Em pergaminho, raiado em tinta vermelha, 102 ff. 24 linhas no geral. 215 x 135 mm (mancha do texto: 130 x 70 mm). 13 cadernos.

O f. 54v está em branco.

O f. 102 foi colado na capa posterior, sob a folha de guarda. E o f. 101 foi aparado em todas as suas margens e colado em cima do f. 102.

Possui uma foliação a lápis, na margem superior, no canto direito.

Defeito no pergaminho no f. 99.

Restauração antiga costurada do pergaminho nos ff. 50, 70 e 73.

Escritura e decoração

[França, Rouen], final do século XV.

Texto em latim e francês.

Letras góticas em vermelho e marrom.

Estão rubricados os *incipitus*, os hinos, as horas canônicas, versículos, responsórios, lições, etc.

Abrindo cada mês do calendário, as letras K e L (*kalendas*), iniciais *champies*, ouro sobre fundo vermelho.

Treze miniaturas de meia página inseridas em cercaduras em ouro, retangulares e arredondadas na parte superior. Iniciando as Passagens dos Quatro Evangelhos: (f. 7) São João Evangelista em Patmos. Iniciando as Horas da Virgem: (f. 15, matinas) Anunciação; (f. 22, laudes) Visitação; (f. 29v, prima) Natividade; (f. 32v, terça) Anúncio aos Pastores; (f. 35v, sexta) Adoração dos Magos; (f. 38v, nona) Apresentação no Templo; (f. 41v, vésperas) Fuga para o Egito; (f. 46v, completas) Coroação da Virgem. Iniciando as Horas da Cruz: (f. 49v) Crucificação. Iniciando as Horas do Espírito Santo: (f. 52) Pentecostes. Iniciando Os Salmos Penitenciais: (f. 55) Davi Penitente. Iniciando o Ofício dos Defuntos: (f. 67v) Um Ofício Fúnebre.

Quatro miniaturas de menor porte nas Passagens dos Quatro Evangelhos: (f. 8) São Lucas escrevendo, tendo ao lado um touro; (f. 9) São Mateus escrevendo, tendo ao

lado um anjo; (f. 10) São Marcos olhando sua pena, tendo ao lado um leão. Nas Orações à Virgem: (f. 11) A Virgem com o Menino.

Bordaduras com motivos florais, folhagens e frutos coloridos e com predominância do ouro, em torno das miniaturas e nas laterais alternadas dos fólhos. Capitais ornamentadas de médio e pequeno porte em vermelho, azul e ouro. Tarjas e finais de linha em vermelho, azul e ouro.

Histórico

Partes dos cabeçalhos estão rubricadas no final do texto precedente, ou seja, nos fólhos anteriores.

As orações, a partir do f. 99, foram escritas por outra mão. Acompanha o livro uma carta em francês de A. Cuviller destinada a M. Campion; foi escrita em papel timbrado do Hotel Lafayette (Filadélfia), onde o remetente faz uma avaliação do livro, conjecturando sua origem francesa e encadernação de Maioli. Está datada de 25 de abril de [18]99.

Foi registrado sob o número: 35452 c/ 1947 (ff. 1 e 25).

BN Digital.

Encadernação

Encadernação do começo do século XVI, em couro marrom gravado a seco, sobre madeira. Vestígios de garras. Cortes com vinhetas florais pintados em vermelho e azul sobre fundo dourado.

Proveniência

Contém dois ex-libris: o primeiro, com as armas da companhia The Coachmakers Company of London e a divisa “*surgit post nubila phoebus*”, foi recortado e colado na guarda da capa anterior. O segundo é da Biblioteca Particular de Robert Heysham Sayre (South Bethlehem, Pensilvânia, Estados Unidos), com a divisa “*Who Maintains Obtains 1900*” e nota manuscrita “*Presented by Ms. Martha Nevin Sayre Octob 3 1899*”, e está colado em cima do primeiro ex-libris, na capa anterior.

No livro de registro da Biblioteca Nacional consta compra em Paris, no ano de 1947, de Mme. Jacqueline Champeau, por indicação do diretor da Biblioteca Nacional na época, Rubens Borba de Moraes.



Fig. 36. Ms. 50,1,010, f. 14 – O Calendário, mês de agosto

nemet in te: et virtus altissim
 obumbrabit tibi. Ideoq; et quod
 nascetur ex te sanctum; vocabz
 filius dei. Et ecce elizabeth co
 gnata tua et ipa concepit filium
 in senectute sua. Et hic men
 sis est sextus que vocatur steri
 lis: quia non erit impossibile
 apud deum omne verbum. Di
 xit autem maria. Ecce ancilla
 domini: fiat michi secundum
 verbum. Deo gratias.



Secundum mattheu

Quoniam
 Omnia
 tus esset
 iesus in bethle
 em iude in die
 bus herodis
 regis ecce ma
 gi ab oriente
 venerunt hic
 rosolunam

dicentes. Ubi est qui natus e
 rex iudeorum. Vidimus enim



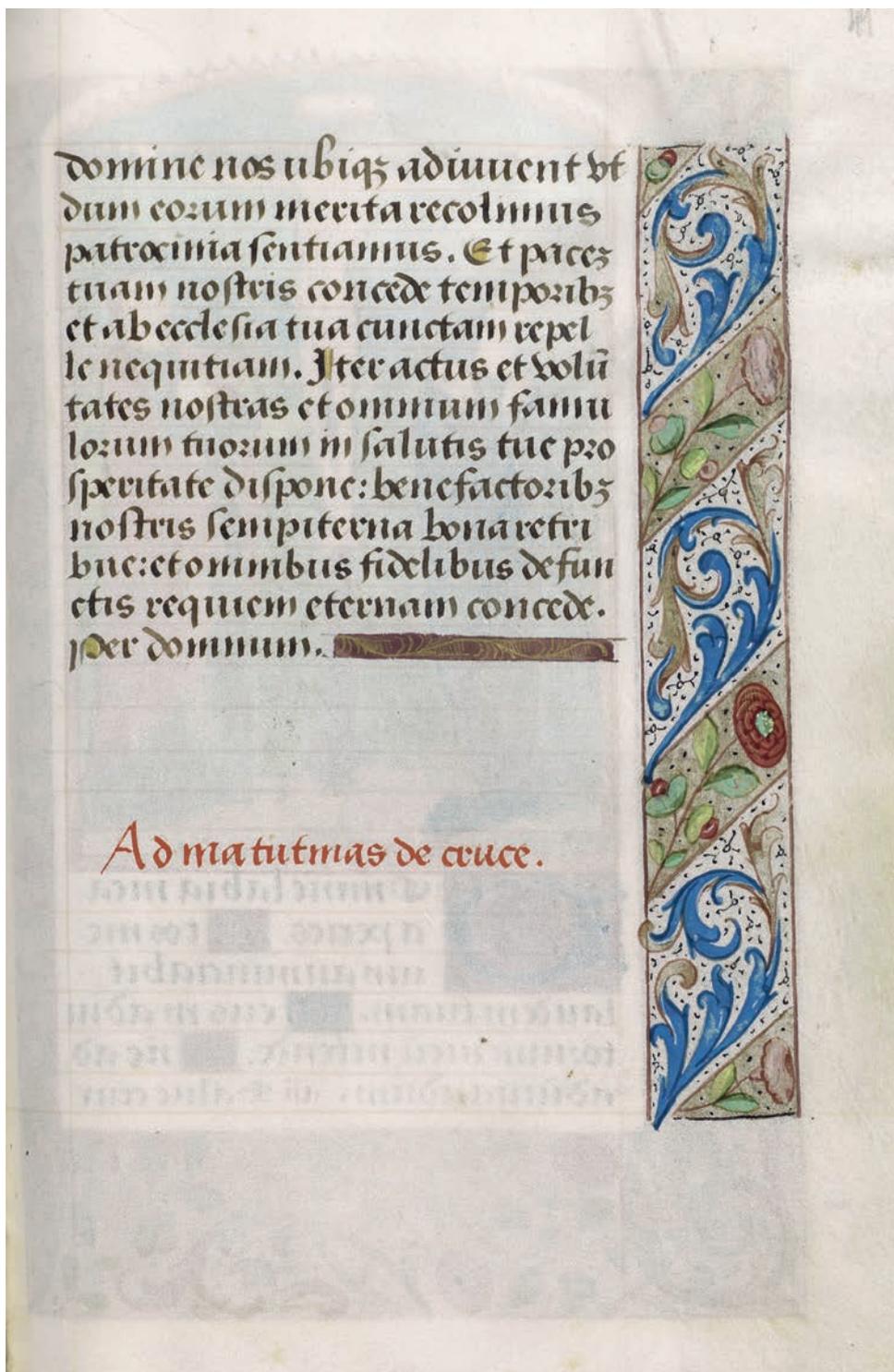
Fig. 37. Ms. 50,1,010, f. 9 – São Mateus



Fig. 38. Ms. 50,1,010, f. 11 – *A Virgem e o Menino*



Fig. 39. Ms. 50,1,010, f. 29v – *A Natividade*



domine nos ubiq; adiuent vt
dam eorum merita recolimus
patrocina sentiamus. Et pices
tuam nostris concede temporibz
et ab ecclesia tua cunctam repel
le nequitiam. Iter actus et volu
tates nostras et omnium famu
lorum tuorum in salutis tue pro
speritate dispone: benefactoribz
nostris sempiterna bona retri
bue: et omnibus fidelibus defun
ctis requiem eternam concede.
per dominum.

Ad matutinas de cruce.

Fig. 40. Ms. 50,1,010, f. 49 – *Horas da Cruz*



Fig. 41. Ms. 50,1,010, f. 63 – *Litanias*



Fig. 42. Ms. 50,1,010, f. 67v – *Um Ofício Fúnebre*

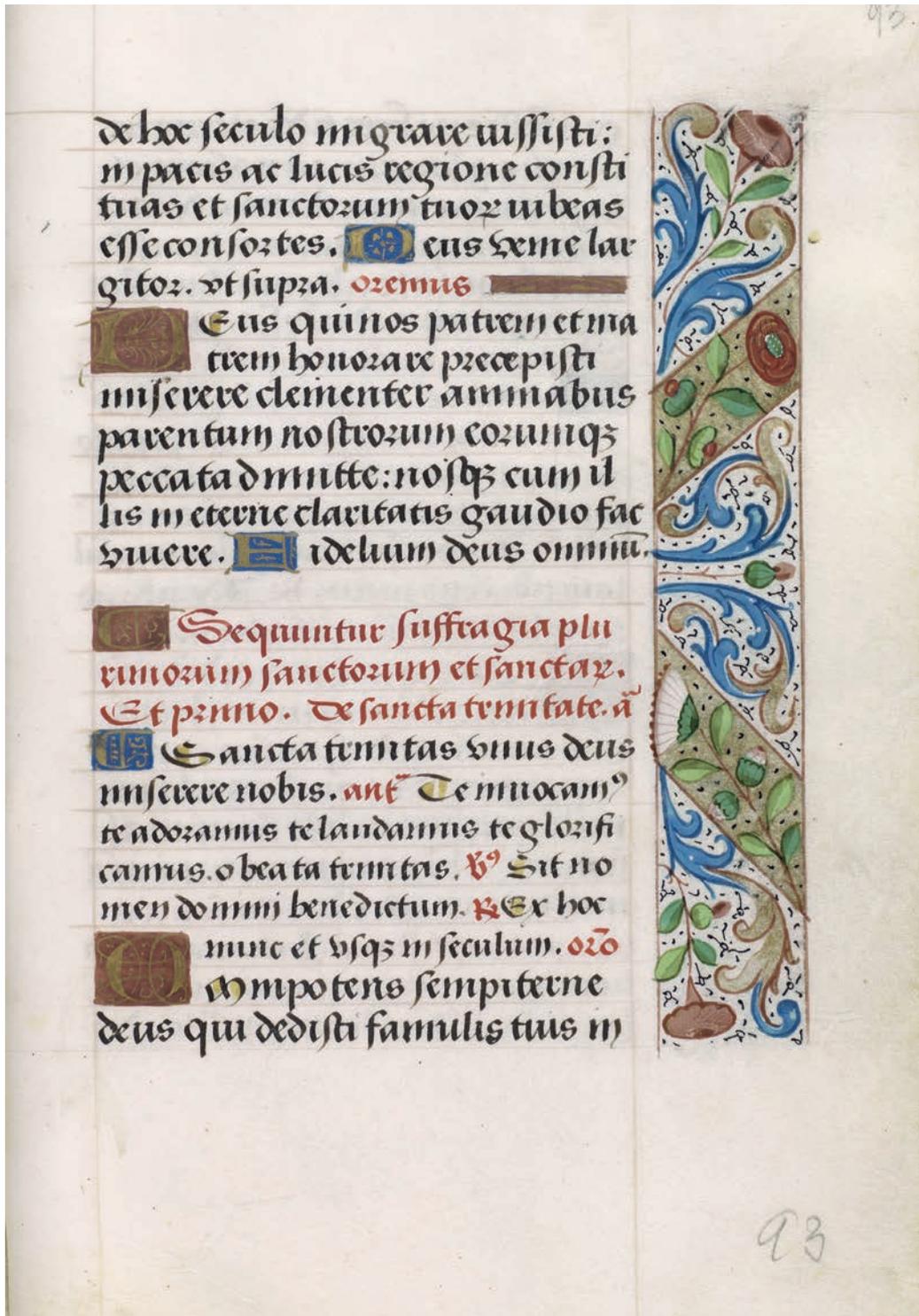


Fig. 43. Ms. 50,1,010, f. 93 – *Sufrágios*

Stabit mater dolorosa
Juxta crucem lacrimosa
Dum pendeat filius.
Cuius animam genentem,
Contristatam et dolentem,
Pertransiit gladius.
Quam tristis et afflicta
fuit illa benedicta
mater vni geniti
Que merebat et dolebat
Et tremebat cum videbat
Nati penas meliti
Quis est homo qui non flectet
Christi matrem si videret
In tanto supplicio
Quis posset non contristari
Quam matrem contemplari
Dolentem cum filio
Pro peccatis sue gentis
Vidit iesum in tormentis
Et fragellis subditum
Vidit suum dulcem natum
horrentem desolatum
Dum emisit spiritum

Fig. 44. Ms. 50,1,010, f. 99v – “Stabat...”

3. Ms. 50,1,016 - Livro de horas, uso de Paris

Texto

- ff. 1-12v Calendário
Calendário em francês, alternando o vermelho, o azul e o ouro. Destacam-se os santos e as festas tipicamente parisienses: (3 jan.) Santa Genoveva, padroeira de Paris, em ouro; (10 jan.) São Guilherme; (28 maio) São Germano; (10 jun.) São Landri; (28 jul.) Santana, em ouro; (25 ago.) São Luis, rei da França; (7 set.) São Cloud; (9 out.) São Dionísio, em ouro; (3 nov.) São Marcelo, em ouro; (6 dez.) São Nicolau, em ouro.
- ff. 13-16 Horas da Cruz
f. 13 “*Hore de cruce ad matinas...*”
- ff. 16-20v Horas do Espírito Santo
f. 16 “*Hic incipiunt hore de sancto spiritu.*”
- ff. 21-25 Passagens dos Quatro Evangelhos
f. 21 “*Initium sancti euangelii secundum iohannem*”
f. 22 “*Secundum matheum.*”
f. 23 “*Secundum marcum.*”
f. 24 “*Secundum// lucam.*”
- ff. 25-31v Orações à Virgem.
f. 25 “*Obsecro te domina sancta maria mater dei...*”
f. 27 “*...in quibus ego sum factura, locutura aut cogitura... Et michi famule tue impetres...*” adaptado para uma mulher (LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 346-347)
f. 28v “*O intemerata... O Johannes...*” (WILMART, 1932, p. 488-490).

- ff. 30-31v “*Oratio de beata maria. Salve regina...*”
- ff. 32-85 Horas da Virgem, uso de Paris (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. XXXVIII).
- ff. 32-52 Matinas
- ff. 52-61v Laudes
- ff. 62-66v Prima
- ff. 67-69v Tercia
- ff. 71-72 [Sexta, incompleta]
- ff. 74-76 [Nona, incompleta: falta o começo]
- ff. 76-81v Vésperas
- ff. 82-86v Completas
- ff. 86v-87v Orações à Virgem
 “*Ce sont les gaudes de nostre dame. Gaude virgo mater christi// Que portare [sic] concepisti..*” (ANALECTA..., 1886-1922, v. 24 (1896), p. 57).
Oratio. Deus qui beatissimam virginem mariam in conceptu... (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 126).
- ff. 88-99v Os Sete Salmos Penitenciais
- ff. 99v-103v Litanias
- f. 99v “*Kyrieleyson// Xpriste eleyson// ...*”
- f. 100 “*Sancte michael... Sancte gabriel...*”
- f. 100v “*Sancte marce...*”
- f. 101v “*Sancta genovefa...*”
- ff. 104-145 Ofício dos Defuntos, uso de Paris (cf. OTTOSEN, 1993, p. 186).

f. 144	“Oratio. <i>Inclina domine aurem tuam...ut anima famule tue...</i> ” (fórmula feminina).
f. 116 Lec.I	“ <i>Parce michi domine...</i> ” (Job 7: 16-21)
f. 116v R	“ <i>Qui Lazarum resucitati...</i> ” (72)
f. 117 Lec.II	“ <i>Tedet animam meam...</i> ” (Job 10: 1-7)
f. 117v R	“ <i>Credo quod redemptor...</i> ” (14)
f. 117v Lec.III	“ <i>Manus tue fecerunt...</i> ” (Job 10: 8-12)
f. 118 R	“ <i>Heu michi...</i> ” (32)
f. 123 Lec.IV	“ <i>...quantas habeo iniquitates...</i> ” (Job 13: 23-28)
f. 123v R	“ <i>Ne recorderis peccata...</i> ” (57)
f. 123v Lec.V	“ <i>Homo natus de muliere...</i> ” (Job 14: 1-6)
f. 124 R	“ <i>Domine quando veneris...</i> ” (24)
f. 124 Lec.VI	“ <i>Quis michi hoc...</i> ” (Job 13-16)
f. 124v R	“ <i>Peccantem me...</i> ” (68)
f. 129 Lec.VII	“ <i>Spiritus meus...</i> ” (Job 17: 1-3+11-15)
f. 130v R	“ <i>Domine secundem actum...</i> ” (28)
f. 130v Lec.VIII	“ <i>Pelli mee...</i> ” (Job 19: 20-27)
f. 131v R	“ <i>Memento mei deus quia ventus...</i> ” (46)
f. 131v Lec.IX	“ <i>Quare de vulva...</i> ” (Job 10: 18-22)
f. 132 R	“ <i>Libera me domine de morte...</i> ” (38)
ff. 145-153v	Sufrágios, em latim com rubricas em francês.
ff. 145-145v	A Santíssima Trindade “ <i>Ant. de trinitate.</i> ”
f. 145v	A São Miguel “ <i>Mem. de saint michel.</i> ”
f. 146	A São João Batista “ <i>Ant. de saint iehan baptiste...</i> ”
ff. 146-146v	A São Pedro e São Paulo “ <i>Memoire de s. pierre et saint pol</i> ”
ff. 146v-147	A São João Evangelista “ <i>Memoire de saint [Jean] evangeliste.</i> ”
ff. 147 -148	A São Dionísio “ <i>Memoire de saint denys.</i> ”
ff. 148-148v	A São Cláudio “ <i>Memoire de saint claude.</i> ”
ff. 148v-149	A São Eutropio “ <i>Memoire de saint itrope.</i> ”
ff. 149-149v	A Santo Antônio “ <i>Memoire de saint anthoine.</i> ”
ff. 149v-150	A São Nicolau “ <i>Memoire de saint nicholas.</i> ”
ff. 150-150v	A Santa Maria Madalena “ <i>Memoire de la magdalene.</i> ”
ff. 150v-151	A Santa Catarina “ <i>Memoire de sainte katerine.</i> ”

- f. 151 A Santa Margarida “*Memoire de sainte margarite.*”
- f. 151v A Santa Genoveva “*Memoire de sainte genouieve.*”
- ff. 151v-152 A Santa Bárbara “*Memoire de sainte barba.*”
- ff. 152-152v. A Santa Apolônia “*Memoire de sainte appolline.*”
- ff. 152v-153 A Todos os Santos “*Antienne de tous sains.*”
- ff. 153-153v A Nosso Senhor “A la leuçoñ. nostre Seigneur. *Ave verum corpus et sanguis domini nostri... natum de virgine...-...miserere mei.*”
- ff. 154-160 Adição contemporânea, com rubricas escritas em flamengo: “*Prosa fratris IOHANNIS LEMO//VICENSIS monachi clarevallen//sis. Salutatio deuota ad ymal//ginem salvatoris nostri.*” (cf. WILMART, 1932, p. 584, nota da p. 527). A oração está dividida em 10 partes, onde as duas últimas são precedidas de uma rubrica em flamengo. “*Omnibus consideratis paradisis voluptatis... Ad sanctam crucem... Ad spinem coronam... Ad vulnus dextre manus... Ad vulnus sinistre manus... Ad vulnus lateris... Ad vulnus dextri pedis... Ad vulnus sinistri pedis... Een ghebet toter reender maghet marie. O regina nata nati... Een ghebet tot sint ian evngeliste. Iohannes evngelista...*”
- ff. 156v-157 Kyrie, versos versets. “*Collecta: Omnipotens eterne deus qui unigenitum tuum filium...*”
- ff. 157-159 As Sete Palavras de Cristo na Cruz. “Dit zyn de seuen woerden die god sprac hanghende an thout des crucen. *Domine Jhesu Christe qui septem verba... regno meo epulari jocundari...*” (LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 342).
- ff. 159-160 “Een ghebet vander drieuuldicheit. *Sancta et summa et gloriosa trinitas et inseparabilis deitas quam sancti angeli...-...in refrigerio lucis et quietis. Amen.*” (fórmula masculina).
- f. 160 Adição em letra cursiva. “*Confiteor deo Beate marie et omnibus sanctis quia peccavi nimis cogitacione, locutione et opere. mea culpa. Ideo precor te. Ora pro me. Misereatur tui omnipotens deus. et dimittat tibi omnia peccata tua. liberet te ab omni malo. conseruet et confirmet in omni opere bono. et perducat ad vitam eternam. Amen.*”

Descrição material

Em pergaminho, raiado em tinta vermelha, 160 ff. 17 linhas no geral. 180 x 130 mm (mancha do texto: 100 x 60 mm). 27 cadernos.

Os ff. 31v e 160v estão em branco.

Faltam os ff. 70 e 73.

Contém duas foliações a lápis, a primeira: 1-160 (contando com os fólhos faltosos), na margem inferior, canto esquerdo, escolhida para descrição. E a segunda: 1-158 (sem contar com os fólhos faltosos) na margem inferior, canto direito.

Vestígios de paginação na margem superior.

Uma grande mancha nos ff. 146-149.

Escritura e decoração

[França, Paris], 1460-1470.

Texto em latim e francês. Letras góticas em vermelho e marrom.

Estão rubricados os *incipitus*, os hinos, as horas canônicas, versículos, responsórios, lições, etc.

O Calendário (ff. 1-12v) apresenta bordaduras laterais, alternando a margem direita (*recto*) e esquerda (*verso*), com motivos florais, folhagens e frutos. Abrindo cada mês, as letras K e L (*kalendas*), iniciais *champies*, ouro sobre fundo bicolor, azul e vermelho.

Dez miniaturas de meia página inseridas em cercaduras em ouro, retangulares e arredondadas na parte superior. Iniciando as Horas da Cruz: (f. 13) Crucificação; Horas do Espírito Santo: (f. 16v) Pentecostes; Horas da Virgem: (f. 32, matinas) Anunciação - com três medalhões representando passagens da vida da Virgem, o seu nascimento, a apresentação no templo e o casamento com São José -, (f. 52, laudes) Visitação, (f. 62, prima) Natividade, (f. 67, terça) Anúncio aos Pastores, (f. 76v, vésperas) Fuga para o Egito, (f. 82, completas) Coroação da Virgem; iniciando Os Sete Salmos Penitenciais: (f. 88) O rei Davi; iniciando o Ofício dos Defuntos: (f. 104) um Funeral.

Miniaturas de menor porte no meio das bordaduras laterais ilustrando as Orações à Virgem: Pietá “*Obsecro te...*” (f. 25) e A Virgem com o Menino e um Anjo com a Harpa “*O intemerata...*” (f. 28v).

Doze capitais ornamentadas de grande porte, decoradas com motivos florais sobre fundo em ouro, acompanham as miniaturas de meia página e as de menor porte nas bordaduras laterais. São capitais ornamentadas de médio e pequeno porte em vermelho, azul e ouro.

Bordaduras com motivos florais, folhagens e frutos, coloridos e com predominância do ouro, estão em torno das miniaturas de meia página e miniaturas de menor porte nas laterais. Todo o livro, originalmente até o f. 153, apresenta bordaduras laterais alternadas nas margens direita (*recto*) e esquerda (*verso*).

Tarjas e finais de linha em vermelho, azul e ouro.

Histórico

Indícios de mãos posteriores, rasuras e correções no texto a partir do f. 29.

Vestígios de raspagem de notas manuscritas na margem inferior do f. 1

Anotações nas margens dos ff. 25v, 42v, 155, 156 e 157.

Carimbo da Real Biblioteca – Casa do Infantado nos ff. 2v e 151v.

No f. 1 está escrita a antiga localização: 47-3-58.

Foi registrado sob o número 1.212.392/16.05.2008 AA.

BN Digital.

Encadernação

Encadernação em pergaminho moderno feita, provavelmente, no século XX.

Cortes em dourado.

Nota da antiga encadernação: “Encadernação moderna; na lombada, sobre grenat: Breviario Msc. Do XIV ou XV século.” (cf. BERGE, [1973?], cap. 6, n. 2).

Proveniência

Real Biblioteca – Casa do Infantado.



Fig. 45. Ms. 50,1,016, f. 2v – Carimbo da Real Biblioteca – Casa do Infante



Fig. 46. Ms. 50,1,016, f. 67 – *O Anúncio aos Pastores*



Fig. 47. Ms. 50,1,016, f. 82 – *A Coroação da Virgem*

4. Ms. 50,1,019 - Livro de horas, uso de Rouen.

Texto

- ff. 1-12v Calendário
Calendário em francês, alternando o vermelho e o marrom.
Destacam-se os santos: (1 fev.) São Severo; (10 fev.) Santa Austreberta; (8 jun.) São Godardo; (12 jun.) São Ursino; (11 out.) São Nicásio; (22 out.) São Mellon; (23 out.) São Romão.
- ff. 13-18v Passagens dos Quatro Evangelhos
f. 13 “...*Secundum Lucam.*”
f. 14v “...*Secundum matheum.*”
f. 16 “...*Secundum marcum.*”
f. 17 “...*Secundum iohannem.*”
- ff. 18v-26v Orações à Virgem
f. 18v “*Oratio de beata maria.... Obsecro te...*”
f. 21 “...*Et michi famulo tuo impetris a dilecto filio tuo...*”, adaptado para um homem, (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 347).
f. 22v “*Oratio de beata maria. O intemerata...*”
f. 24 “...*Et esto michi miserrimo peccatori pia et propicia in omnibus auxiliatrix...*”
f. 26v “...*Ita ut parcat michi in ista et in alia vita concedens michi misericorditer cum electis vitam et requiem sempiternam. Amen.*” (cf. WILMART, 1932, p. 495).
- ff. 27-85v Horas da Virgem, uso de Rouen (cf. CHD..., acesso em: jan. 2016). Entre a Laudes e a Prima estão inseridos os Sufrágios.
- ff. 27-38v Matinas
ff. 39-50v Laudes
f. 50v “*Oratio. Concede nos famulos tuos...deus perpetua mentis et corporis salute gaudere et gloriosa beate maria...*”

ff. 51-56	Sufrágios, em latim com rubricas em francês
f. 51	Ao Santo Espírito “ <i>Memoire du saint esperit. Ant.</i> ”
ff. 51-51v	A Trindade “ <i>Memoire de le [sic] trinité. Ant.</i> ”
ff. 51v-52	A São João Batista “ <i>Memoire de saint iehan baptiste.</i> ”
ff. 52-52v	A São João Evangelista “ <i>Memoire de saint iehan evangeliste.</i> ”
ff. 52v-53	A São Pedro e São Paulo “ <i>Memoire de saint pierre et s. pol.</i> ”
ff. 53-53v	A São Nicolau “ <i>Memoire de saint nicholas. antiene.</i> ”
ff. 53v-54	A São Martinho “ <i>Memoire de saint martin. Ant.</i> ”
ff. 54-54v	A Santa Maria Madalena “ <i>Memoire de la magdalene. Antiene.</i> ”
ff. 55-55v	A Santa Catarina “ <i>Memoire de sainte katherine.</i> ”
ff. 55v-56	A Santa Margarida “ <i>Memoire de sainte marguerite.</i> ”
f. 56	A Todos os Santos “ <i>Memoire de tousains. ant.</i> ”
ff. 57-63	Prima
ff. 63v-67v	Tercia
ff. 68-70v	Sexta
ff. 71-74	Nona
ff. 74v-80v	Vésperas
ff. 81-85v	Completas
ff. 86-89	Horas da Cruz
ff. 89v-92	Horas do Espírito Santo
ff. 93-106v	Os Sete Salmos Penitenciais
ff. 106v-112v	Litanias
f. 107v	“ <i>Sc. bartholomee..., Sc. marcialis...</i> ”
f. 108	“ <i>Sc. laurenti..., Sc. eutropii..., Sc. nigasi...</i> ”

f. 108v	“ <i>Sce. audoene..., Sce. Germane..., Sce. ausberte...</i> ”
f. 109	“ <i>Sca. austreberta...</i> ”
ff. 112-112v	Adição feita por outra mão. Oração: “ <i>Aue verum corpus natum de maria virgine... Aue passu immolatu in cruce... Esto nobis... fili virginus marie.</i> ” (LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. 71 e 139).
ff. 113-158v	Ofício dos Defuntos, uso de Rouen (cf. OTTOSEN, 1993, p. 116).
f. 120	“ <i>Inclina domine... Oratio... pro tua pietate miserere anime famule tue et a contagus mortalitatis exutam...</i> ” (fórmula feminina).
f. 158v	“ <i>Oratio. Animabus quesumus domine famulorum famulariumque tuarum... participes. Qui vivis.</i> ”
f. 126 Lec.I	“ <i>Parce michi domine...</i> ” (Job 7: 16-21)
f. 126v R	“ <i>Credo quod redemptor...</i> ” (14)
f. 126v Lec.II	“ <i>Tedet animam meam...</i> ” (Job 10: 1-7)
f. 127v R	“ <i>Qui Lazarum resuscitasti...</i> ” (72)
f. 127v Lec.III	“ <i>Manus tue fecerunt...</i> ” (Job 10: 8-12)
f. 128 R	“ <i>Domine quando veneris...</i> ” (24)
f. 134 Lec.IV	“ <i>Quantas habeo iniquitatis...</i> ” (Job 13: 23-28)
f. 134v R	“ <i>Heu michi...</i> ” (32)
f. 135 Lec.V	“ <i>Homo natus de muliere...</i> ” (Job 14: 1-6)
f. 135v R	“ <i>Ne recorderis peccata...</i> ” (57)
f. 135v Lec.VI	“ <i>Quis michi hoc...</i> ” (Job 14: 13-16)
f. 136 R	“ <i>Domine secundem actum...</i> ” (28)
f. 143 Lec.VII	“ <i>Spiritus meus...</i> ” (Job 17: 1-3+11-15)
f. 144 R	“ <i>Peccatem me...</i> ” (68)
f. 144 Lec.VIII	“ <i>Pelli mee...</i> ” (Job 19: 20-27)
f. 145 R	“ <i>Requiem eternam...</i> ” (82)
f. 145 Lec.IX	“ <i>Quare de vulva...</i> ” (Job 10: 18-22)
f. 145v R	“ <i>Libera me domine de morte...</i> ” (38)

Descrição material

Em pergaminho, raiado em tinta vermelha, 158 ff. 14 linhas no geral. 185 x 135 mm (mancha do texto: 100 x 65 mm). 21 cadernos.

Vestígios de reclamos nos ff. 34v, 42v, 108v, 116v, 140v e 148v.

Os ff. 56v e 92v estão em branco.

Restauração antiga costurada do pergaminho nos ff. 33 e 158.

O pergaminho tem perfurações feitas por brocas nos ff. 1, 10, 108-109, 125 e 150-158.

Foliação a lápis, na margem inferior, escolhida para a descrição. E paginação a lápis na margem superior: ff. 1-158 (316 p.)

Escritura e decoração

[Norte da França, Artois ou Picardie], por volta de 1430.

Texto em latim e francês. Letras góticas em vermelho e marrom.

Estão rubricados os *incipitus*, os hinos, as horas canônicas, versículos, responsórios, lições, etc.

Mudanças no tamanho das letras a partir do f. 34.

Abrindo cada mês do calendário, as letras K e L (*kalendas*), iniciais *champies*, ouro sobre fundo bicolor, vermelho e azul.

Doze miniaturas de meia página inseridas em cercaduras em ouro, retangulares e arredondadas na parte superior. As barras decoradas em arabescos que cercam as miniaturas integram-se com as iniciais do texto. Iniciando as Horas da Virgem: (f. 27, matinas) Anunciação; (f. 39, laudes) Visitação; (f. 57, prima) Natividade; (f. 63v, terciária) Anúncio aos Pastores; (f. 68, sexta) Adoração dos Magos; (f. 71, nona) Apresentação no Templo; (f. 74v, vésperas) Fuga para o Egito; (f. 81, completas) Coroação da Virgem. Iniciando as Horas da Cruz: (f. 86) Crucificação. Iniciando as Horas do Espírito Santo: (f. 89v) Pentecostes. Iniciando os Salmos Penitenciais: (f. 93) Davi Penitente. Iniciando o Ofício dos Defuntos: (f. 113) Um Ofício Fúnebre.

Capitais ornamentadas de médio e pequeno porte em vermelho, azul e ouro. Bordaduras com motivos florais, folhagens e frutos, coloridas e com predominância do ouro, estão em torno das miniaturas. Tarjas e finais de linha em vermelho, azul e ouro.

Histórico

A palavra “*fin*” está escrita em francês no f. 158v, século XV/XVI.

Ex-libris gravado da Biblioteca Nacional colado na capa, desenhado por Eliseu Visconti, Rio de Janeiro, 1903, com a localização: I-15-1-n°89.

Carimbo da Real Biblioteca – Casa do Infantado nos ff. 1v e 112v.

No f. 1 está escrita a antiga localização: 47-3-62.

Foi registrado sob o número 1.212.393/16.05.2008 AA.

BN Digital.

Encadernação

Apresenta duas encadernações: uma moderna, em papelão na cor azul, feita provavelmente no século XIX, no Rio de Janeiro, pelo encadernador Manuel José Cardos, cuja etiqueta: “Loja de papel encadernador de Livros da Biblioteca Publica e Biblioteca S. M. Imperial”. Possui folhas de guarda em papel artesanal italiano, na folha posterior à marca d’água: um brasão com um castelo e o nome de GIOR MAGNANI. E a segunda encadernação foi feita em pergaminho contemporâneo, na Biblioteca Nacional, na década de 1980.

Proveniência

Real Biblioteca – Casa do Infantado.

50.1.19

117-3-62

Januer		
m	a	Jeour de lan.
x	b	Or. s. estienne.
	c	Or. s. iehan.
xix	d	Or. des innocens.
viii	e	
	f	Id. I a typlame.
vii	g	Id.
vi	a	Id.
	b	Id.
xv	c	Id. Saint guille.
ii	d	Id.
	e	Id.
x	f	Id. Saint hylaire.
	g	Id. Saint felix.
xviii	a	kl. Saint mor.

Fig. 48. Ms. 50,1,019, f. 1 – O Calendário, mês de janeiro

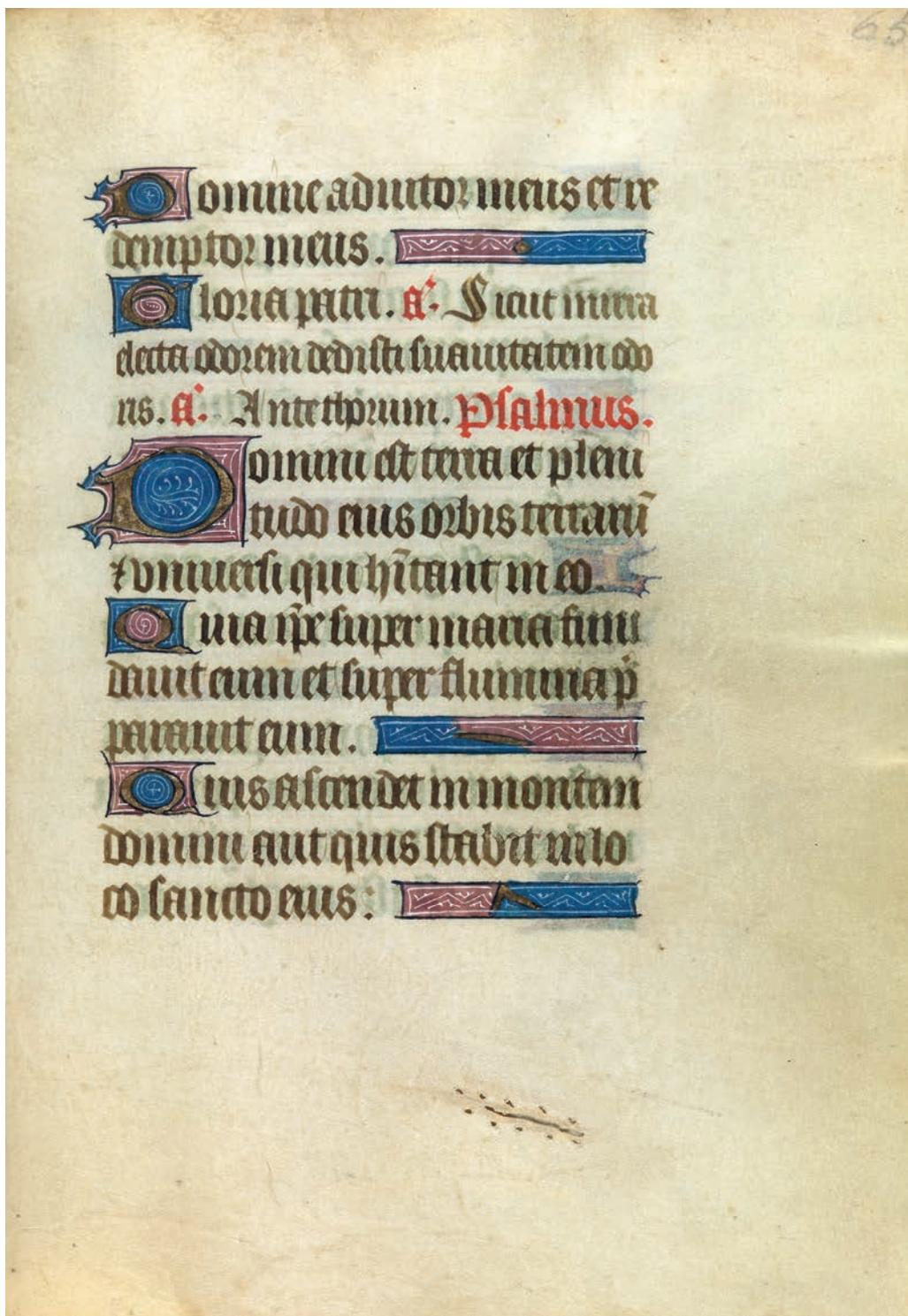


Fig. 49. Ms. 50,1,019, f. 33 – Costura no pergaminho

uationem me cogitabat malam
Uerbum iniquum consti-
 tuerunt ad uationem me: nun-
 quid qui dormit non edicet
 ut resurgat. 
Et enim homo pacis mee
 in quo speravi qui edebat pa-
 res meos magnificauit super
 me supplantacionem. 
Tu autem domine mise-
 re mei et uulsera mea et ut-
 tuam eis. 
In hoc cognoui quoniam
 uoluisti me quoniam non

gaudebit

Fig. 50. Ms. 50,1,019, f. 140v – *Reclamo*

5. Ms. 50,1,020 - Livro de horas, uso de Roma

Texto

ff. 1-55v	Horas da Virgem, uso de Roma
ff. 1-13	[Matinas]
f. 5	“ <i>Et sic dicatur gloria patri...</i> ”
f. 11	“ <i>Non dicitur secundum usum curie romane. ps.</i> ”
ff. 14-27	[Laudes]
f. 27	“ <i>Ad primam.</i> ”
ff. 28 -32v	Prima
f. 32v	“ <i>Ad nonam.</i> ”
ff. 33-36v	[Terça]
f.36v	“ <i>Ad sextam.</i> ”
ff. 37-40	Sexta (ver o Ofício da Sexta nos ff. 37-40, por engano fora da sequência).
f.40	“ <i>Ad nonam.</i> ”
ff. 41-44v	Nona
f.44v	“ <i>Ad vesperas</i> ”
ff. 45-51	Vésperas
f.51	“ <i>Ad completorium.</i> ”
ff. 52-55v	Completas
ff. 56-59v	Horas da Cruz
f. 56	“ <i>Domine labial/ mea aperies...</i> ”
f.59v	“ <i>...De sancto spiritu.</i> ”
ff. 60-63	Horas do Espírito Santo

Descrição material

Em pergaminho, raiado em tinta vermelha, 14 linhas no geral. 64 ff. 185 x 135 mm (mancha do texto: 110 x 70 mm). 9 cadernos.

No começo, 4 ff. (37-40 Ofício da Sexta) erroneamente encadernados.

Os ff. 13v, 27v, 40v, 51v, 63v e 64 estão em branco. E parte do f. 13 está em branco.

Vestígio de reclamo no f. 8v (“*orator*”).

O f. 5 está rasgado.

Falta o f. 52, provavelmente a miniatura da Coroação da Virgem.

Possui duas foliações a lápis, uma na margem superior, no canto esquerdo e a outra na margem inferior, no canto direito.

Escritura e decoração

[França, Provence], por volta de 1460.

Texto em latim.

Letras góticas em vermelho e marrom.

Estão rubricados os *incipitus*, os hinos, as horas canônicas, versículos, responsórios, lições, etc.

Nove miniaturas de meia página inseridas em cercaduras duplas em ouro, retangulares e arredondadas na parte superior. A primeira miniatura de meia página foi inserida erroneamente pelo encadernador no começo do livro. Trata-se da miniatura da Adoração dos Reis Magos: (f. 37, sexta). Iniciando as Horas da Virgem: (f.1, matinas) Anunciação; (f. 14, laudes) Visitação; (f. 28, prima) Natividade; (f. 33, terça) Anúncio aos Pastores; (f. 37, sexta) Adoração dos Reis Magos; (f. 41, nona) Apresentação no Templo; (f. 45, vésperas) Fuga para o Egito. Iniciando as Horas da Cruz: (f. 56) Crucificação. Iniciando as Horas do Espírito Santo: (f. 60) Pentecostes.

Bordaduras com motivos florais, folhagens e frutos coloridos e com predominância do ouro, apenas nas laterais das miniaturas. Capitais ornamentadas abrindo o texto das miniaturas. E iniciais *champies*, de médio e pequeno porte, ouro sobre fundo vermelho e azul. Tarjas e finais de linha em vermelho, azul e ouro.

Histórico

Não possui Calendário, nem as orações *Obsecro te* e *O intemerata* e nem o Ofício dos Defuntos.

Os ff. 37-40 foram encadernados antes do f. 1.

No f. 32v o copista escreveu erroneamente “*Ad nonam*” onde deveria ter escrito a Terça. Depois escreve corretamente no f. 40 “*Ad nonan.*”

Carimbo moderno da Biblioteca Nacional acompanhando o número de registro patrimonial no f. 63v: 1.212.394/16.05.2008 AA.

BN Digital.

Encadernação

Encadernação em pergaminho contemporâneo, feita na Biblioteca Nacional, na década de 1980.

Nota da antiga encadernação: “...na folha de guarda, escrita a lápis, a cota antiga Cod. 66-14 e a nota: compra a Isodoro de Castro; na capa interior o ex-libris da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e a cota I-15-1-n°90; capa moderna danificada pela broca.” (cf. BERGE, [1973?], cap. 6, n. 7).

Erroneamente encadernado.

Proveniência

Compra feita a Isidoro de Castro [séc. XIX?]



Fig. 51. Ms. 50,1,020, f. 37 – *A Adoração dos Reis Magos*

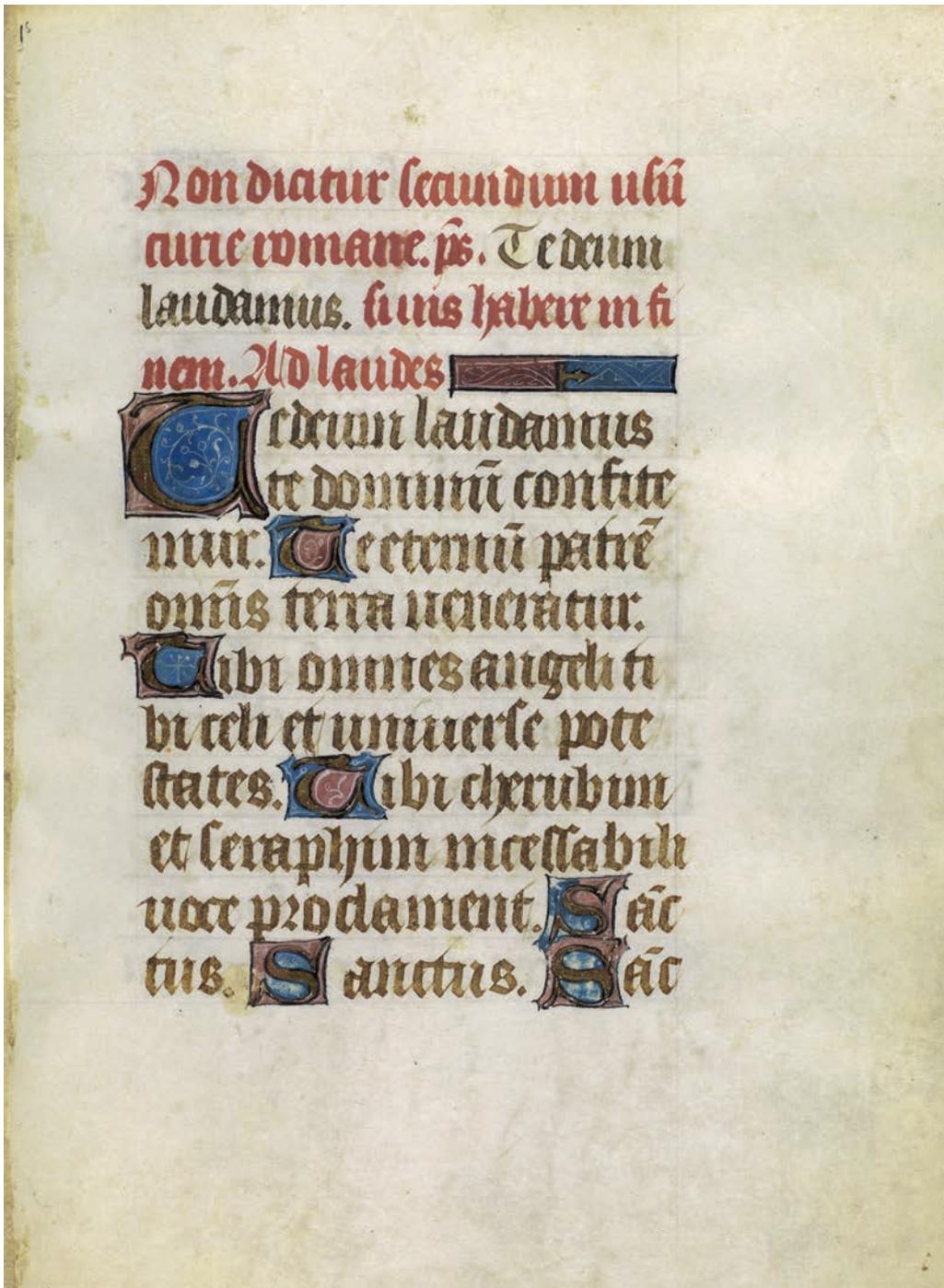


Fig. 52. Ms. 50,1,020, f. 11 – “Non dicitur...”



Fig. 53. Ms. 50,1,020, f. 14 – *A Visitação*



Fig. 54. Ms. 50,1,020, f. 45 – *A Fuga para o Egito*

6. Ms. 50,1,022 - Livro de horas, uso de Rouen

Texto

- ff. 1-12v Calendário
Calendário em francês, alternando o vermelho, azul e o ouro.
Destacam-se os santos: (30 jan.) Santa Ana; (1 fev.) São Severo;
(10 fev.) Santa Austreberta; (9 abr.) São Hugo; (8 jun.) São
Godardo; (12 jun.) São Ursino; (3 ago.) Santo Estevão, em
ouro; (11 out.) São Nicásio; (22 out.) São Mellon; (23 out.) São
Romão, em ouro; (15 nov.) São Macuto; (29 dez.) São Tomás,
em ouro.
- ff. 13-18 Passagens dos Quatro Evangelhos
f. 13 “...*Secundum iohannem.*”
f. 15 “...*Secundum lucam.*”
f. 16 “...*Secundum matheum.*”
f. 17v “...*Secundum marcum.*”
- ff. 18v-26 Orações à Virgem
ff. 18v-20v “*Obsecro te domina sancta maria...// ...Et michi famulo// tuo
impetres a dilecto filio tuo complementum...*”, adaptado para um
homem (LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. XXXIV).
ff. 22-26 “...*Alia oratio.// O intemerata et in// eternum benedi//cta
singularis...// ...Et esto michi miserrimo// peccatori pia et propicia
in// omnibus auxiliatrix...// ...Ita ut parcat michi// in alia vita.
Concedens// michi misericorditer cum// sanctis et electis tuis [sic]
vitam// et requiem sempiternam// amen.*” (cf. WILMART, 1932,
p. 495).
- ff. 27-69v Horas da Virgem, uso de Rouen (cf. CHD..., acesso em: jan.
2016). Entre a Laudes e a Prima foram inseridos os Sufrágios.

ff. 27-37	[Matinas]
ff. 37-46v	Laudes “ <i>A laudes.</i> ”
ff. 46v-50v	Sufrágios, em latim com rubricas em francês
ff. 46v-47	Ao Santo Espírito “ <i>Du saint esprit...</i> ”
ff. 47- 47v	A Trindade “ <i>De la trinite...</i> ”
ff. 47v-48	A São Miguel “ <i>De saint michel...</i> ”
f. 48	A São João Batista “ <i>De saint iohan baptiste...</i> ”
ff. 48-48v	A São Nicolau “ <i>De saint nicolas...</i> ”
ff. 48v-49	A Santa Catarina “ <i>De sainte katherine...</i> ”
ff. 49-49v	A Santa Margarida “ <i>De sainte margarite...</i> ”
ff. 49v-50	A Todos os Santos “ <i>De toussains...</i> ”
ff. 50-50v	A Paz “ <i>De la paix...</i> ”
ff. 50v-55v	Prima “ <i>A prime.</i> ”
ff. 55v-58	Terça “ <i>A tierce.</i> ”
ff. 58-60v	Sexta “ <i>A midi.</i> ”
ff. 60v-63	Nona “ <i>A none.</i> ”
ff. 63-65v	Vésperas “ <i>A vespres.</i> ”
ff. 65-69v	Completas “ <i>A complie</i> ”
ff. 71-73v	Horas da Cruz
f. 71	“ <i>Domine labia meal/ aperies Et os meum...</i> ”
ff. 74-76v	Horas do Espírito Santo
f.74	“ <i>Domine labia meal/ aperies// Et os meum...</i> ”
ff. 77-88v	Os Sete Salmos Penitenciais
f. 77	“ <i>Domine ne in furore// tuo arguas...</i> ”

ff. 88v-93v	Litanias
f. 88v	“Kyrieleyson// Xpriste eleyson// ...”
f. 90	“Sancte ursine...”
f. 91	“Sancte audoene..., Sancte mellone..., Sancte romane...”
f. 91v	“Sancte honorine...”
ff. 95-123	Ofício dos Defuntos, uso de Rouen (cf. OTTOSEN, 1993, p. 116); uso de Avranches (cf. BERGE, [1973?], cap. 6, n. 3).
f. 101v Lec.I	“Parce michi domine...” (Job 7: 16-21)
f. 102 R	“Credo quod redemptor...” (14)
f. 102 Lec.II	“Tedet animam meam...” (Job 10: 1-7)
f. 102v R	“Qui Lazarum resuscitasti...” (72)
f. 103 Lec.III	“Manus tue fecerunt...” (Job 10: 8-12)
f. 103v R	“Domine quando veneris...” (24)
f. 108v Lec.IV	“Quantas habeo iniquitates...” (Job 13: 23-28)
f. 109 R	“Heu michi...” (32)
f. 109v Lec.V	“Homo natus de muliere...” (Job 14: 1-6)
f. 110 R	“Ne recorderis peccata...” (57)
f. 110 Lec.VI	“Quis michi hoc...” (Job 14: 13-16)
f. 110v R	“Libera me domine de viis...” (40)
f. 116v Lec.VII	“Spiritus meus...” (Job 17: 1-3+11-15)
f. 117 R	“Peccantem me...” (68)
f. 117 Lec.VIII	“Pelli mee...” (Job 19: 20-27)
f. 118 R	“Requiem eternam...” (82)
f. 118 Lec.IX	“Quare de vulva...” (Job 10: 18-22)
f. 118v R	“Libera me domine de morte eternam...” (38)
ff. 123v-132v	Orações em francês
ff. 123v-129v	“les. xv. ioies nostre dame.”
f. 124	“Dulce dame de mil/sericorde mere del/ pitie fontaine del/ tous biens...” (LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 310).
f. 129v	“...et/ pour les trespases que il aient/ merci et...amen./ Aue Maria.” (LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 311).

- f. 129v “*Doulz dieu doulz pere sainte trinite// ung dieu biau sire dieu...*” (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 309).
- f. 132 “*...Sire si comme ce fut voir regardes nous en pitie. Pater noster.*” (LEROQUAIS, 1927, v. 2, p. 310).
- f. 132v “*Sainte vraie croix aouree// qui du corps dieu fus...// que vray confes mourir// amen. Pater noster.*” (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. 116).

Descrição material

Em pergaminho, raiado em tinta vermelha, 15 linhas no geral. 132 ff. 195 x 130 mm (mancha do texto: 95 x 65 mm). 17 cadernos.

Os ff. 26v, 70 e 94 estão em branco.

O f.128 está solto.

Duas foliações a lápis, na margem inferior no canto à direita. Uma contando com as folhas de guarda: ff.1-136. E a segunda sem as folhas de guarda: ff. 1-132.

Precedidas de três folhas de guardas revestidas de cetim verde. A segunda folha de guarda serve de base para um pergaminho rendilhado que no centro apresenta um medalhão com a imagem colorida de Nossa Senhora do Rosário e, numa bandeirola abaixo, a inscrição “Regina S. S. Rosarij”. O papel artesanal das guardas na marca d’água o brasão do marquês de Pombal e as letras V Q R M O (nota manuscrita a lápis na guarda anterior).

Escritura e decoração

[França, Rouen], 1460-1470.

Texto em latim e francês.

Letras góticas em vermelho, marrom e ouro.

Mudanças no tamanho das letras no meio do texto, a partir do f. 27v.

Estão rubricados os *incipitus*, os hinos, as horas canônicas, versículos, responsórios, lições, etc.

Abrindo cada mês do calendário, as letras K e L (*kalendas*), iniciais *champies*, ouro sobre fundo bicolor, vermelho e azul.

Oito miniaturas de meia página inseridas em cercaduras em ouro, retangulares e arredondadas na parte superior. Iniciando as Passagens dos Quatro Evangelhos: (f. 13) Os Quatro Evangelistas justapostos (S. João, S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas), no

bas-de-page uma mulher montada num leão segura com a mão esquerda a sua cauda. Iniciando as Horas da Virgem: (f. 27, matinas) Anunciação, na bordadura lateral direita um menino e mais abaixo uma torre com gárgulas jorrando água. No *bas-de-page*, um híbrido, metade animal, metade homem, portando uma tiara papal; (f. 51, prima) Natividade, na bordadura lateral dois pastores e no *bas-de-page* um vaso com flores e frutos. Iniciando as Horas da Cruz: (f. 71) Crucificação, no *bas-de-page* dois anjos sustentando, ajoelhados, as armas da Paixão, sob fundo azul estrelado. Iniciando as Horas do Espírito Santo: (f. 74) Pentecostes, no *bas-de-page* um homem brandindo um bastão na mão direita e com a esquerda segurando um cão. Iniciando os Salmos Penitenciais: (f. 77) Davi Penitente, na bordadura lateral direita um híbrido, metade animal e metade mulher, ela segura com a mão direita uma clava e com a esquerda uma rodela azul. Iniciando o Ofício dos Defuntos: (f. 95) Cena de um enterro, no *bas-de-page* a morte intimando um jovem. Iniciando As Quinze Alegrias da Virgem: (f. 124) A Pietà, na cena uma dama, vestida como uma burguesa, está ajoelhada em oração, no *bas-de-page* um veado alado.

Bordaduras com motivos florais, folhagens e frutos coloridos e com predominância do ouro, em torno das miniaturas e nas laterais da maioria dos fólhos. Capitais ornamentadas de médio e pequeno porte em vermelho, azul e ouro. Tarjas e finais de linha em vermelho, azul e ouro.

Histórico

Fólio 2 “*ffreuiet*”; f. 6 “*Juing*”; f. 8 “*Aoust*”.

Foi inserido no Calendário, posteriormente, o nome “S. Roberti, abbs.”, em ouro, no dia 24 de abril. Robertus ab. Casae Dei Albi (ad.), 15^e s. (INSTITUT DE RECHERCHE E D’HISTOIRE DES TEXTES, acesso em: jan. 2016).

Alguns rostos nas miniaturas e bordaduras foram pintados de branco, como se quisessem apagá-los.

Carimbo da Real Biblioteca – Casa do Infantado nos ff. 2v e 132v. Antiga localização: 47-3-61 no verso da terceira folha de guarda anterior.

Ex-libris gravado da Biblioteca Nacional colado na capa, desenhado por Eliseu Visconti, Rio de Janeiro, 1903, com a antiga localização: I-15-1-n°93.

Foi registrado sob o número 1.212.395/16.05.2008 AA.

BN Digital.

Encadernação

Encadernação do século XVIII em marroquim, com rica ornamentação em dourado, lantejoulas azuis e vermelhas. Filetes e cortes com desenhos em dourado e o *superlibris* do Marquês de Pombal nas capas anterior e posterior. (BERGE, [1973?], cap. 6, n. 3).

Encadernado erroneamente.

Proveniência

Real Biblioteca – Casa do Infantado.

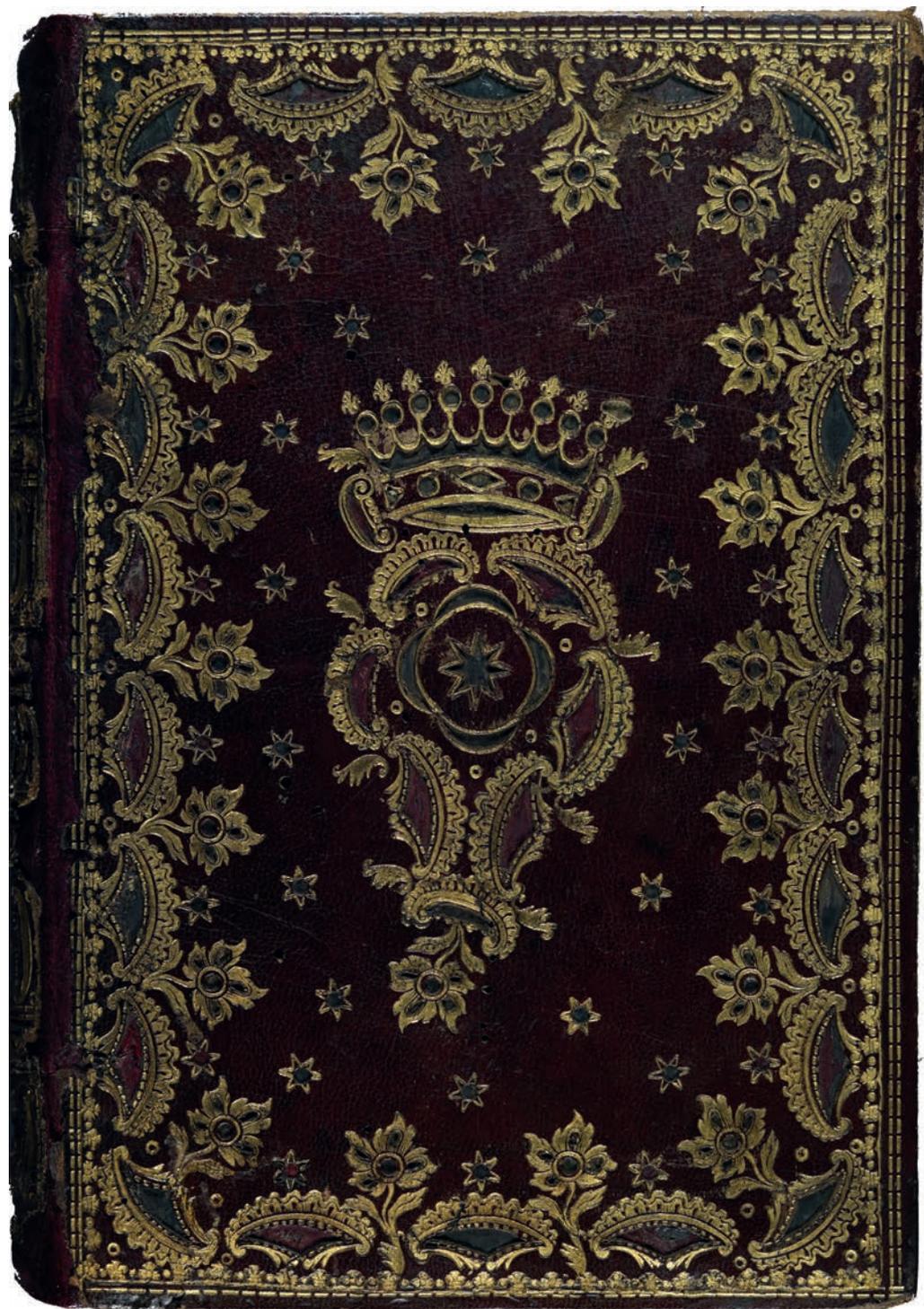


Fig. 55. Ms. 50,1,022 – *Superlibris do Marquês de Pombal na encadernação*



Fig. 56. Ms. 50,1,022 – N. Sra. do Rosário na folha de guarda anterior



Fig. 57. Ms. 50,1,022, f. 22 – “Alia oratio...”



Fig. 58. Ms. 50,1,022, f. 27 – *A Anunciação*



Fig. 59. Ms. 50,1,022, f. 74 – *Pentecostes*

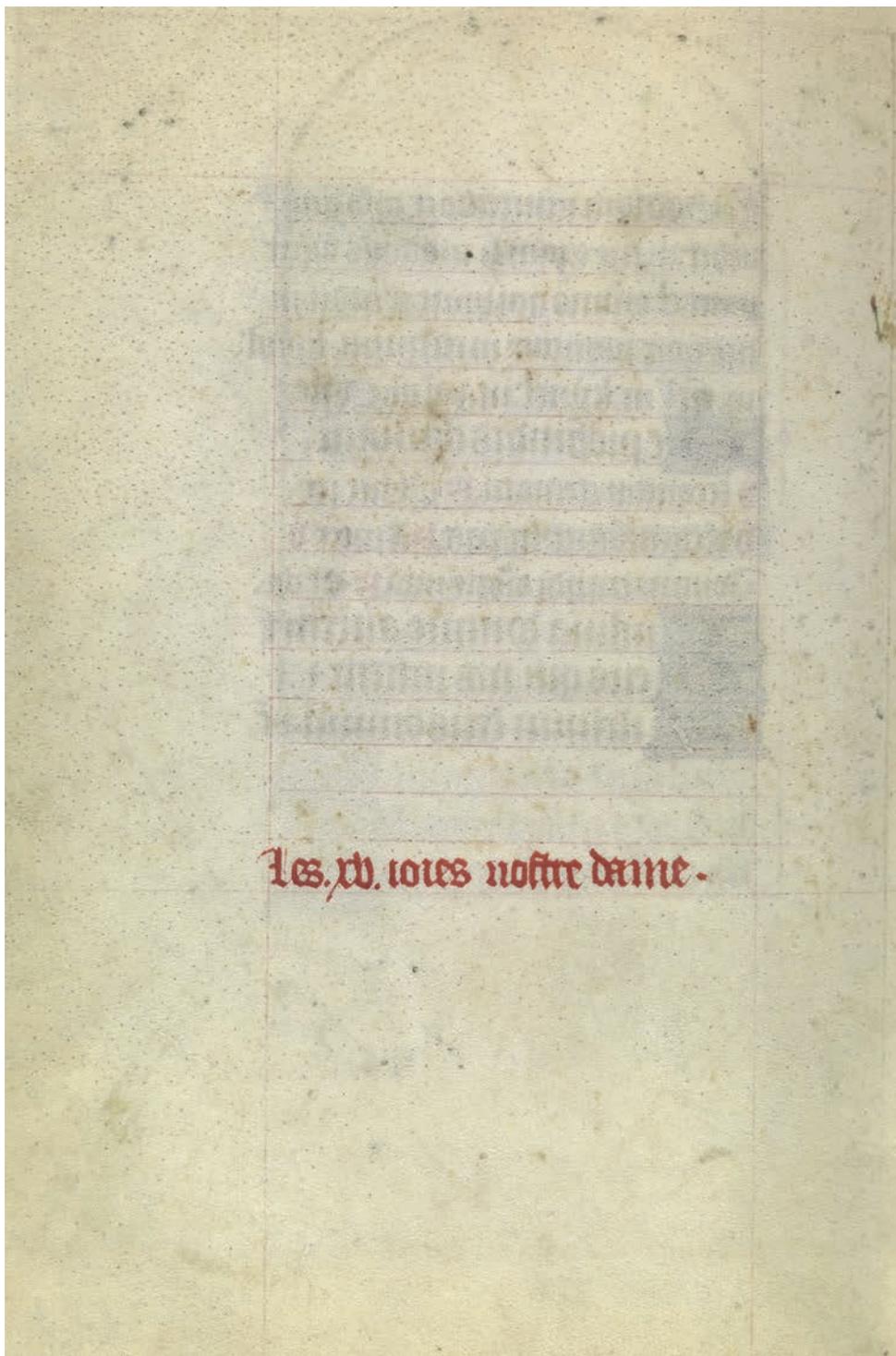


Fig. 60. Ms. 50,1,022, f. 123v – “Les xv ioes nostre dama...”

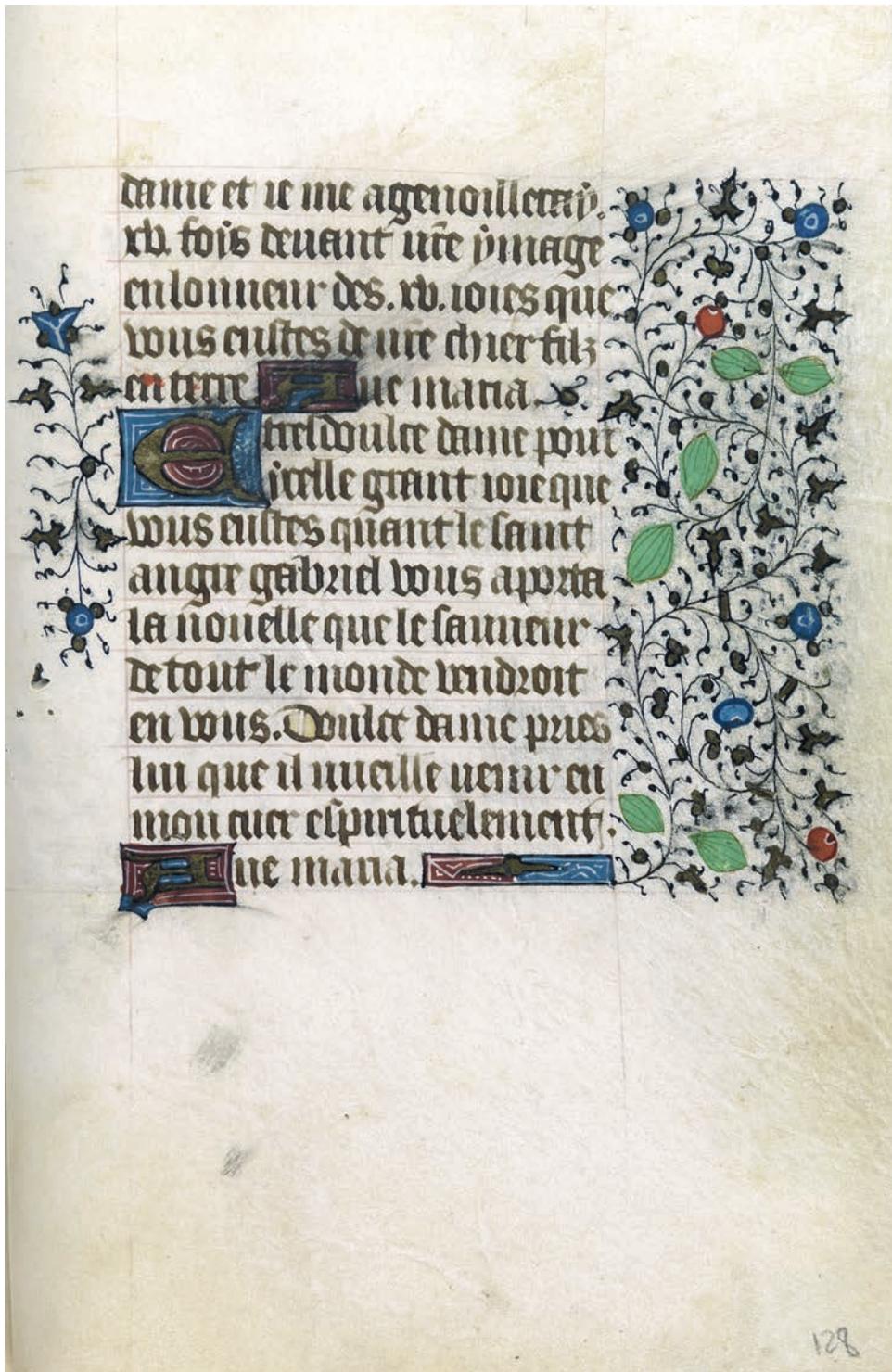


Fig. 61. Ms. 50,1,022, f. 125 – *Oração*

7. Ms. 50, 1, 023 - Livro de horas, uso de Auxerre.

Texto

- ff. 2-13v Calendário
Calendário em francês, alternando o vermelho e marrom.
Destacam-se os santos: (20 jan.) São Sebastião; (22 jan.) São Vicente; (24 jan.) São Sabiniano; (4 fev.) São Aventino; (14 abr.) São Tibúrcio; (4 maio) Santa Helena; (7 maio) Santa Mastidia; (9 maio, trasladação) São Lopo; (24 jun.) São João Batista; (19 jul.) São Frauberto; (26 jul.) São Urso; (9 out.) São Dionísio; (20 out.) Santo Aderaldo; (24 nov.) São Clemente; (6 dez.) São Nicolau; (26 dez.) Santo Estevão.
- ff. 14-16v Passagens dos Quatro Evangelhos
f. 14 [João]
ff. 14-15 “...*Sequencia sancti euuangelii secundum// lucam.*”
ff. 15-16 “...*Secundum matheum...*”
ff. 16-16v “...*Secundum marcum...*”
- f. 16v-20v Orações à Virgem
f. 16v “...*Oratio deuota beate marie virginis// Obsecro te dominal// sancta maria mater...*”
f. 18 “...*Et// michi famulo tuo N. impetres a di//lecto filio tuo ...*”, adaptado para um homem (LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. XXXIV).
ff. 19-20v “*Oratio// O Intemerata et in eternum bel//nedicta singularis... indignissimis et esto...// peccatori pia et in omnibus auxiliatrix// ...O iohannes beatissime...*” (WILMART, 1932, p. 488-490).
- ff. 21-46 Horas da Virgem, uso de Auxerre (cf. BERGE, [1973?], cap. 6, n. 5).

ff. 21-26v	Matinas
ff. 26v-32v	Laudes “... <i>In laudibus dicitur...</i> ”
ff. 32v-35v	Prima “ <i>Ad primam seq...</i> ”
ff. 35v-37v	Terça “ <i>Ad tertiam dicitur...</i> ”
ff. 37v-39	Sexta “... <i>Ad iij...</i> ”
ff. 39-40v	Nona “ <i>Ad nonam dicitur...</i> ”
ff. 40v-43v	Vésperas “ <i>Ad vesperas dicitur...</i> ”
ff. 43v-46	Completas “ <i>Ad completorium...</i> ”
ff. 47-49v	Horas da Cruz
f. 47v	“... <i>sanctam crucem tuam redemist mundum// ...</i> ”
f. 49v	Oração “ <i>Oratio ad crucem// Crucem tuam adoramus et veneramus [sic] domine Ihesu christe...</i> ” (LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. 109)
ff. 50-52	Horas do Espírito Santo
f. 50	“ <i>Domine labia mea a//peries...</i> ”
f. 52 -52v	Oração “... <i>Oratio deuota beate marie virginis// Salue regina misericordie uita dulce...</i> ” (ANALECTA..., 1886-1922, v. 50 (1907), p. 318-319, n. 245) (cf. BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE, 1994, p. 70).
ff. 53-60	Salmos Penitenciais
f. 53	“ <i>Domine ne in furore tuo// arguas me...</i> ”
ff. 60-62v	Litanias
f. 60	“... <i>Letaniam// Kyrieleyson...</i> ”
ff. 61-62	“ <i>Sancte blasi// ...Sancte martine...// Sancte luppe...// Sancte germane...// Sancte remigi...// ...Sancta paladia...// Sancta barbara...</i> ”

ff. 63-80	Ofício dos Defuntos, uso de Auxerre (cf. OTTOSEN, 1993, p. 189).
f. 65v Lec.I	“ <i>Parce michi domine...</i> ” (Job 7: 16-21)
f. 66 R	“ <i>Qui Lazarum resuscitasti...</i> ” (72)
f. 66 Lec.II	“ <i>Tedet animam meam...</i> ” (Job 10: 1-7)
f. 66v R	“ <i>Credo quod redemptor...</i> ” (14)
f. 66v Lec.III	“ <i>Manus tue fecerunt...</i> ” (Job 10: 8-12)
f. 67 R	“ <i>Libera me domine de viis...</i> ” (40)
f. 70 Lec.IV	“ <i>Quantas habeo iniquitates...</i> ” (Job 13: 23-28)
f. 70v R	“ <i>Heu michi...</i> ” (32)
f. 70v Lec.V	“ <i>Homo natus de muliere...</i> ” (Job 14: 1-6)
f. 71 R	“ <i>Beati mortui...</i> ” (8)
f. 71 Lec.VI	“ <i>Quis michi hoc...</i> ” (Job 14: 13-16)
f. 71 R	“ <i>Congregati sunt...</i> ” (12)
f. 75v Lec.VII	“ <i>Spiritus meus...</i> ” (Job 17: 1-3+11-15)
f. 75v R	“ <i>Peccantem me...</i> ” (68)
f. 76 Lec.VIII	“ <i>Pelli mee...</i> ” (Job 19: 20-27)
f. 76v R	“ <i>Indutta caro mean...</i> ” (36)
f. 76v Lec.IX	“ <i>Quare de vulva...</i> ” (Job 10: 18-22)
f. 77 R	“ <i>Libera me domine de morte...</i> ” (38)
ff. 79v-80	“ <i>...Alia oratio.// Deus venie largitor et humana// ...concedas// ...Alia oratio.// Fidelium deus omnium condil// tor et redemptor...// ...in pace. Amen.</i> ”

Descrição material

Em pergaminho, raiado em tinta vermelha, 19 linhas no geral. 170 x 115 mm (mancha do texto: 105 x 75 mm). 82 ff. 11 cadernos.

Os ff. 1, 46v, 80v e 81 estão em branco.

Vestígios de reclamos, na posição vertical, nos ff. 36v, 44v e 68v.

Falta o fólio com o início do Evangelho de São João e, provavelmente, a miniatura de abertura das Passagens dos Quatro Evangelhos.

Possui uma foliação a lápis, na margem inferior, no canto direito.

Restauração antiga costurada do pergaminho nos ff. 65 e 73.

Escritura e decoração

[França], 1480-1490.

Texto em latim. Letras góticas em vermelho, marrom e ouro.

Estão rubricados os *incipitus*, os hinos, as horas canônicas, versículos, responsórios, lições, etc.

Abrindo cada mês do calendário, as letras K e L (*kalendas*), iniciais *champies*, ouro sobre fundo vermelho e azul.

Seis miniaturas de meia página inseridas em cercaduras em ouro, retangulares e arredondadas na parte superior. A primeira miniatura de meia página foi inserida erroneamente pelo encadernador entre o f. 1 e o f. 2. Trata-se da miniatura da descida do Espírito Santo (Pentecostes), outra miniatura de Pentecostes abre as Horas do Espírito Santo, f. 50. Iniciando as Horas da Virgem: (f. 21, matinas) Anunciação. Iniciando as Horas da Cruz: (f. 47) Crucificação. Iniciando as Horas do Espírito Santo: (f. 50) Pentecostes. Iniciando Os Salmos Penitenciais: (f. 53) Davi e Golias. Iniciando o Ofício dos Defuntos: (f. 63) A Morte em Pé em um Sarcófago.

Bordaduras com motivos florais, folhagens e frutos coloridos e com predominância do ouro, em torno das miniaturas e nas laterais direita dos ff. 1v, 26v, 32v, 35v, 37v, 39, 41 e 43v. Somente o f. 16v apresenta bordadura na lateral esquerda e no *bas-de-page*. No *bas-de-page* da miniatura da Anunciação desenho de um animal com duas patas, rosto humano e um elmo dourado. As margens da miniatura de Davi e Golias estão em vermelho, destoando das demais miniaturas que estão sem cor. Capitais ornamentadas de grande porte e iniciais *champies*, de médio porte, ouro sobre fundo vermelho e azul. Os finais de linha da Litanía são volutas, alternando o vermelho e o azul.

Histórico

O texto foi escrito por diversas mãos.

François Avril distingue mãos de dois artistas, sendo o principal de Troyes.

Nota: "...o encadernador inseriu uma f. avulsa, contendo o início das Horas do Espírito Santo (já existente no livro nos f. 50r até 52r), não pertence ao códice apesar de sua pintura ...feita da mesma mão..." (BERGE, [1973?], cap. 6, n. 5).

Todos os fólhos possuem o carimbo antigo: "Bibliotheca Nacional – Secção de Manuscriptos – Rio de Janeiro".

Ex-libris gravado da Biblioteca Nacional colado na capa, desenhado por Eliseu Visconti, Rio de Janeiro, 1903, com a antiga localização: I-15-1-nº81.

Foi registrado sob o número 1.212.396/16.05.2008 C.
BN Digital.

Encadernação

Encadernação em pergaminho moderno.

A folha de guarda, que está colada na capa, possui desenho de flores e pássaros na cor verde.

Na folha de guarda anterior consta o antigo registro patrimonial: R. nº 41/1906 e a nota manuscrita a lápis “Compra feita a Joaquim da Silva Nazareth, em 12 de julho de 1906, por 150,000. Texto em três tintas.”

Proveniência

No livro de registro da Biblioteca Nacional (localização: 39,1,018, p. 51), sob o número 41, consta compra feita a Joaquim da Silva Nazareth em 12 de julho de 1906, por 150.000 (cento e cinquenta mil réis).

Também encontramos uma nota que diz que o livro veio com a coleção Andrade Leite, doada à Biblioteca Nacional no ano de 1906.

nozum consolatio desolatorum
Dna erant in salus in te spern
cum uirgo ante partum uirgo in
partu et uirgo post partum. fons
misericordie fons salubris et gracie
fons pietatis et leticie fons consola
tionis et indulgentie per illam sc̄a
mest mirabilem leticiam qua gulta
uit quando tibi p gabrielem archange
lum annuntiatus et conceptus filius
dei fuit Et p illud diuinitum miste
um quod tunc operatus est in te sp̄s
sanctus Et per illam sanctam h̄rē
tatem in qua tu respondisti archange
lo gabryeli. Ecce ancilla domini fiat
michi secundum uerbum tuum. Et
per illa sanctissima quendam gau
dia que habuisti de filio tuo domino
nostro ihu xpo Et p illam sc̄am



Fig. 62. Ms. 50,1,023, f. 18 – “...Et michi famulo tuo...”



Fig. 63. Ms. 50,1,023, f. 21 – *A Anunciação* (detalhe: animal)

tens dominus potens in prelio. **A**c
collite portas principes vestras et ele
uatum porte eternales et introibit
rex glorie. **Q**uis est iste rex glorie
dominus uirtutum ipse est rex glie
Gloria pñ. **A** Benedicatur in mulierib;
et benedictus fructus ventris tui. **B** Diffusa e
gracia in labijs tuis. **K** Propterea benedixit te
deus in eternum. **P**ater nr. **V** Et ne nos.
Iube domine benedicere. **A** nua uirgo uir
gini intercede pro nobis ad dñm. Amen. **P**
Sancta maria uirgo uirginum
mater et filia regis regum omni
um nobis impende solacium ut ce
lestis regni p te mereamur habere p
mum et cum electis dei regnare imp
petuum. Tu autem domine misere
ri deo grās. **K** Sancta et immaculata
uirginitas quibus te laudibus refera nescio
Quia que celi capere non poterant tuo gūno

Fig. 64. Ms. 50,1,023, f. 24 – Texto escrito por diversas mãos

8. Ms. 50,1,028 - Livro de horas, uso de Roma

Texto

ff.1-12v	Calendário Calendário em latim, alternando o vermelho e o marrom. Destacam-se os santos: (14 jan.) São Ponciano; (22 jan.) São Vicente; (6 fev.) Santo Amando; (23 abr.) São Jorge; (13 maio) São Servácio; (29 jun.) São Pedro e São Paulo; (10 ago.) São Lourenço mártir; (29 set.) São Miguel; (1 out.) São Remígio; (14 out.) São Donaciano; (25 nov.) Santa Catarina; (14 dez.) São Nicásio mártir.
ff.13-15v f. 13	Horas da Cruz <i>“Incipiunt hore de sancta cruce...”</i>
ff.16-16v	Horas do Espírito Santo. Está incompleta, contém somente as <i>Vésperas</i> e o <i>Completorium</i> (cf. BERGE, [1973?], cap. 6, n. 6).
ff. 17-23 f. 17 f.17 f. 23	Missa Votiva da Virgem <i>“Incipit missa beate marie...”</i> <i>“Introibo ad all/tare dei...”</i> <i>“...resurrectionis gloriam// perducamur...”</i>
ff. 23-28v ff. 23-24v ff. 24v-26 ff. 26-27v ff. 27v-28v	Passagens dos Quatro Evangelhos <i>“Secundum iohannem...”</i> <i>“Secundum lucam...”</i> <i>“Secundum matheum...”</i> <i>“Secundum marcum...”</i>

ff. 29-74v	Horas da Virgem, uso de Roma (cf. LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. XXXVIII).
ff. 29-39	Matinas
ff. 39v-52	Laudes “ <i>Ad laudes...</i> ”
ff. 52v-56v	Prima “ <i>Ad primam...</i> ”
ff. 56v-59v	Tercia “ <i>Ad terciam...</i> ”
ff. 60-63	Sexta “ <i>Ad sextam...</i> ”
ff. 63-66	Nona “ <i>Ad nonam...</i> ”
ff. 66v-72	Vésperas “ <i>Ad vespervas...</i> ”
ff. 72-74v	Completas “ <i>Completorium...</i> ”
ff. 74v-75v	“ <i>Salve regina mi//sericordie vital// dulcedo et spes... Amen.</i> ”
ff. 76-82v	Orações à Virgem
f. 76	“ <i>Oratio de domina, // Obsecro te...</i> ”
f. 78v	“ <i>...Et michi in// digno famulo tuo. N. // impetres a dilecto fi// lio tuo...</i> ”, adaptado para um homem (LEROQUAIS, 1927, v. 1, p. XXXIV).
f. 81	“ <i>De sancto glaudio// O desolatorum con// solator...</i> ”
f. 82	“ <i>...O intemerata et in e// ternum benedicta...</i> ”
f. 82v	“ <i>...Et// esto michi peccatori... // O iohannes...</i> ” (WILMART, 1932, p. 488-490).
ff. 83-96v	Os Sete Salmos Penitenciais
f. 83	“ <i>Incipiunt septem psalmi...</i> ”
ff. 96v-100v	Litanias
f. 96v	“ <i>Sancta trini// tas unus deus..., Sancte Michael...</i> ”
f. 97	“ <i>Sancte thoma..., Sancte symon...</i> ”
f. 98v	“ <i>Sancte elygi..., Sancta egydi...</i> ”
f. 99	“ <i>Sancta agnes...</i> ”

ff. 102-117v	Ofício dos Defuntos “ <i>Incipiunt vigilie mor//tuorum...</i> ”, uso de Roma (cf. OTTOSEN, 1993, p. 7-9) (os três primeiros responsórios correspondem ao uso de Roma).
f. 111 Lec.I	“... <i>Parce michi domine...</i> ” (Job 7: 16-21)
f. 111v R	“... <i>Credo quod redentor...</i> ” (14)
f. 112 Lec.II	“... <i>Tedet animam meam...</i> ” (Job 10: 1-7)
f. 112v R	“... <i>Qui Lazarum resuscitasti...</i> ” (72)
f. 113 Lec.III	“... <i>Manus tue domine fecerunt...</i> ” (Job 10: 8-12)
f.113v R	“... <i>Domine quando veneris...</i> ” (24)
f. 117v	“... <i>Omnis spiritus laudet...</i> ” (está incompleto)
ff. 118-119	Anotações manuscritas

Descrição material

Em pergaminho, raiado em tinta vermelha, 16 linhas no geral. 135 x 90 mm (mancha do texto: 70 x 45 mm). 117 ff. 16 cadernos.

Faltam o início das Horas do Espírito Santo; o início das matinas das Horas da Virgem; o final da terça das Horas da Virgem; faltam o final da oração do f. 82v (seria o f. 91?) e o final do Ofício dos Defuntos.

O copista não terminou de escrever o final da oração, deixando o f. 80v em branco.

Foram cortados os ff. 1 e 21, neste último uma nota escrita a lápis: “Esta folha já veio nestas condições. Raymond.”

O f. 91 está cortado e contém uma nota escrita a lápis: “Esta folha veio já cortada ao meio. Raymond encadernador. 11/05/1926.”

Letras escritas a lápis nos ff. 3v e 4 (Calendário).

Vestígios de fólhos cortados (faltosos) entre os ff. 28/29, 30/31/32 e 82/83.

Possui duas folitações a lápis, uma na margem superior, no canto direito, e outra na margem inferior, canto direito.

Possui oito folhas de guarda, quatro anteriores e quatro posteriores, de um pergaminho num tom mais claro, moderno. No verso da primeira folha está escrito a lápis, e o mesmo texto se repete na folha seguinte, escrito em tinta roxa e por outra mão: “Foi comprado este precioso manuscrito em paris a um libreiro muito besta por 20 francos por um feliz acaso ja me davão pelo mesmo e hera para negocio 300 francos eu pedi 2.000.”

Escritura e decoração

[Bruges], 1450-1480.

Texto em latim. Letras semigóticas em vermelho, marrom e ouro.

Estão rubricados os *incipitus*, os hinos, as horas canônicas, versículos, responsórios, lições, etc.

Abrindo cada mês do calendário, as letras K e L (*kalendas*), iniciais *champies*, ouro sobre fundo vermelho e azul.

Uma miniatura de página plena inserida em cercadura retangular, em ouro, abrindo o Ofício dos Mortos: A Ressurreição de Lázaro (f. 101v).

Bordaduras com motivos florais, folhagens e frutos coloridos e com predominância do ouro, em torno da miniatura e nos fólhos que iniciam as Horas da Cruz (f. 13), no bas-de-page deste fólho "...um escudo esquaterlado, o 1° e o 7° [sic] flancos azuis, com riscos verticais de ouro no 1° e pontinhos, também de ouro no 4°; o 2° e 3° flancos vermelho escuro com o leão de Flandres" (BERGE, [1973?], cap. 6, n. 6); a Missa (f. 17); as Orações à Virgem (f. 76); Oração de Santo Glaudio (f. 80); os Sete Salmos Penitenciais (f. 83) e o Ofício dos Defuntos (f. 102). E bordaduras na margem esquerda e parte da margem superior e inferior dos fólhos que iniciam as horas canônicas das Horas da Virgem. Capitais ornamentadas, iniciais *champies*, ouro sobre fundo vermelho e azul, de grande, médio e pequeno porte. Finais de linha em azul e ouro.

Histórico

Após o f. 117 seguem-se mais dois ff. (118 e 119) com notas manuscritas posteriores, escritas com tinta marrom por outras mãos: no f. 118 "*Robert Cheuailier*"; f. 118v, escrito duas vezes: "*François Becquerel*"; f. 119 "...*faict par moy// faict par moy nicola// chevailier marchant// vondillier(?) a Garma...// a voir Riccii di nicola// charpentier...*"; f. 119v "*Robert Cheuailier// faict par moy// François Becquerel// ...demeurant// ...texttes// ...Decembre// mil sept cent trinte neuf(?)// ...Becquerel// ...*"

Outras notas manuscritas e desenhos posteriores, feitos por outras mãos, nos f. 16, na margem inferior "*Dieu tout faite par...*"; f. 34, na margem lateral direita a letra "*P*"; f. 80v "...*8// Dieu*" ou "*Cheu*" e no f. 82v, na margem inferior a tinta marrom, o desenho de uma cruz com figuras diversas, no lado direito as palavras "*la luna*" e sob a base da cruz "*la sois saincta croix*".

Foi registrado sob o número 1.212.397/16.05.2008 AA.

BN Digital.

Encadernação

Nota sobre a antiga encadernação: “Encadernação de 1926, pouco digna do ms., danificada pela broca; na lombada, de pano preto, lê-se, impresso a ouro: Manuscrito do XV século; capa coberta de papel marrom, imitando marmore; folhas de guarda do mesmo papel, colada a uma f. branca, seguida da f., mais antiga, provavelmente encadernação anterior, colada com a primeira f. do pergaminho em branco [...]; na mesma f. escrito à lapis, coll. Garcia e no seu verso, a cota antiga, cod. 66-2; na parte anterior da capa, um ex-libris da Biblioteca Nacional, com a cota I-15, 1, 94 e, em baixo, a etiqueta Biblioteca Nacional 68 909 Oficina de Encadernação.” (cf. BERGE, [1973?], cap. 6, n. 6).

Foi encadernado erroneamente.

Possui encadernação em couro contemporânea, feita na Biblioteca Nacional, na década de 1980.

Proveniência

Desconhecida.

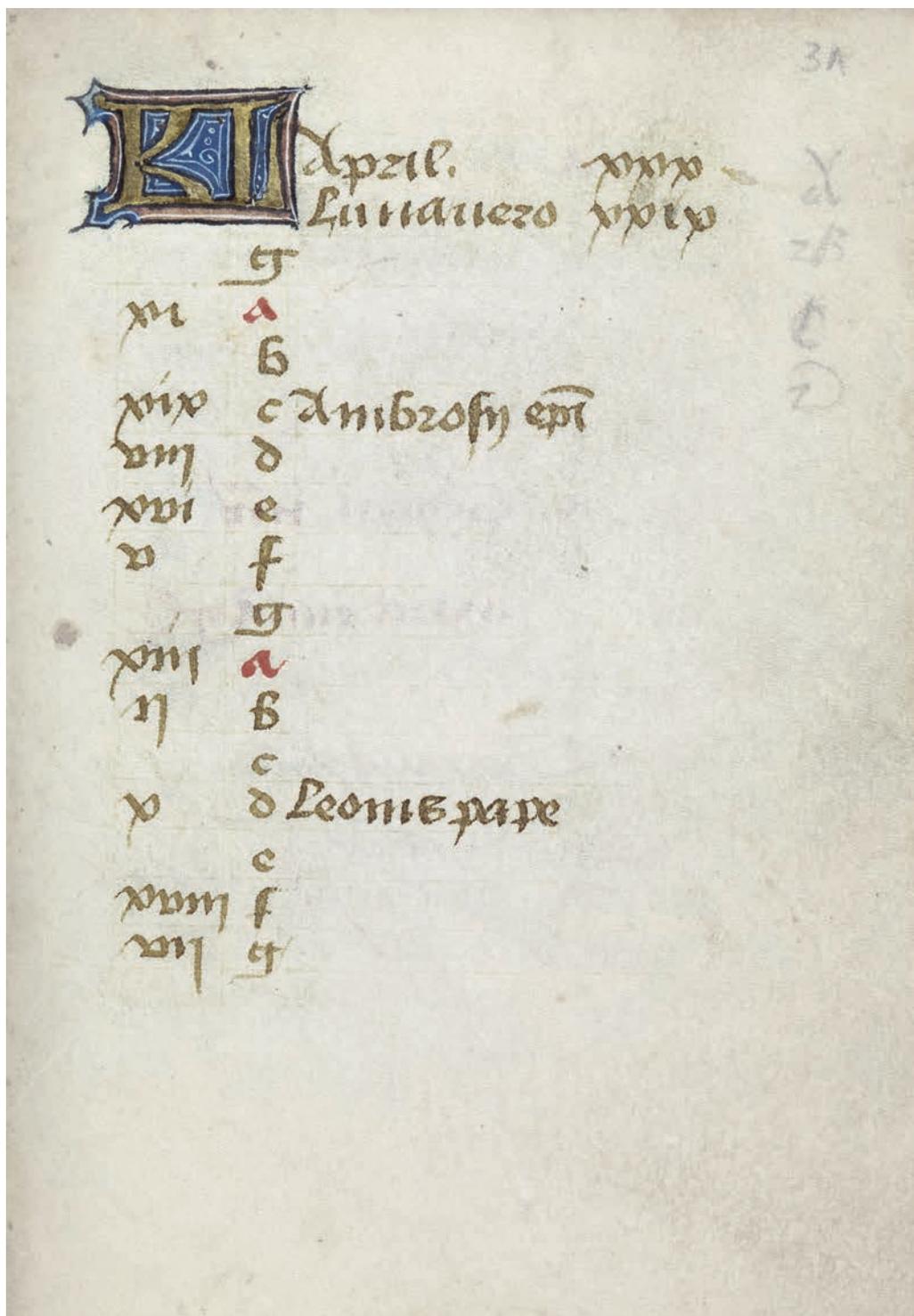


Fig. 65. Ms. 50,1,028, f. 4 – O Calendário, mês de abril (anotações a lápis)



Fig. 66. Ms. 50,1,028, f. 13 – *Brasão*

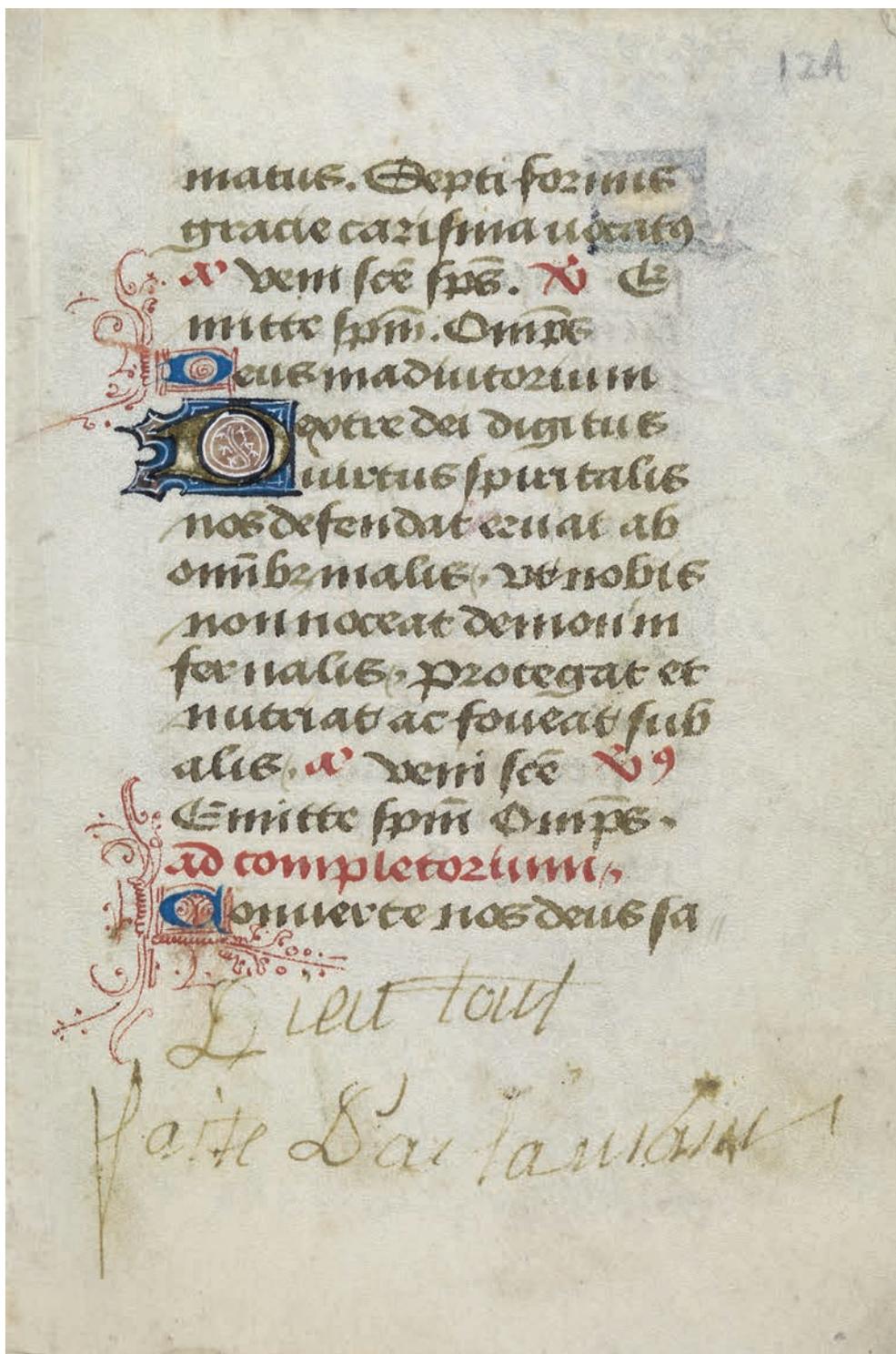


Fig. 67. Ms. 50,1,028, f. 16 – “Dieu tout faite...” (anotações manuscritas)



Fig. 68. Ms. 50,1,028, f. 17 – *Missa Votiva da Virgem*



Fig. 69. Ms. 50,1,028, f. 60 – *Horas da Virgem*

sacrum ianua regni
 celorum per quam post
 Deum totus vivit orbis
 terrarum. Inclina mater
 misericordie aures tue
 pietatis indignis sup-
 plicationibus meis. Et
 esto michi peccatori pia
 in omnibus auxiliatrix
 O iohannes beatissime
 vixisti familiaris ami-
 ce qui ab eodem domino
 meo ihesu vixisti virgo
 es electus et inter cete-
 ros magis dilectus at-
 que mysterns celestibus
 ultra omnes imbutus
 Apostolus et evangelista

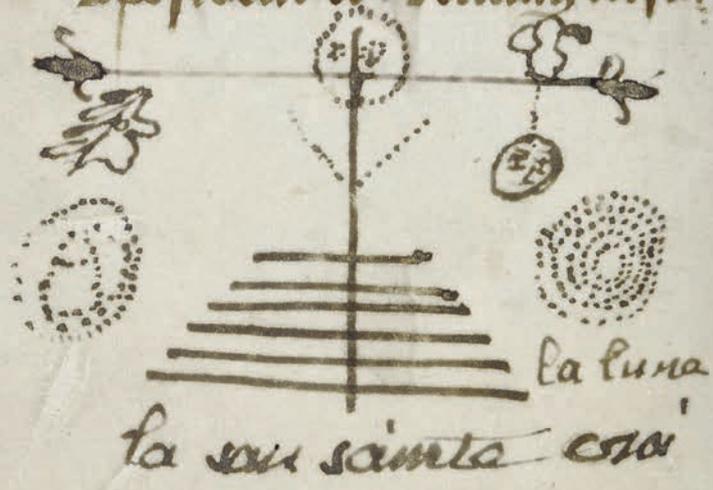


Fig. 70. Ms. 50,1,028, f. 82v – *Desenhos*

Glossário*

Antífona – Versículos tirados da Bíblia que o povo canta ou recita em determinados momentos da missa e de outras celebrações e, especialmente, no início e fim dos Salmos do Ofício Divino ou Liturgia das Horas.

Assinaturas – Numeração colocada no pé das folhas dos cadernos ou apenas na primeira folha da cada caderno; para tal numeração utilizavam-se letras associadas a números; destinava-se a indicar ao encadernador a ordem a seguir na encadernação do volume; no livro antigo ajudava a determinar o formato real.

Bas-de-page – Parte inferior da página, onde são gravadas cenas, imagens que podem ou não se referir ao texto acima.

Bibliófilo – Pessoa amante das edições originais, raras e curiosas de livros; os bibliófilos apreciam, sobretudo, a beleza tipográfica, a encadernação, a raridade e o material com que foi impresso e confeccionado um livro.

Breviário – Livro litúrgico que contém os textos necessários para celebração do Ofício Divino. Ver também Ofício Divino e Liturgia das horas.

Caderno – Conjunto de folhas de pergaminho ou papel dobradas ao meio, encartadas umas nas outras, constituindo os elementos de um manuscrito ou de um livro antigo.

Camisas de Damasco – Tecido, geralmente de seda, com que se envolviam os códices, sobretudo os livros de horas, para sua proteção. Essas proteções eram assim chamadas porque o tecido vinha da cidade de Damasco

Códice – Do latim *codex* (tábua de madeira). Em sua origem eram tabuinhas de madeira enceradas, onde se escrevia, que depois eram agrupadas pelo dorso (lombada) mediante costura. Mais tarde foram substituídas pelo papiro, depois pelo pergaminho. Difere do rolo onde as folhas eram coladas umas às outras e, posteriormente, enroladas. O códice é formado por folhas soltas que se dobram e

* Bibliografia do Glossário: Brown, 1994; Falcão, acesso em: 30 jan. 2009; Faria e Pericão, 1988; Martínez de Sousa, 1992; Rizzini, 1977; Rouveyre, 1899; Ruiz García, 1988; e Walther e Wolf, 2005.

se encaixam umas nas outras para formar os cadernos. A vantagem é que se podia manipular com mais facilidade e escrever nos dois lados da folha. A palavra é hoje utilizada para denominar livros escritos à mão, principalmente sobre pergaminhos. O livro manuscrito, de um passado remoto, composto por um conjunto de folhas de um material flexível (papiro, pergaminho ou papel), unidas entre si pela margem interna e geralmente protegidas com capas.

Codicologia – Ciência que tem por objeto o estudo do livro manuscrito em todos os seus aspectos.

Colofão – Contém indicações a respeito da produção de um manuscrito ou de um livro impresso antigo. É uma indicação tipográfica colocada na última página impressa da obra, onde se encontra o lugar, o impressor e a data, seguida por vezes pela marca tipográfica; nos incunábulos e obras da primeira metade do século XVI, continha dados mais pormenorizados sobre o autor, título da obra e o dia em que a obra acabou de ser impressa. Corresponde ao *Explicit* dos manuscritos.

Copista – Também era chamado de amanuense (*servi ad manum*), escriba, pendolista ou pendolário (de *pendola*, pena de ave usada para escrever). Era o indivíduo que produzia o códice, copiando um escrito ou escrevendo um texto ditado.

Ex-libris – Serve para designar toda a menção de posse de um livro; pode ser manuscrito e figurar em qualquer lugar do livro; quando é impresso ou gravado em papel (ou excepcionalmente de couro) está geralmente colado no verso da capa; a identidade do possuidor pode ser indicada pelo nome (por vezes precedido da palavra *ex-libris*) ou suas iniciais, eventualmente pelas suas armas, um emblema ou uma divisa.

Explicit – Termo que originalmente indicava que se havia terminado de desenrolar o livro em forma de rolo. Posteriormente, indicava o final do manuscrito, ou de um livro impresso antigo, muitas vezes informando o nome do autor (ou do copista), o local e o título da obra.

Factício – É a reunião sob a mesma encadernação de volumes ou brochuras que tratam de assuntos frequentemente diferentes assim como de autores distintos.

Foliação – É a numeração dos fólhos, das folhas (folheação) de um documento de modo que um mesmo número servia para a página ímpar (*recto*) e para a página par (verso).

Iluminura – Conjunto de elementos decorativos e das representações com imagens executadas num manuscrito com a finalidade de embelezamento, utilizando-se tintas luminosas, principalmente a prata e ouro.

Incipit – Palavra que encabeça o texto escrito, nos manuscritos e nos incunábulo.

Incunábulo – Do latim *incunabulum* (berço, origem), palavra empregada para designar os primeiros impressos na Europa até 1501.

Liturgia das Horas – É a santificação das horas do dia pela oração oficial (Ofício Divino) que a Igreja, em união com Jesus Cristo e animada pelo Espírito Santo, eleva à Santíssima Trindade. Com o decorrer dos tempos, a Igreja foi santificando as principais horas do dia pela oração dos Salmos e leituras bíblicas, recorrendo assim à própria palavra de Deus. Dessa maneira, preparava e prolongava a celebração do Mistério Pascal, completando a Missa de cada dia. Embora seja oração de todo o povo, a celebração da Liturgia das Horas passou a ser especial obrigação dos sacerdotes e outros consagrados, fazendo parte do seu ofício exercido em nome da Igreja.

Livro – É a forma genérica usada para designar um veículo portador de um texto escrito de certa extensão, independente de sua tipologia, com a finalidade de registrar e transmitir o pensamento. Desde a Antiguidade, o livro adquiriu várias formas – encontradas, principalmente, no Ocidente. As mais antigas são as tábulas ou tábuas, que eram pequenas placas de argila, madeira, marfim, ouro ou outro material que servissem de suporte para a escrita. A segunda forma corresponde ao rolo (*rotulus*) ou *volumen*, assim chamado porque o papiro ou o pergaminho de que era feito se envolvia em torno de uma vareta cilíndrica de madeira ou de metal, e a terceira forma do livro é o códice, que se constituiu na forma definitiva do livro. Todavia, é preciso atenção, pois com o tempo a palavra códice chegou até nós como sinônimo de manuscrito, o que não é de todo exato, pois se todos os códices são manuscritos (isto é, escritos à mão), nem todos os manuscritos são códices (por exemplo, não o são os rolos, que eram manuscritos, nem os documentos eclesiásticos ou diplomáticos, as cartas, etc.).

Miniatura – Pintura delicada que ilustra e decora as margens de um manuscrito ou de um livro; no início significava a simples execução manual, a cores, de um sinal ou inicial com o *minium* (a cor vermelha do óxido de chumbo), de onde deriva o termo miniaturista.

Missal – Livro litúrgico que contém os textos necessários (cantos, orações e leituras) para o sacerdote celebrar o ritual da missa.

Ofício Divino – Conjunto de orações (salmos, antífonas, hinos, leituras bíblicas, etc.) organizadas pela Igreja Católica para serem rezadas em determinadas horas do dia. Ver *Liturgia das Horas*.

Raiado – Operação prévia da escrita que consiste no traçado de linhas que servem de guia para o copista. Essas linhas podem ser feitas com ponta seca ou mediante a utilização de substância cromática.

Reclamo – Chamada da primeira palavra de um caderno no pé da última página do caderno precedente, usada para facilitar a ordenação dos cadernos de um livro pelo encadernador.

Recto – Frente de uma folha de pergaminho ou papel; nos livros é sempre constituído pela página ímpar, ou seja, a que fica à direita, uma vez aberto o livro. Abreviatura *r*.

Rubrica – Título, título corrente, título de capítulo ou outros ornamentos traçados à mão em tinta de cor, geralmente em vermelho, num manuscrito ou incunábulo.

Saltério – Livro litúrgico que contém o conjunto dos Salmos.

Santoral – Livro onde são registradas as celebrações das festas em honra dos santos, com exceção daquelas entre 24 de dezembro e 13 de janeiro, que são conhecidas como o Próprio dos Santos.

Scriptoria, scriptorium (sing.) – Era o lugar onde trabalhava o copista medieval, individual ou coletivamente.

Super libris – Marca de propriedade estampada na encadernação de um livro.

Verso – Face inferior ou interna num fólio, em oposição ao *recto*. É a parte que fica à esquerda de quem lê. Abreviatura *v*.

Vinheta – Na origem, era o ornamento formado de folhas de videira que decorava os manuscritos; atualmente são pequenas ilustrações gravadas, impressas no alto da página ou intercalando o texto, prestando-se a inúmeras combinações.

Lista de ilustrações

Figura 1.	Ms. 50,1,001, f. 4v – <i>O Calendário, mês de junho</i>	41
Figura 2.	Ms. 50,1,001, f. 4 – <i>O Calendário, mês de maio</i>	42
Figura 3.	Ms. 50,1,001, ff. 2-7v – <i>O Calendário, meses de janeiro a dezembro</i>	43
Figura 4.	Ms. 50,1,022, f. 13 – <i>Os Evangelistas</i>	44
Figura 5.	Ms. 50,1,022, f. 71 – <i>Arma Christi</i>	45
Figura 6.	Ms. 50,1,016, f. 13 – <i>A Crucificação</i>	46
Figura 7.	Ms. 50,1,016, f. 16v – <i>Pentecostes</i>	47
Figura 8.	Ms. 50,1,016, f. 25 – <i>A Pietà</i>	48
Figura 9.	Ms. 50,1,016, f. 28v – <i>Cena da Virgem com o Menino</i>	49
Figura 10.	Ms. 50,1,016, f. 88 – <i>O Rei Davi</i>	50
Figura 11.	Ms. 50,1,023, f. 53 – <i>Davi com Golias</i>	51
Figura 12.	Ms. 50,1,028, f. 101v – <i>Lázaro</i>	52
Figura 13.	Ms. 50,1,001, f. 135v – <i>Lázaro</i>	53
Figura 14.	Ms. 50,1,023, f. 63 – <i>A Figura da Morte</i>	54
Figura 15.	Ms. 50,1,016, f. 32 – <i>A Anunciação</i>	55
Figura 16.	Ms. 50,1,016, f. 82 – <i>A Fuga para o Egito</i>	56
Figura 17.	Ms. 50,1,022, f. 51 – <i>A Natividade</i>	57
Figura 18.	Ms. 50,1,022, f. 124 – <i>A Pietà</i>	58
Figura 19.	Ms. 50,1,001, f. 1v – <i>O Martírio de São Sebastião</i>	99
Figura 20.	Ms. 50,1,001, f. 18 – <i>Commemoratio de Sancta Trinitate</i>	100
Figura 21.	Ms. 50,1,001, f. 24v – <i>São Jorge</i>	101
Figura 22.	Ms. 50,1,001, f. 53v – <i>Memória do Santo Espírito (detalhe)</i>	102
Figura 23.	Ms. 50,1,001, f. 54v – <i>Memória de São Miguel (detalhe)</i>	102
Figura 24.	Ms. 50,1,001, f. 58v – <i>Memória de Todos os Santos (detalhe)</i>	103
Figura 25.	Ms. 50,1,001, f. 59v – <i>Adão e Eva e a Serpente (detalhe)</i>	103
Figura 26.	Ms. 50,1,001, f. 71 – <i>Adoração dos Reis Magos (anotações manuscritas)</i> ...	104

Figura 27. Ms. 50,1,001, f. 82v – <i>Inicial C</i> (detalhe).....	105
Figura 28. Ms. 50,1,001, f. 84v – <i>Sepultamento de Cristo</i> (detalhe: animal na lateral)...	106
Figura 29. Ms. 50,1,001, f. 99v – <i>A Virgem e a Criança sendo reverenciadas por um casal de laicos</i> (detalhe).....	106
Figura 30. Ms. 50,1,001, f. 104v – <i>O Santo Sudário e a Mão de Cristo, com a chaga</i> (detalhes).....	107
Figura 31. Ms. 50,1,001, f. 105v – <i>O Sagrado Coração, com a chaga e o Pé Direito de Cristo, com a chaga</i> (detalhes).....	107
Figura 32. Ms. 50,1,001, f. 106 – <i>Vaso no bas-de-page</i> (detalhe).....	108
Figura 33. Ms. 50,1,001, f. 114 – <i>Animal na lateral</i> (detalhe)	109
Figura 34. Ms. 50,1,001, f. 189 – <i>Animal na lateral</i> (detalhe)	110
Figura 35. Ms. 50,1,001, f. 199v – <i>Colofão</i>	111
Figura 36. Ms. 50,1,010, f. 14 – <i>O Calendário, mês de agosto</i>	117
Figura 37. Ms. 50,1,010, f. 9 – <i>São Mateus</i>	118
Figura 38. Ms. 50,1,010, f. 11 – <i>A Virgem e o Menino</i>	119
Figura 39. Ms. 50,1,010, f. 29v – <i>A Natividade</i>	120
Figura 40. Ms. 50,1,010, f. 49 – <i>Horas da Cruz</i>	121
Figura 41. Ms. 50,1,010, f. 63 – <i>Litanias</i>	122
Figura 42. Ms. 50,1,010, f. 67v – <i>Um Ofício Fúnebre</i>	123
Figura 43. Ms. 50,1,010, f. 93 – <i>Sufrágios</i>	124
Figura 44. Ms. 50,1,010, f. 99v – “ <i>Stabat...</i> ”	125
Figura 45. Ms. 50,1,016, f. 2v – <i>Carimbo da Real Biblioteca – Casa do Infantado</i>	132
Figura 46. Ms. 50,1,016, f. 67 – <i>O Anúncio aos Pastores</i>	133
Figura 47. Ms. 50,1,016, f. 82 – <i>A Coroação da Virgem</i>	134
Figura 48. Ms. 50,1,019, f. 1 – <i>O Calendário, mês de janeiro</i>	140
Figura 49. Ms. 50,1,019, f. 33 – <i>Costura no pergaminho</i>	141
Figura 50. Ms. 50,1,019, f. 140v – <i>Reclamo</i>	142
Figura 51. Ms. 50,1,020, f. 37 – <i>A Adoração dos Reis Magos</i>	146
Figura 52. Ms. 50,1,020, f. 11 – “ <i>Non dicitur...</i> ”	147

Figura 53. Ms. 50,1,020, f. 14 – <i>A Visitação</i>	148
Figura 54. Ms. 50,1,020, f. 45 – <i>A Fuga para o Egito</i>	149
Figura 55. Ms. 50,1,022 – <i>Superlibris do Marquês de Pombal na encadernação</i>	156
Figura 56. Ms. 50,1,022 – <i>N. Sra. do Rosário na folha de guarda anterior</i>	157
Figura 57. Ms. 50,1,022, f. 22 – “ <i>Alia oratio...</i> ”	158
Figura 58. Ms. 50,1,022, f. 27 – <i>A Anunciação</i>	159
Figura 59. Ms. 50,1,022, f. 74 – <i>Pentecostes</i>	160
Figura 60. Ms. 50,1,022, f. 123v – “ <i>Les xv ioes nostre dama...</i> ”	161
Figura 61. Ms. 50,1,022, f. 125 – <i>Oração</i>	162
Figura 62. Ms. 50,1,023, f. 18 – “ <i>...Et michi famulo tuo...</i> ”	168
Figura 63. Ms. 50,1,023, f. 21 – <i>A Anunciação</i> (detalhe: animal).....	169
Figura 64. Ms. 50,1,023, f. 24 – <i>Texto escrito por diversas mãos</i>	170
Figura 65. Ms. 50,1,028, f. 4 – <i>O Calendário, mês de abril</i> (anotações a lápis)	176
Figura 66. Ms. 50,1,028, f. 13 – <i>Brasão</i>	177
Figura 67. Ms. 50,1,028, f. 16 – “ <i>Dieu tout faite...</i> ” (anotações manuscritas)	178
Figura 68. Ms. 50,1,028, f. 17 – <i>Missa Votiva da Virgem</i>	179
Figura 69. Ms. 50,1,028, f. 60 – <i>Horas da Virgem</i>	180
Figura 70. Ms. 50,1,028, f. 82v – <i>Desenhos</i>	181

Bibliografia

- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1986.
- ARNS, Paulo Evaristo. *A técnica do livro segundo São Jerônimo*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro, 2005.
- ARRUDA, Susan Margaret de; CHAGAS, Joseane. *Glossário de Biblioteconomia e ciências afins*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- ARTES do livro. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1995. Catálogo de exposição.
- AVRIL, François; REYNAUD Nicole. *Les manuscrits à peintures en France: 1440-1520*. Paris: Bibliothèque nationale; Flammarion, 1993.
- BARNAY, Silvie. Marie (Vierge). In: VAUCHEZ, André. (Dir.). *Dictionnaire encyclopédique du Moyen Âge*. Paris: Cerf, 1997. 2 v.
- BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. Tradução de Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- BELO, André. *História & livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (História &... reflexões, 3).
- BELTING, Hans. *The image and its public in the Middle Ages: form and function of early Passion paintings*. New Rochelle: A. D. Caratzas, 1990.
- BERGE, Damião. Um livro de horas do século XIV na Biblioteca Nacional. *Verbum*: publicação das Faculdades Católicas, Rio de Janeiro, t. 2, fasc. 1, mar. 1945.

- BERGE, Damião. *Livros de horas manuscritos iluminados da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. [1973?]. Datilografado.
- BIBLIOTECA Nacional. Disponível em: <<http://www.bn.br>>. Acesso em: 25 nov. 2008. Portal da BN do Brasil.
- BIBLIOTECA Nacional de España. Disponível em: <<http://www.bne.es>>. Acesso em: 18 jan. 2009. Portal da BNE.
- BIBLIOTHÈQUE nationale de France. Disponível em: <<http://www.bnf.fr>>. Acesso em: 18 jan. 2009. Portal da BnF.
- BIBLIOTECA Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://www.bn.pt>>. Acesso em: 25 jan. 2009. Portal da BNP.
- BINSKI, Paul; PANAYOTOVA, Stella. *The Cambridge illuminations: ten centuries of book production in the Medieval West*. London: Harvey Miller; Turnhout: Brepols, 2005.
- BOESPFLUG, François. Images. In: *DICTIONNAIRE du Moyen Âge*. Dir. de Claude Gauvard, Alain de Libera, Michel Zink. Paris: Presses universitaires de France, 2002
- BRAGANÇA, Joaquim O. Time and Times in Christian Liturgy. In: *THE IMAGE of time: European manuscript books*. Coordenação de Aires Augusto Nascimento. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Catálogo de exposição, Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- BRITISH LIBRARY. *Catalogue of illuminated manuscripts*. Disponível em: <http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/records.asp?MSID=1291&CollID=21&NStart=25>. Acesso em: jan. 2016.
- BROWN, Michelle P. *Understanding illuminated manuscripts: a guide to technical terms*. 3th. ed. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum; London: The British Library, 1994.
- BURGOING, Jacqueline de. *The calendar: history, lore and legend*. New York: Abrams, 2001.

- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004.
- CAMILLE, Michael. *The Gothic idol: ideology and image-making in medieval art*. Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Image on the edge: the margins of medieval art*. London: Reaktion, 1992.
- CARRIÓN GÚTIEZ, Manuel. *La Biblioteca Nacional*. Madrid: Biblioteca Nacional, 1999.
- CARVALHO, Gilberto Vilar de. *Biografia da Biblioteca Nacional: 1807 a 1990*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.
- CARVALHO, Kátia de et al. *Travessia das letras*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. (Bibliófilos).
- CASSAGNES-BROUQUET, Sophie. *La passion du livre au Moyen Âge*. Rennes: Ouest-France, 2008.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado e José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1998. 2 v. (Múltiplas escritas).
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp; Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- _____. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.
- _____. *Formas e sentido*. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003. (Histórias de leitura).
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

_____. As práticas da escrita. In: *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. 2. reimp. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (História da vida privada, 3).

CHD Center for Håndskriftstudier i Danmark = CHD Institute for Studies of Illuminated Manuscripts in Denmark. Disponível em: <http://manuscripts.org.uk/chd.dk/>. Acesso em: jan. 2016.

CÓDIGO de catalogação anglo-americano. 2. ed. São Paulo: Febab; Impr. Oficial, 2004.

CORREIA, Ana Lúcia Meregé. *O livro impresso: trajetória e contemporaneidade*. 1999. 77 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Convênio CNPq/IBICT e Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. Subsídios para a história da Biblioteca Nacional: Real Bibliotheca. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 101, p. 123-146, 1981.

DE CRESCENZO, Luciano. *História da filosofia medieval*. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DE HAMEL, Christopher. *Copistas e iluminadores*. Traducción de Julio Rodriguez Puértolas. Madrid: Akal, 2001. (Artesanos medievales).

_____. *A history of illuminated manuscripts*. London: Phaidon, 2006.

DIAS, João José Alves. *Rezar em português: introdução ao livro de horas de Nossa Senhora segundo costume Romano... Paris, Narcisse Brun, 13 de fevereiro de 1500 [i.é 1501]*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2010. 2 v. (Fac-similados).

E-CODICES: Bibliothèque virtuelle des manuscrits en Suisse. Disponível em: <<http://www.e-codices.unifr.ch/fr>>. Acesso em: 10 set. 2011.

EXPOSIÇÃO permanente dos cimélios da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Leuzinger & Filhos, 1885. Catálogo de exposição.

- FALCÃO, Manuel Franco. *Enciclopédia católica popular*. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/catolicapedia/artigo.asp?id_entrada=93>. Acesso em: 30 jan. 2009.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: terminologia relativa ao suporte, ao texto, à edição e encadernação, ao tratamento técnico, etc.* Lisboa: Guimarães Editores, 1988.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *L'apparition du livre*. França: Albin Michel, 1971.
- FERREIRA, Teresa Duarte; SANTANA, Ana Cristina. *O tratamento documental de manuscritos ao serviço da investigação: a experiência da Biblioteca Nacional*. Lisboa, 2006. Disponível em: <<http://www.purl.pt/6393/1/comunicacoes/manuscritos.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2009.
- FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. Tradução de Cláudia Freire. São Paulo: Unesp, 2006.
- FRÓES, Vânia Leite. O livro de horas dito de D. Fernando: maravilha para ver e rezar. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 129, p. 83-135, 2009.
- HARTHAN, John P. *L'âge d'or des livres d'heures*. Paris: Elsevier Sequoia, 1977.
- _____. *Book of hours and their owners*. London: Thames and Hudson, 1988.
- HERKENHOFF, Paulo. *Biblioteca Nacional: a história de uma coleção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.
- HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. São Paulo: Hucitec; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.
- HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. Tradução de Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- THE IMAGE of time: European manuscript books. Coordenação de Aires Augusto Nascimento. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Catálogo de exposição, Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa.

INSTITUT DE RECHERCHE ET D'HISTOIRE DES TEXTES. *Aedilis*.

Disponível em: <<http://aedilis.irht.cnrs.fr>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

_____. *Calendoscope*. Disponível em: <<http://calendriers.irht.cnrs.fr/calscope.htm>>.

Acesso em: jan. 2016.

KATZENSTEIN, Úrsula Ephraim. *A origem do livro: da Idade da Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente*. São Paulo: Hucitec; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

LABARRE, Albert. *História do livro*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1981.

LANOË, G. Enluminure. In: VAUCHEZ, André. (Dir.). *Dictionnaire encyclopédique du Moyen Âge*. Paris: Cerf, 1997. 2 v.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. 2. ed. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. História. In: *Enciclopédia Einaudi, volume 1: memória-história*. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

_____. *Uma longa Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi, volume 1: memória-história*. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984.

_____. *As raízes medievais da Europa*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Tradução de Hilário Franco Junior. Bauru: Edusc, 2006. 2 v.

- LEMOS, Ana. *Os livros de horas iluminados do Palácio Nacional de Mafra*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; Mafra: Palácio Nacional de Mafra, 2012.
- LEROQUAIS, Victor. *Un livre d'heures de Jean Sans Peur duc de Bourgogne (1404 – 1419)*. Paris: Georges Andrieux Expert, 1939.
- _____. *Les livres d'heures manuscrits de la Bibliothèque nationale*. Paris: [s.n.], 1927. 3 v.
- LITTON, Gaston. *Del libro y su historia*. Buenos Aires: Browker, 1971. (Breviários de bibliotecário).
- O LIVRO de horas de dom Fernando. Ed. fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009. 2 v.
- LOBRICHON, Guy. *La religion des laïcs en Occident XI^e-XV^e siècles*. Paris: Hachette, 1994.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. 2. ed. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MANUSCRITOS, séc. XII-XVIII: pergaminhos iluminados e documentos preciosos. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1973. Catálogo de exposição.
- MARIANA, Manuel Sanchez. *Introducción al libro manuscrito*. Madrid: Arco Libros, 1995.
- MARKL, Dagoberto. *Livro de horas de d. Manuel: estudo introdutório*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983. (Presença da imagem).
- MARROW, James H. *As horas de Margarida de Cleves*. Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian, 1995.
- _____. The Pembroke Psalter-Hours. In: CARDON, Bert; STOCK, Jan Van der; VANWIJNSBERGHE, Doninique. (Ed.). *Als ich can: liber amicorum in memory of Professor Dr. Maurits Smeyers*. Leuven: Peeters, 2002.

- MARTÍNEZ DE SOUSA, José. *Pequena história del libro*. Barcelona: Labor, 1992. (Labor. Nueva Serie, 26).
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. São Paulo: Ática, 1996.
- MATTOSO, José. *História de Portugal: a monarquia feudal (1096 a 1480)*. Lisboa: Estampa, [s.d.].
- MONTE-MÓR, Jannice. A Biblioteca Nacional em 1971. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 91, p. 359-371, 1972.
- MORGAN, Nigel; PANAYOTOVA, Stella (Ed.). *A catalogue of western book illumination in the Fitzwilliam Museum and the Cambridge Colleges, part I: the Frankish Kingdoms, Northern Netherlands, Germany, Bohemia, Hungary, Austria, the Meuse Region and Southern Netherlands*. London: Harvey Miller; Turnhout: Brepols, 2009.
- NUNBERG, Geoffrey (Comp.). *El futuro del libro: esto matará eso!* Barcelona: Paidós, 1998.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é patrimônio: um guia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- OTTOSEN, Knud. *The responsories and versicles of the Latin Office of the Dead*. Aarhus: Aarhus University Press, 1993.
- PAES, Marilena Leite. *Arquivo, teoria & prática*. Rio de Janeiro: FGV, 1986.
- PARIS, Bibliothèque Sainte-Geneviève, 2685. In: INSTITUT DE RECHERCHE E D'HISTOIRE DES TEXTES. *Bibliothèque virtuelle des manuscrits médiévaux*. Disponível em: http://bvmm.irht.cnrs.fr/consult/consult.php?COMPOSITION_ID=8231&corpus=decor. Acesso em: jan. 2016.
- PASTOUREAU, Michel. *Bleu: histoire d'une couleur*. Paris: Seuil, 2006.
- PENKETH, Sandra. Women and books of hours. In: TAYLOR, Jane H. M.; SMITH, Lesley (Ed.). *Women and the book: assessing the visual evidence*. London: British Library; Toronto: University of Toronto Press, 1997.

- PINHEIRO, Ana Virgínia. *A ordem dos livros na biblioteca: uma abordagem preliminar ao sistema de localização fixa*. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2007.
- PLUMMER, John. *The hours of Catherine of Cleves: introduction and commentaries*. New York: George Braziller, 2002.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi, volume 1: memória-história*. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984.
- PORTUGAL. Ministério da Cultura. Inventário do Patrimônio Cultural Móvel. *Inventário dos códices iluminados até 1500*. Lisboa, [s.d.]. CD-ROM.
- PRIMITIFS français: découvertes et redécouvertes. Por Dominique Thiébaud, Philippe Lorentz, François-René Martin. Paris: Réunion des musées nationaux, 2004. Catálogo de exposição, Musée du Louvre, Paris.
- RAPP, Francis. *L'Église et la vie religieuse en Occident à la fin du Moyen Âge*. Paris: Presses universitaires de France, 1994.
- REINBURG, Virginia. Prayer and the book of hours. In: WIECK, Roger. *Time sanctified: the book of hours in medieval art and life*. New York: George Braziller, 2001. Catálogo de exposição, Walters Art Gallery, Baltimore.
- RESUMO histórico. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 221-242, 1897.
- RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- ROUYEYRE, Édouard. *Connaissances nécessaires a un bibliophile*. 5. ed. Paris: E. Rouveyre, [1899]. 10 t.
- RUIZ GARCÍA, Elisa. *Introducción a la codicología*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002. (Biblioteca del libro).
- _____. *Manual de codicología*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirâmide, 1988. (Biblioteca del libro. Serie Maior, M).

- SANTI, beati e testimoni. Disponível em: <<http://www.santiebeati.it>>. Acesso em: 15 abr. 2013.
- SANTOS, Maria José Azevedo. *Ler e compreender a escrita na Idade Média*. Coimbra: Universidade de Coimbra; Colibri, 2003.
- SATUÉ, Enric. *Aldo Manuzio: editor, tipógrafo, livreiro: o design do livro do passado, do presente e, talvez, do futuro*. Tradução de Cláudio Giordano. Cotia: Ateliê, 2004.
- SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru: Edusc, 2007.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Les revenants: les vivants et les morts dans la société médiévale*. Paris: Gallimard, 1994.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *D. João VI e os livros no Brasil: o caso da Real Biblioteca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SEMINÁRIO INTERNACIONAL D. JOÃO VI: UM REI ACLAMADO NA AMÉRICA, mar. 2000. *Anais...* Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2000.
- STERLING, Charles. *Enguerrand Quarton: le peintre de la Pietà d'Avignon*. Paris: Réunion des musées nationaux, 1983.
- SUSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (Org.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004.
- TRÈS riches heures de Champagne: l'enluminure en Champagne à la fin du Moyen Âge. Por François Avril, Maxence Hermant, Françoise Bibolet. Paris: Hazan; Châlons-en-Champagne: Interbibly, 2007. Catálogo de exposição.
- LES TRÈS riches heures du duc de Berry. Texto de Raymond Cazelles e prefácio de Umberto Eco. Itália: La Renaissance du Livre, 2003. (Références). Fac-símile.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY. *Digital scriptorium*. Disponível em: <[http://bancroft.berkeley.edu/digital scriptorium/](http://bancroft.berkeley.edu/digital%20scriptorium/)>. Acesso em: 15 jan. 2009.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade da Idade Média ocidental: séculos VIII a XIII*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Tradução de Carlota Boto. Bauru: Edusc, 1999.

WALTERS ART MUSEUM. *Medieval and Renaissance Manuscripts in the Walters Art Gallery*. Organizado por Lilian M.C. Randall. Baltimore: Johns Hopkins University Press in association with Walters Art Gallery, 1989-1997. 3 v.

WALTHER, Ingo F.; WOLF, Norbert. *Los manuscritos iluminados más bellos del mundo: desde 400 hasta 1600*. Madrid: Taschen, 2005. (Obras maestras de la Iluminación).

WIECK, Roger S. *Painted prayers: the book of hours in medieval and Renaissance art*. New York: George Braziller in association with The Pierpont Morgan Library, 2004.

_____. *Time sanctified: the book of hours in medieval art and life*. New York: George Braziller in association with Walters Art Gallery, 2001.

WILMART, André. *Auteurs spirituels et textes dévots du Moyen Âge latin: études d'histoire littéraire*. Paris: Bloud et Gay, 1932.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. Tradução de Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Impresso pela Global Print Editora Gráfica LTDA.
Composição na fonte Adobe Caslon Pro 11/15,4.
Miolo em couché matte 115 g/m².
Capa em Cartão 250 g/m².